FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 28 DE FEVEREIRO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 011

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O discurso do senador

O senador Mansfield é uma personalidade de primeiro plano no Congresso americano, no Partido Democrático e na política do seu país. Faz parte da comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado e a influência que tem nas suas decisões só pode comparar-se á do seu actual presidente, Fullbright. A doença prolongada do secretário de Estado, a permanência deste á frente do departamento que ainda dirige e a falta de um substituto válido para suprir essa carência, criaram nos Estados Unidos uma situação cheia de riscos. Nominalmente o poder de decisão no domínio diplomático pertence ao presidente Eisenhower, a iniciativa ao sr. Dulles, a execução dos planos elaborados sob a sua direcção á equipa de funcionários que ele orienta e inspira. A situação que se criou impede que essas regras se apliquem.

Entretanto, a maioria democrática do Congresso desempenhará um papel cada vez mais importante na condução da política externa americana e, portanto, na da Europa Ocidental. As suas tendências são conhecidas desde o final do ano passado Os seus mais autorizados intérpretes — Fullbright, Humphrey, Mansfield, Kennedy Morse — são adversários da orientação do secretário de Estado e não escondem as razões da sua hostilidade nem dissimulam o propósito de a substituir por outra mais adequada aos interesses do seu país e da aliança que este dirige.

Essa orientação exprime-se por uma palavra — maleabilidade. Como deve ela interpretar-se e quais serão, nos tempos mais próximos, as suas manifestações? O sr. Foster Dulles era o símbolo de uma

(Continua na página seguinte)

Tirou dois dentes e recuperou a vista!

MESSINA, 28. — Umbero Pintaudi, de 28 anos, cego há anos, recuperou a vista quando arrancou dois dentes molares.

Tendo ficado cego em consequência de uma comoção cerebral provocada por um desastre de automóvel, Umbero Pintaudi sujeitou-se a diversas operações. Nenhuma deu resultado. Como o atacasse uma forte dor de dentes, mandou arrancar dois molares. E a vista voltou. Dizem os médicos que o examinaram, que a cegueira resultava do facto das raízes dos dentes comprimirem os nervos ligados ao nervo óptico. (F. P.).

Durante uma visita que fez á Universidade de Moscovo, na companhia de Selwyn Lloyd, MacMillan pronunciou uma pequena alocução perante o reitor, prof. Petrovsky, que se vê ao centro

Lutámos juntos para ganhar a guerra e lutemos agora juntos pela paz — propôs MacMillan ao chegar a Leninegrado

LENINEGRADO, 28 — «Esperanças pela paz não bastam. Temos que trabalhar pela paz» — afirmou o primeiro-ministro britanico, Harold MacMillan, ao chegar esta manhã a Leninegrado, procedente de Kiev.

Aos jornalistas que o aguardavam no aeroporto, MacMillan declarou:

«A primeira coisa essencial é que cada um compreenda o ponto de vista alheio».

«E' essa a razão por que aceitei o convite para vir aqui. Há muitas divergências entre os nossos povos, mas elas são pequenas, quando comparadas com aquilo que temos de comum. Temos um interesse indeclinável na paz.

«Lutámos juntos para ganhar a guerra, e lutemos, agora, juntos pela paz.

«Se houver alguma possbilidade de melhor entendimento, a minha visita não terá sido em vão».

Em Leninegrado, aguardava MacMillan, que estava acompanhado pelo embaixador da Grã-Bretanha em Moscovo, «sir» Patrick Reilly, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, André Gromyko.

A' sua chegada ao aeroporto, MacMillan foi saudado pelo presidente da Camara Municipal de Leninegrado, Nicolau Smirnov, que no seu discurso recordou a «luta em comum» travada contra os Alemães na segunda guerra mundial.

MacMillan passou depois revista

(Continua na ultima página)

O caso de Goa no Tribunal da Haia

HAIA, 28 — A queixa apresentada por Portugal contra a União Indiana, por esta se recusar a reconhecer o direito de acesso aos territórios de Dadrá e Nagar-Aveli, figura entre os novos processos que os 14 juizes do Tribunal de Justiça Internacional, que regressaram agora a Haia, depois das férias de Inverno, terão de julgar durante os meses mais próximos.

Os ultimos documentos escritos, a *tréplica* da União Indiana, foram entregues na secretaria do tribunal no dia 5 de Fevereiro e o processo encontra-se agora pronto para se iniciarem os depoimentos verbais.

Espera-se que o tribunal fixe, ainda esta semana, a data da primeira audiência

Os membros das duas delegações estão a trabalhar intensamente, tanto em Lisboa como em Nova Delhi, Londres e Goa, a fim de coligirem o maior numero possível de elementos que possam servir de argumento contra quaisquer eventuais contestações da parte contrária.

Julga-se provável que, apesar de não ser excluída a hipótese de as audiências para os depoimentos verbais só começarem em meados de Setembro, depois das férias de Verão, o tribunal resolva fixar o início dos debates para fins de Maio. — (A. N. I.).

O chanceler Adenauer entrega ao general de Gaulle a defesa dos interesses da Alemanha Federal

BONN, 28.—Hostil a princípio, reticente em seguida, o chanceler Adenauer acabou por reconhecer que o homem mais qualificado para falar em nome da Europa é o general de Gaulle. Esta é a opinião que se exprime nos círculos políticos de Bonn a poucos dias da conferência entre o chefe do Governo da Republica Federal e o presidente da Republica francesa.

Um alto funcionário alemão disse com espírito:

«Terça-feira próxima, no Eliseu, de Gaulle e Adenauer vão estabelecer um plano de campanha, que se dirige muito mais contra os seus amigos comuns — a Inglaterra e os Estados Unidos — do que contra o inimigo comum — a União Soviética».

No plano internacional, os dois estadistas foram sempre e continuam a ser os mais firmes advogados de uma política enérgica relativamente a Berlim. Tanto um como o outro, tentaram fazer compreender a Londres e a Washington que a projectada viagem de MacMillan a Moscovo comportava mais riscos do que vantagens, e os acontecimentos ainda os não desmentiram.

Finalmente, acham que a melhor forma de não haver «aborrecimentos» com os Russos é colocá-los perante as suas próprias responsabilidades e insistir nas consequências que poderia ter qualquer decisão unilateral que tomassem em Berlim.

A iniciativa da entrevista do dia 4 de Março é do presidente de Gaulle que, passando «por cima» das embaixadas de Paris e de Bonn, transmitiu directamente o seu convite ao chanceler Adenauer.

Não há duvidas aqui de que os dois estadistas terão argumentos

(Continua na ultima página)

A EUROPA E O PROBLEMA ALEMÃO — (3)

As contradições da politica de Adenauer em relação à União Soviética e à reunificação alemã

PARIS, *Fevereiro* — Na atitude do chanceler Adenauer em relação á União Soviética avulta uma contradição paradoxal. Ao mesmo tempo que entrava as negociações entre as nações ocidentais e Moscovo sobre o futuro do seu país, parece sempre disposto a negociar, ele, directamente, com os Sovietes. Trata-se de uma contradição aparente. As conversações germano-soviéticas, tal como as entende, figuram no quadro da sua política hostil ás conversações Leste-Ocidente sendo uma forma de as sabotar.

Em tese, as conversações entre Bonn e Moscovo não têm sentido. O ponto de vista invariávelmente defendido pelo Governo de Bonn, é o de que aos Quatro Grandes (vencedores) compete dar solução ao problema da reunificação alemã.

(Continua na página seguinte)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

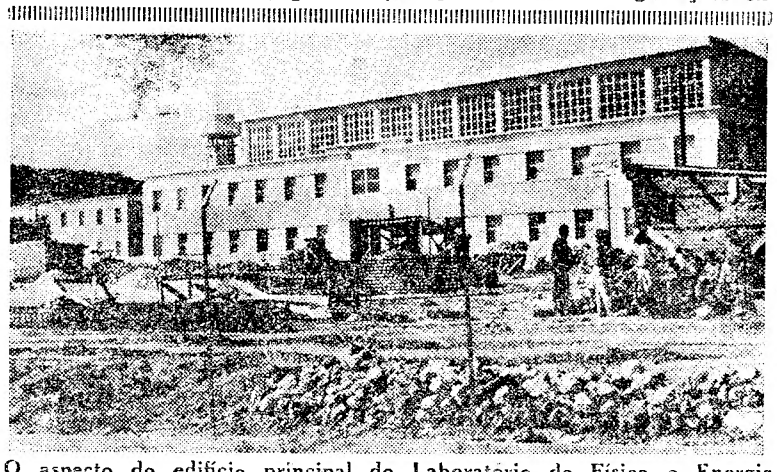
Aqui há mariscos, cuidado!

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A conservação da saúde consiste na recta observância de seis coisas não naturais, que são: o Ar ambiente; o Comer e o Beber; o Sono e a Vigília; o Movimento e o Descanso; os Excretos, e os Retentos; e as Paixões da alma... A Escola de Salerno, querendo dar documentos para conservar a saúde, fundou-os a todos sobre o bom uso e a administração dessas seis coisas... Tinha razão Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandela, quando destarte escreveu em sua «Ancora Medicinal para conservar a vida com saúde» (segunda impressão, Lisboa, 1754). Era médico do «Augustíssimo Rey de Portugal D. João V» e sabia do ofício e arte de curar. Nesse precioso livro se refere á lagosta (a lagosta é peixe duro), ao «logabante» (semelhante á lagosta, assim na figura como na natureza), á «centola» (indigesta, difícil de cozer), aos camarões (que têm virtude contra o veneno do cão danado), caranguejo, conchas, berbigões (os pós das suas conchas alimpam os dentes), mexilhões, «longueirões», caramujos, «porceves», ostras, amêijoas, caracóis (terrestres, marinhos, fluviais, que se corrompem com facilidade) e o ouriço marinho, que, segundo Marcial, «nutre pouco...».

Não é só em Portugal que se mor-

(Continua na 6.ª página)



O aspecto do edifício principal do Laboratorio de Física e Energia Nuclear, em construção no sítio do Poço da Praia, em São João da Talha, entre Sacavém e Alhandra, onde será instalado o primeiro reactor atómico que funcionará no nosso País

Visado pela Comissão de Censura

Diario de Lisbôa publica hoje **32 páginas** nas quais se inclui **MAGAZINE**

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

FEIXE DE IMAGENS

CONTINUA a desenvolver-se o plano de construção ou ampliação de escolas para o ensino primário. Algumas cantinas vão sendo instaladas. Ontem, nos Monumentos Nacionais, foram abertos concursos para adjudicação das obras de construção de 22 novas escolas (50 salas de aula), 4 ampliações e duas cantinas, tudo num total de 3.800 contos. Lisboa, Leiria, Portalegre e Setubal (ou seus distritos) são os centros escolhidos para esta série de pequenas grandes realizações.

*** Tinha a cabeça profundamente ferida e mergulhada na água do regato. Os que foram dar com ela morta admitiram que a moleira Elvira de Jesus (73 anos, Quinta das Laranjeiras, Espinho de Mangualde) tinha morrido de morte natural. Mas, á porta da sua casa de solteirona solitária apareceu uma dedada de sangue denunciante. A Elvira fora assassinada e as autoridades vão saber quem foi o assassino.**

*** Dois acidentes idênticos, ocorridos em lugares diferentes: na Mealhada, foi trucidado pelo comboio Manuel Sousa Carvalho (61 anos, daquela vila); perto do apeadeiro de Chelas, outro comboio colheu mortalmente o pedreiro Joaquim Dias (43 anos). Não se lhe conhece a residência, se é que a tinha.**

*** Houve batalha campal, para os lados do Bairro de Santa Cruz (entre Damaia e Benfica). Eram ciganos espanhóis e ciganos portugueses os contendores, instalados ali nas vizinhanças. Por causa de velhas rixas, pegaram-se e lutaram corpo-a-corpo, só não continuando a luta, porque as esculcas avisaram que vinha lá a Polícia. Quando esta chegou, tudo eram risos e paz dominical: só as mulheres brincavam com as crianças...**

*** Três histórias proibidas, porque ás crianças deviam ser defesos a dor e o castigo de culpas não praticadas: em Benedita (Bairro da Figueira) afogou-se num poço um menino de 3 anos, filho de José da Silva Isabel; em Paranhos da Beira, ficou completamente cego um rapazinho de 10 anos (José Emídio Figueiredo Martins) devido á explosão de um morteiro; e em Alvega (lugar de Casa Branca) um automóvel colheu mortalmente uma menina de 4 anos (filha de Francisco Marques Alexandres), que teimara em correr para a morte.**

JORNAL PEQUENO

COM o Presidente do Conselho trabalhou o ministro dos Negócios Estrangeiros. * Morreu em consequência de queda, Maria Augusta Ferreira, de 75 anos (Rinchoa). * Uma pobre anciã (Emília da Conceição, 82 anos, residente em Vale Galego, Alvorge) estava a cozinhar, pegou-se-lhe o fogo ás roupas e morreu horrívelmente queimada. * Ana Rosa de Jesus (68 anos, Codal, Vale de Cambra) caiu da escada a que subira para cortar um silvado e morreu. * Um automóvel passou na estrada próximo da Eira do Juncal (Matacães) atropelou gravemente o jornaleiro José Romão (33 anos, Abadia) que regressava do trabalho. O motorista apagou os faróis e desapareceu. Mas está a ser procurado pela Polícia.

O PADRE PIERRE

lançou nova campanha

a favor dos pobres

DOUAI (Norte da França), 28. — O padre Pierre, o apóstolo francês dos desprotegidos da sorte, desencadeou nova campanha para encontrar alimentação e abrigo para milhares de pessoas pobres em toda a França.

O sacerdote pediu aos ricos que abandonem o seu egoísmo, e ás classes médias, que participem na sua obra de fraternidade.

Perante uma audiência constituída por milhares de pessoas, o padre Pierre pediu a todas as pessoas de boa-vontade que se juntem no combate contra a miséria em França.—(Reuter).

Roubo importante

PORTLAND (Maine), 28. — Três bandidos praticaram um roubo de diamantes no valor de 60.000 dólares (cerca de 1.740 contos), num escritório situado numa das principais ruas da cidade, depois de amarrarem e amordaçarem Franck Collman, o joalheiro proprietário das pedras. — (A. N. I.).

Parto quádruplo

CHEYNNE, 28. — Quatro gémeos nasceram hoje no Hospital de Cheynne, mas um não sobreviveu.

A mãe, Margareth Williamson, de 23 anos, e as três crianças sobreviventes — uma rapariga e dois rapazes — encontram-se bem. Margareth tinha já quatro filhos. — (A. N. I.).

O discurso do senador

(Continuação da página anterior)

hostilidade total ás reivindicações soviéticas. Para ele o diálogo com os Russos estava condenado a malogro certo e não valia sequer a pena entabulá-lo. O seu imobilismo correspondia a essa concepção das realidades e era já objecto de vivas críticas quando o secretário de Estado voou á Europa, num esforço desesperado, para ocultar com a aparência de concessões formais a continuidade da sua política intransigente.

Num discurso sensacional que há dias fez, o senador Mansfield demoliu-a e preconizou outra que, segundo ele, deve assentar em três pontos: negociar com a União Soviética sem complexos de inferioridade nem arreganhos de força; resolver o problema alemão partindo de negociações directas entre a Republica Federal e Alemanha Oriental e dando tempo a que a reunificação se estruture em realidades sólidas e não em «eleições livres»; reconhecer o Governo de Pequim e tratar com este em pé de igualdade, pondo termo á tensão no Extremo Oriente.

O senador Mansfield baseou as suas conclusões em regras de bom senso difíceis de contestar. Qual é, perguntou, a alternativa da negociação com os Sovietes? O Apocalipse nuclear. Há alguma fórmula para a reunificação da Alemanha sem o assentimento dos Sovietes? A que corresponde a ficção de uma China refugiada na Formosa e alimentada pelos empréstimos americanos? Tais foram as perguntas que formulou no seu discurso, o qual marcou uma data na evolução da política externa americana.

«A política que preconizo, declarou no final desse discurso, é a única que os homens sensatos em todo o Mundo esperam ver-nos fazer. Esses homens não compreendem outra e não lhe darão a sua colaboração consciente e viril, a qual, mais do que nunca, é necessária para triunfarmos na competição em que estamos empenhados». Essa política que, se pensarmos no passado recente tem um sentido revolucionário, «não está sequer elaborada, nada foi preparado para a levar a bom termo», segundo disse. O que não impede que, segundo o senador Mansfield, seja a única que pode salvar a paz e salvaguardar os conceitos de liberdade e tolerancia em que assenta a civilização ocidental.

A Europa e o problema alemão

(Continuação da página anterior)

Além disso, o Governo soviético afirma que o problema alemão deve ser resolvido por entendimento entre as duas Alemanhas. Nada disso impede que o Governo de Bonn, sempre que isso lhe convém, mostre a intenção de tratar directamente com o de Moscovo.

Quando é que isso lhe convém? Quando há sérias possibilidades de que o diálogo Leste-Ocidente conduza a resultados positivos. Foi, por exemplo, o que aconteceu quando da conferência de Genebra de Julho de 1955. O chanceler apressou-se a visitar Moscovo em Setembro desse ano, brandindo a ameaça de uma aproximação com a União Soviética, o que levou os Ocidentais a darem por não dito o que tinham resolvido em Julho, no sentido de facilitar um desanuviamento nas relações internacionais.

Uma manobra que se repete

No Outono de 1956 o chanceler repetiu a manobra quando a ofensiva de paz soviética parecia prestes a produzir resultados positivos e nas capitais ocidentais soprou um vento favorável ao desanuviamento com os Sovietes. Em Setembro desse ano, o Governo de Bonn, em notas dirigidas aos Quatro Grandes, levantou o problema da reunificação da Alemanha mas ao de Moscovo dirigiu também um memorando especial no qual dava a entender o desejo de chegar a acordo com os Russos.

Enquanto nas notas enviadas ás capitais ocidentais o Governo federal insistia em que não devia haver nova conferência dos Quatro Grandes no mais alto nível (chefes de Governo) sem estarem reunidas as condições do seu êxito o que serviu de pretexto para a adiar, e na nota enviada a Moscovo indicavam-se as condições em que a conferência devia realizar-se e dava-se a entender que ela seria bem sucedida.

Esta contradição explica-se fácilmente. No pensamento do chanceler Adenauer não se tratava de negociar sériamente com os Russos e ainda menos de chegar a acordo com eles, mas de dar a impressão aos aliados da Alemanha de que esta estava preparada para negociar e para se entender com os Sovietes.

Sugestões incríveis

Pela primeira vez o Governo de Bonn tratou, directamente, com o de Moscovo do problema da reunificação alemã, numa linguagem positiva, pondo-o em termos realistas e tendo em conta as exigências da segurança da U. R. S. S. Ter em conta essas exigências equivalia a subordinar-lhes a reunificação e, portanto, a não lhe dar a prioridade que até então tivera nas negociações entre Russos e Ocidentais. Em Julho de 1955, em Genebra os segundos reconheceram aos primeiros o fundamento das suas reivindicações quanto á segurança do seu país, o que bastou para o chanceler logo fazer tudo para invalidar as decisões que nesse sentido foram tomadas.

Esta maneira de encarar o problema da reunificação alemã levava o Governo de Bonn a conclusões inesperadas sobre os métodos a pôr em prática para o resolver. Embora a questão dos métodos pareça secundária, foi nela que esbarraram, até hoje, as tentativas de acordo entre o Ocidente e a Russia. Insistindo na realização de eleições livres, o Governo de Bonn no memorando que então enviou a Moscovo ligava a sua realização com as exigências da segurança soviética, reconhecendo que os Russos têm o direito, de nesse ponto, receber todas as garantias.

No referido memorando dizia-se, claramente, que a reunificação da Alemanha não devia desequilibrar a balança de forças entre as nações ocidentais e a União Soviética, e acrescentava-se que a Alemanha reunificada teria direito de ingressar na aliança atlantica ou ficar fora dela. O Governo federal foi ao ponto de invocar o plano Eden para a criação de uma zona desmilitarizada no centro da Europa, onde passa a linha divisória dos dois blocos antagónicos. Quando em Genebra esse plano foi apresentado pelo autor não o tiveram em conta satisfazer as reclamações do Governo de Bonn que o rejeitava terminantemente como mais tarde rejeitou o plano Rapacki que aquele prefigurava

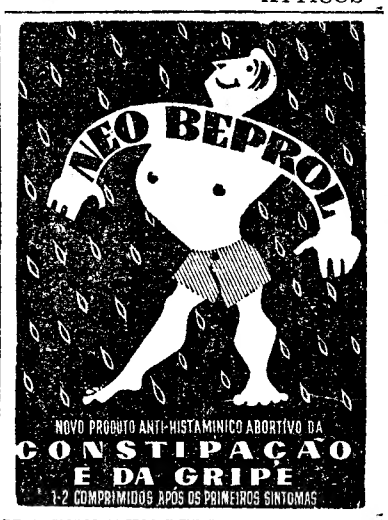
Uma manobra com êxito

E' fácil de calcular a inquietação que essa diligência do Governo de Bonn suscitou nas capitais ocidentais, embora esta fosse menor do que a que despertou nas mesmas capitais a viagem a Moscovo um ano antes do chanceler. O efeito nos dois casos foi fulminante e em ambos os Ocidentais cederam perante a manobra de intimidação alemã. O chanceler conseguiu assim paralisar a iniciativa dos Ocidentais para se aproximarem da União Soviética.

Em 9 de Setembro (1956) a agência americana United Press dizia que o Governo de Washington nada faria para encorajar, nem para desanimar a tentativa de aproximação entre Bonn e Moscovo o que era significativo pois no passado os Americanos sempre haviam manifestado o seu agrado por essa aproximação. Os esforços do Governo federal, dizia uma notícia daquela agência, para entabular conversações directas com os Russos eram vistos em Washington sem grande satisfação, ao contrário do que até então se dera, e mesmo as garantias dadas pelo chanceler de que nada faria sem consultar préviamente os Estados Unidos não bastaram para restabelecer a tranquilidade entre os dirigentes deste país.

A United Press acrescentava que, no fundo, as nações ocidentais receavam ver os Alemães sacrificar a sua amizade com elas a uma aproximação com os Russos, no caso de estes aceitarem a reunificação alemã. Estas informações ajustavam-se á realidade. Em Outubro (1956) a secretaria de Estado enviou a Bonn o subsecretário Murphy para se informar directamente das verdadeiras intenções do Governo federal e dar a esta a garantia de que, em caso algum, se modificaria a intransigência dos governos ocidentais. Como acontecera em 1955, no ano seguinte a política do Ocidente continuou a ser efectivamente ditada pelo chanceler Adenauer.

ATTICUS



Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Organização Científica da Produção e Formação de Quadros na Industria

Para efeitos de apuramento e eventual utilização de especialistas e instituições que se achem preparadas para trabalhar em técnicas de organização e formação de pessoal para as industrias, convidam-se as entidades nessas condições a entrar em imediato contacto com o Instituto Nacional de Investigação Industrial, Av. Miguel Bombarda, 6 — Lisboa, 1.

VIDA RELIGIOSA

No Instituto dos Pupilos do Exército

400 alunos receberam a comunhão ministrada pelo cardeal-patriarca

Sob a presidência do sr. cardeal-patriarca de Lisboa, celebrou-se hoje, na igreja de São Domingos de Benfica, a comunhão pascal dos alunos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

Às 9 e 30, chegou ali o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do beneficiado dr. Isaías Rosa. Uma formatura de alunos, de grande uniforme e armados de espingardas, com bandeira e guião e a banda de musica de Caçadores 5, prestou-lhes a guarda de honra.

Já ali se encontravam o coronel Almeida Fernandes e o tenente-coronel Costa Gomes, ministro e subsecretário de Estado do Exército, que haviam sido recebidos com idênticas honras.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira celebrou missa, acolitado pelo cónego D. João de Castro (Nova Goa) e por monsenhor Isaías Rosa, dirigindo as cerimónias o padre Correia Leal, capelão do Instituto.

O sr. cardeal-patriarca fez uma prédica, alusiva ao acto, e, no fim da missa, deu a comunhão a cerca de 400 alunos, após o que distribuiu, também, a sagrada partícula a muitas senhoras, das quais algumas das famílias dos professores e dos estudantes.

Fez-se ouvir o grupo coral do Instituto, dirigido pelo professor Cerqueira.

Prestaram honras ao altar, do lado do Evangelho, a bandeira e o guião, com escolta, e, do lado da Epístola, alunos de espadas desembainhadas.

No transepto, tomaram lugares, além dos dois membros do Governo, o general Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa; o general Correia Leal, presidente da Comissão Superior de Educação Física; os brigadeiros Pereira Castro, director do Colégio Militar; Jorge Oom e Carlos Chaby, representantes das Escolas Naval e do Exército, da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal, directora e subdirectora do Instituto de Odivelas e pessoas das famílias de professores e alunos.

Todas as entidades foram recebidas pelo director e subdirector do Instituto, coronel Alfredo Ferreira Gonçalves e major Subtil.

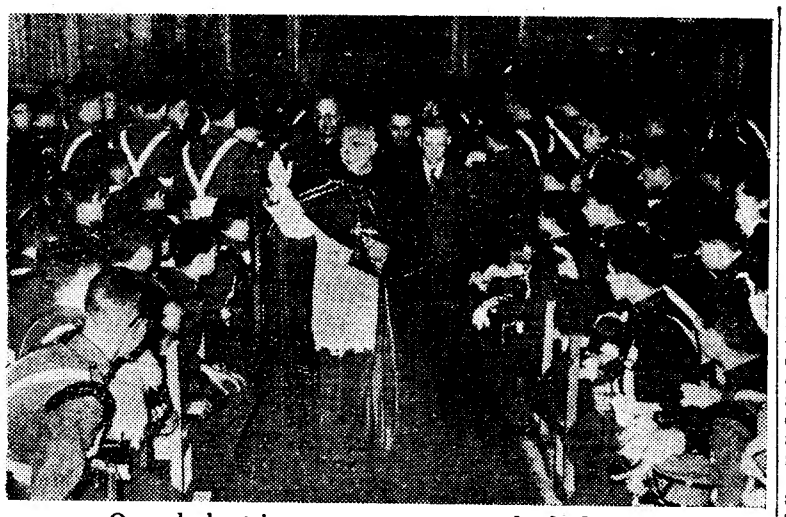
O templo estava ornamentado, interior e exteriormente, com panejamentos de seda azuis e brancos, franjados a ouro.

Findas as cerimónias, foi a todos servido um pequeno almoço.

Semana Nacional de Estudos da Acção Católica

Pela primeira vez, os dirigentes de todas as organizações e sectores da Acção Católica Portuguesa vão reunir-se numa Semana Nacional de Estudos, comemorativa do 25.º aniversário do movimento oficial do apostolado dos leigos.

Nesta Semana de Estudos, que se realizará em Fátima, de 31 de Março a 4 de Abril, estão previstas três sessões plenárias, para apresentação dos temas «Fundamentos Teológicos do Apostolado dos Leigos», «O Pensamento da Igreja Relativamente á Missão do Laicado e Particularmente da A. C. no Nosso Tempo» e «A Situação Religiosa em Portugal». Está também prevista a realização de dois simpósios: um sobre o Ultramar e o outro acerca de «O Apostolado nas Perspectivas de Evolução da Sociedade Portu-



O cardeal-patriarca ao entrar na capela do Instituto

O centenário do Dr. Alfredo da Costa foi evocado na Maternidade com o seu nome

Quando há meio século o dr. Alfredo da Costa lutava pela criação de uma maternidade, numa casa em que, pela primeira vez, se articulassem e entrassem em equação, para uma melhor solução, todos os problemas ligados á assistência á maternidade, talvez não houvesse em Lisboa quem o pudesse compreender. Formulara, com muita luta, muito esforço, num sótão do Hospital D. Estefania, numa enfermaria maternal mas a profilaxia, a puericultura, a pré-natalidade, tudo eram problemas que se ficavam na sua enunciação.

Professor da antiga Escola Médica de Lisboa, presidente da Sociedade de Ciências Médicas, cirurgião, obstetricista, o seu sonho só em 1932 se faria realidade, com a inauguração da Maternidade que muito justamente recebia o seu nome, consagrando já na morte, quem na vida tão apaixonadamente lutara pela sua realização.

Hoje, que passa o centenário do seu nascimento em Salsete (India Portuguesa) a Maternidade dr. Alfredo da Costa não esqueceu a obra do seu patrono. Além de actos religiosos que mandou celebrar em sua memória, o corpo clínico e o restante pessoal foi ás 12 e 15 colocar flores junto do busto que preside, no átrio, aquela casa de assistência ás mães pobres. Não houve discursos mas um minuto de silêncio, de algum modo tão expressivo, como as palavras proferidas pelo prof. Costa Sacadura no «Caso do dia», ao microfone da Emissora Nacional, lembrando a sua memória de generosa, sóbria e humana evocação.

A esquadra inglesa no Tejo

Continua fundeada no Tejo a esquadra britanica que, na quarta-feira, deixa o nosso porto, a fim de navegar em direcção a Gibraltar, para mais tarde se fazer, novamente, ao mar para a continuação de uma série de exercícios que terão a participação de outras marinhas de guerra, nomeadamente da França e da Dinamarca.

O programa de hoje começou a cumprir-se de manhã, com um encontro de futebol entre um grupo da esquadra e um misto do pessoal da Base Naval do Alfeite, que terminou com o resultado de 5-1, a favor dos Portugueses.

No decorrer da tarde realizaram-se duas visitas ao navio-almirante «Tyne», em que tomaram parte alunos do Colégio Militar e da Obra Social da fragata D. Fernando.

Amanhã, todas as unidades se encontram patentes ao publico até ás 17 horas.

Situação angustiosa

Para a ajuda da compra de uma perna artificial, para o antigo empregado de «café» Adão Gonçalves Ferreira, recebemos de um anónimo a quantia de 50 escudos.
guesa».

Foi regulado o fabrico dos refrigerantes engarrafados

Um decreto-lei, publicado pelo Ministério da Economia, fixou as características a que deve obedecer o fabrico dos refrigerantes engarrafados.

Esta decisão é justificada, no preambulo daquele diploma: pela preocupação do Governo da «defesa da saúde pública, quanto ao aspecto sanitário dos produtos alimentares»; por as normas sobre a preparação e a restrição do fabrico daqueles refrigerantes já contarem mais de vinte anos e se mostrarem inadequadas; e porque «pesquisas sobre alguns refrigerantes engarrafados de consumo corrente, levadas a efeito, por amostragem, no Laboratório Central de Normalização e Fiscalização de Produtos, conduziram a resultados alarmantes quanto á inocuidade de muitos deles».

Acrescenta-se:

«A industria de refrigerantes deve distribuir-se, actualmente, por mais de quatrocentos e cinquenta estabelecimentos, com uma produção anual de, aproximadamente, oitenta milhões de garrafas, com o valor de mais de 50.000 contos. Trata-se, em regra, de pequenas e médias unidades industriais, deficientemente instaladas, utilizando água e outras matérias-primas de salubridade duvidosa e com uma linha de produção higiénicamente condenável».

PORTO DA BEIRA

E' de 3.763 contos a base de licitação do concurso para a apresentação do projecto e a contrução do edifício dos serviços de exploração do porto da Beira.

Subsídio de 400 contos a um historiador sul-africano

A Fundação Gulbenkian concedeu ao escritor e arqueólogo sr. dr. Eric Axelson, professor da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, um subsídio de cerca de 400 contos para auxiliar os trabalhos complementares da obra que aquele erudito sul-africano está a preparar sobre «Os Portugueses do Sudoeste Africano desde 1488 até 1891».

CUMPRIMENTOS ao presidente da Junta do Vinho

Em virtude da declaração da Secretaria de Estado do Comércio, manifestando a inteira confiança do Governo no presidente da Junta Nacional do Vinho, o sr. dr. Mário de Oliveira recebeu hoje ali expressivas manifestações de simpatia. Os funcionários daquele organismo, quiseram também expressar-lhes a sua satisfação pela atitude do Secretário de Estado do Comércio, e para esse efeito aguardaram á entrada do edifício da sede daquele organismo o seu presidente, a quem receberam com uma calorosa salva de palmas.

Improvisou-se, depois, uma sessão de homenagem no gabinete do sr. dr. Mário de Oliveira, durante o qual foi de novo salientado o regozijo de todos pelo voto de confiança que lhe foi superiormente conferido, o que o presidente da Junta agradeceu muito sensibilizado. Muitas individualidades apresentaram, igualmente, as suas felicitações ao sr. dr. Mário de Oliveira, quer telefónica, quer telegráficamente.

Monda química

Vinte e oito lavradores de Beja e Evora iniciaram, no ano findo, a monda química por avião.

PARFUMS

JACQUES HEIM

15, Av. Matignon

PARIS

Jacques Heim, o grande costureiro e ditador da moda parisiense, encontra-se desde hoje representado em Portugal através dos perfumes e colónias J'AIME e dos batons ADÁGIO, ALLEGRO, VIVACE e ANDANTE.

Estes produtos de elevado preço mas de categoria insuperável, foram exclusivamente distribuidos pelos depositários oficiais.

BRITO & BRITO — Av. da Liberdade, 236-r/c
BRUNA & RENZO — L. de S. Carlos, 8-1.º
CASA DAS MEIAS — Arcadas do Parque Estoril
CASQUILHO — Av. Guerra Junqueira, 3-A
CASSANDRA — R. Jardim do Regedor, 15
FÁTIMA — A. Barbosa du Bocage, 120-B
FLORENÇA — R. do Ouro, 260
J. PIRES TAVARES, SRS. — R. 1.º de Dezembro, 120-A
MARISI — Praça de Londres, 12-A
MIMOSA — R. do Ouro, 102
ROSA D'OURO — R. do Ouro, 279
SORAYA — R. Infantaria, 16-58

UMA REPRESENTAÇÃO DA TEQUILABO
RUA D. ESTEFÂNIA, 22-1.º — LISBOA

Sal de Fruta ENO dá boa saúde

todos os dias!

ECONOMIZE! Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco largo é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

A B C

EMP. TEATRAL ABC, LDA.—T. 366745
PARA MAIORES DE 17 ANOS

12.ª SEMANA

HOJE
E TODAS AS NÒITES ás 20.30 e 22.45
AMANHA ESPECTÁCULO A'S 16 HORAS

JOSÉ MIGUEL apresenta: O GRANDE CARTAZ DA GARGALHADA

VINHO NOVO

UM ELENCO POPULAR * A unica sala do Parque Mayer com aquecimento

Exitos que são o orgulho do "Dancing das multidões"

O FAMOSO E APLAUDIDO CANTOR ITALIANO
PIPPO LIVOLSI
COM O SEU ESCULTURAL E MARAVILHOSO
BALLET ARCOBALENO
A TALENTOSA E FASCINANTE VEDETA
AURELIA RIOS
EM BAILADOS DE ESTILO CLÁSSICO

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)
MUITO BREVE 5 ESTREIAS

LES VILLALTA
NO SEU REPORTÓRIO TRIUNFAL
TRIO MADRID
em vibrantes dancas e canções flamencas
LILONGO
ESBELTA VEDETA FRÍVOLA
e ainda VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALAO TIPICO: Esmerado serviço de ceias com «MANOLLILO DE BERBES» em CANTARES FLAMENCOS

VISITE

A EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ELECTRO-DOMÉSTICO DA
Standard Electrica
RUA AUGUSTA
19
(Junto ao Arco)
Máquinas de lavar «Candy»
Aspiradores «Elfa»
Batedores de massas
Moinhos de café
Máquina de barbear «Royal Matic»
Aquecedores «Lorenz»
Gira-discos
Discos das melhores marcas
E TODA A APARELHAGEM DE QUE O SEU LAR NECESSITA

TEATROS E CINEMAS

«Costureirinha da Sé», no Eden

O dístico «lotação esgotada» que o Eden apresentava ontem, afixado nas suas bilheteiras, era sinónimo da expectativa com que o publico aguardava o novo filme nacional — um novo filme de Manuel Guimarães. «Estávamos todos ali», como diria Fernando Pessa na apresentação dos intérpretes, «para constatar que a Tobis ainda existia...».

«A costureirinha da Sé» é mais um filme português. Nem a competência de Manuel Guimarães, nem a perícia de Perdigão Queiroga conseguiram iludir um argumento difícil e dar-lhe uma aceitável forma cinematográfica.

Se toda a peça de teatro quando adaptada ao cinema levanta problemas graves e deixa sempre descontentes os amantes das duas artes, uma opereta que obteve exito noutros tempos, (e não é muito lisonjeiro o êxito desses tempos...) é, desde logo, um «perigo» para o cineasta.

Assim, Manuel Guimarães que já nos dera esse sóbrio documentário sobre «O desterrado» e tinha mostrado a sua natural vocação para o cinema em filmes como «Nazaré» e «Saltimbancos», não consegue encontrar ainda as verdadeiras condições de que necessitaria para realizar trabalho honesto e consciente de que, estamos certos, seria capaz.

Esperando que a produção nacional se convença de que é ela que molda o gosto do publico e que este não exige a um filme português o falso nível popular que insistem em emprestar-lhe, continuamos a aguardar que sejam dadas a Manuel Guimarães as condições necessárias ao desenvolvimento e exposição do seu talento.

O auxílio de Perdigão Queiroga, que manobrou com consciência o cinemascópio e a cor, vem trazer ao filme um valor positivo — a fotografia.

De toda uma trama e de toda uma interpretação dessa trama nem vale a pena falar. «A costureirinha da Sé» é conhecida de todos e as possibilidades dos actores do nosso teatro ao trabalharem para o cinema também o são. E, podem ser constatadas nesta nossa produção nacional que, certamente, ficará largas semanas no cartaz do confortável cinema dos Restauradores. — *Visor 32*.

No final da exibição, foram ao palco as artistas Maria de Fátima Bravo, Lina Maria, Alina Vaz, Alma Flora e Maria Olguim, que receberam fartos aplausos do publico e lindos ramos de flores da casa «Paris-Chiado». Também foram aplaudidos pela assistência o realizador Manuel Guimarães e o operador Perdigão Queiroga.

Companhia Portuguesa de Circo, no Coliseu

No Coliseu fez ontem a sua apresentação uma companhia portuguesa de circo que se despede já amanhã, á noite, mas que merece ser vista hoje e na «matinée» de domingo, com simpatia e admiração pelo valor dos nossos compatriotas, alguns com categoria internacional, como o Grande Moisés; as ginastas irmãs Julietas, Cardinali em percha e o argolista Lourador, que se exibem a grande altura e sem rede; o trio Rollins, patinadores em circulo minimo; o excentrico Waldemar; o trio Mariani em prodigios de equilibrio no róla-róla; o ilusionista Aguinaldo, que nos faz perder confiança nos olhos por não vermos como escamoteia; pombos amestrados, e um chimpanzé e até um burro; duas parelhas de palhaços, Irmãos Campos e Amery e Carlitos, e os muitos faz-tudos de Luciano. Olga França, a locutora e Fabininho apresentaram a simpática companhia.

Atrás do reposteiro

A tradução da peça «A' espera de Godot», em ensaios no Teatro da Trindade, é de Nogueira Santos.

—A peça «Vida fácil», original de Armando Vieira Pinto, que vai ser representada no Teatro Avenida será ensaiada pelo actor Rogério Paulo, que também será um dos seus intérpretes.

—Na terça-feira, os autores da revista «Champagne saloio» deslocam-se ao Porto para, no Teatro Sá da Bandeira, assistirem aos respectivos ensaios, que se estão a realizar sob a direcção de Rosa Mateus.

—Hoje e amanhã, na Academia de Santo Amaro, é representada a revista «Aqui é Portugal».

—A companhia do Teatro ABC, na sua deslocação ao Porto, deve actuar no Teatro-cine Águia d'Ouro.

—O grupo cénico do Orfeão Tomás Alcaide de Estremoz está a ensaiar para subir á cena no Teatro Bernardim Ribeiro, a peça «O meu caso», original de José Regio.

—E' na tarde de 9 de Março que, no Cinema Império, se realiza a festa de despedida do tenor Domingos Marques, que seguirá para o Brasil, contratado para participar na interpretação dum filme luso-brasileiro.

—Do maestro-compositor Joly Braga Santos, será cantada esta época em S. Carlos a ópera «Merope».

—Vindos de Itália são esperados amanhã o empresário José Miguel e o escritor teatral Nelson de Barros.

Teatro infantil

amanhã, à tarde, no Monumental

Vasco Morgado apresenta amanhã, ás 18 e 30, no Monumental, um novo programa de Teatro Infantil, com o simpático elenco do

(Continua na 6.ª página)

«Teatro por dentro», no Conservatório

Quebrando a barreira que separava os alunos de teatro do Conservatório, do publico que, mais tarde, viriam a enfrentar, entrámos ontem no Estudio de Teatro, daquele estabelecimento de ensino, para ouvir uma conferência do dr. Fernando Amado, professor de «Arte de Representar» e «Estética teatral», sobre o «Ensino do teatro» e assistir a apresentação da peça em 1 acto «O que o publico não vê» ou «O teatro por dentro», também da autoria de Fernando Amado.

Numa entrevista dada ao nosso jornal logo após ter assumido a regência da cadeira de «Arte de Representar», no princípio deste ano lectivo, o dr. Fernando Amado confessara-nos o seu desejo, quase já uma decisão, de trazer os seus alunos ao convívio do publico e dar-lhes a conhecer a entidade que é impossível ignorar no ensino do teatro, posto que a Arte só se realiza plenamente com o calor da sua presença. Ontem, o seu desejo tornou-se realidade.

Na sua conferência, F. Amado definiu quais devem ser as coordenadas orientadoras dum curso de arte cénica, insistindo na fação de que o aluno deve ter sempre presente que o teatro é uma Arte. «Porque no teatro tudo é «consciência». E aquela fascinante «naturalidade», meta suprema do actor, há de ser obra de estudo e de conquista».

Depois, sendo uma arte, o teatro vive irrecusávelmente de uma vocação que é preciso tornar explícita através de um ensino lucido que desenvolva as qualidades e a imaginação do aluno, ao invés de lhe propor um macaqueamento dos toros e das virtudes do mestre.

Apontando os grandes erros do ensino da arte a que tem dedicado toda a sua vida, Fernando Amado demonstrou ser a facilidade o maior inimigo de uma completa realização na medida em que o sentimento de facilidade esgotará no aluno o desejo de conquista: E' preciso estimular o futuro comediante para que sempre se sinta insatisfeito!

A peça que a seguir se representou foi como que uma ilustração das brilhantes palavras que a antecederam. «O que o publico não vê» ou «O teatro por dentro» vinha mostrar com uma bela teoria de coerência em relação aos mais altos valores artísticos e humanos pode ser aplicada «realmente» no ensino do teatro. A peça de Fernando Amado, que pelo tema que se propunha abraçar poderia ser monótona e enfadonha, resulta, graças ao hábil engenho do autor de «Caixa de Pandora», num jogo alegre e produtivo; a peça didática perde o seu carácter de lição insuportável, porque não foi um veículo para transportar ideias, mas antes, e servindo-se do que é próprio ao teatro, as fez nascer pelo desenrolar da acção da peça.

Os alunos apresentaram-se com o gosto de quem descobre que acertou na vocação por que se deixou conduzir. A descoberta do teatro que a peça evidenciava, parecia nascer na própria interpretação dos jovens actores.

A competência de verdadeiro homem de teatro que é peculiar a Fernando Amado estava bem patente na ilusória liberdade do movimento cénico.

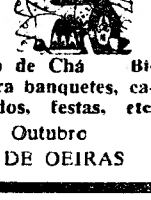
Depois de mais esta prova, só é de esperar que o dr. Fernando Amado ocupe definitivamente a cadeira de «Arte de Representar» que provisòriamente está a reger. Numa aspiração mais geral, esperemos que este sinal de vitalidade seja um sinal de revitalização total de um Conservatório inexplicávelmente letárgico. A arte de Garrett está decidamente com mais sorte do que a de Bontempo...

J. E. S.

(Adultos M. 17 anos)
Telef. 779151
Restaurante
ALVALADE
SERVIÇO DE RESTAURANTE REMODELADO
Chás dançantes ás Quintas, Sábados e Domingos
Aberto até ás 3.30

Cantinho da Mãi Preta
MARIA DA CONCEIÇÃO
APRESENTA HOJE E TODAS AS NOITES O SEU ELENCO PRIVATIVO DE FADOS E GUITARRADAS
Beco do Azinhal 7, Alfama—T. 366183 Maiores de 17 anos

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR



Pastelaria — Salão de Chá Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

TEATRO MONUMENTAL T. 55133
Esp. Vasco Morgado, Lda.
Teatro Infantil
Amanhã ás 18.30 ESTRÉIA
Maiores de 4 anos
AS ENCANTADORAS PEÇAS
TAMBÉM OS BONECOS FALAM
de Maria Adelaide Couto Viana
O RELÓGIO MÁGICO
e
ARCO DO TRIUNFO O GUARDA-CHUVA E A POMBA
PELO ELENCO DO
TEATRO DO GERIFALTO
Dir. art. de Ant. M. Couto
PREÇOS:
3.' BALCÃO FRENTE 5$00
2.' BALCÃO a 10$00
PLATEIA a 15$00

Companhia Portuguesa de Circo

Hoje, à noite, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos um grandioso espectáculo com as maiores atracções nacionais. Amanhã, à tarde e à noite, despedida da Companhia

Que ninguém falte hoje ao Coliseu para ver a Grande Companhia Portuguesa de Circo, com as maiores atracções nacionais: ciclistas, aramistas, trapezistas, olímpicos, ilusionismo, duas parelhas de palhaços muitas e muitas atracções de categoria internacional apresentadas ao publico num espectáculo maravilhoso e surpreendente. Amanhã, domingo á tarde e á noite, ultimos espectáculos para despedida da Companhia.

2.ª SEMANA DE UM GRANDE ÊXITO!
A MAIS DELICIOSA E ORIGINAL COMÉDIA!

JAMES STEWART — KIM NOVAK

TECHNICOLOR

(ADULTOS, MAIORES DE 17 ANOS)

SORTILÉGIO DE AMOR

SÃO LUIZ — ALVALADE

VÁ AO TEATRO VER OS EXITOS DE MOMENTO!

AVENIDA
HOJE, ÀS 21,45 HORAS
A Companhia do Teatro de Sempre apresenta a comédia
DE HENRIQUE SANTOS

UM MARIDO EM RODAGEM

com Samwel Dinis — Carmen Dolores — Rogério Paulo — Adelina Campos — Fernanda Alves — Constança Navarro — Carmen de Almeida e Armando Caldas

Samwel Dinis
Amanhã ás 16 h. espect. á tarde

VARIEDADES
HOJE ÀS 21.45 HORAS
P. AD. M/17 ANOS

LAURA ALVES
NA SUA MAIOR CRIAÇÃO EM
«A RAINHA DO FERRO-VELHO»
com
ASSIS PACHECO, Maria Helena, Artur Semedo, Alberto Ghira, Joaquim Miranda, Tomás de Macedo e Maria Luizete
Amanhã ás 16 h. espect. á tarde

TEATRO MONUMENTAL T. 55133

Esp. Vasco Morgado, Ld.ª
(Adultos M/17 anos)
Às 21.45 h.
A maliciosa comédia de ROUSSIN
com
Eles, Elas... e os meninos
com
IRENE — BENAMOR — PAULA SANTANA e MARIA DULCE
Amanhã ás 16 h. espect. á tarde

TRINDADE HOJE às 21,45
UMA GRANDE CRIAÇÃO DE EUNICE MUÑOZ
Os pássaros de asas cortadas
HOJE «MATINÉE» ÀS 16.30 (M/17 ANOS)

Casapoga
O MAIS SELECTO PONTO DE REUNIÃO
SÁBADOS e DOMINGOS «Matinées» das 18 ás 20 horas com todo o elenco de atracções
TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

O ELENCO DE MAIOR SENSAÇÃO EM LISBOA
TODAS AS NOITES: CASAS À CUNHA!
Com as extraordinárias e arrebatadoras atracções
O ESCULTURAL "BALLET" ALECOS ALVAREZ
Uma audaciosa «novidade» sobre o folclore grego
a excepcional vedeta de baile ESPERANZA ROY
E, AINDA, MARINA LEIRA EM DANÇAS TÍPICAS
Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32389
Maiores 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam: Maria A. Proença — Baptista Martins (o cantor mais pequeno) — Aurora Sobral — Renato de Oliveira — Florinda Maria e o «ás» da boa disposição João Viana (Vianinha). Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.
SEGUNDA-FEIRA:
Grandiosa «soirée», organização do G. E. «VAI-TU»
QUINTA-FEIRA:
Concurso FADO MENOR
Amanhã, Grandiosa «Matinée»

Teatro Nacional de Dona Maria II
Todas as noites, ás 21 e 45
Aos sábados, ás 16 horas tardes populares a preços reduzidos
(12 ANOS)
O PROCESSO DE JESUS
TODA A COMPANHIA O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Praça de Touros de Algés
Para maiores de 6 anos
Domingo, 1 de Março de 1959 ás 16 h.
EXTRAORDINARIA NOVILHADA DE NOVOS PARA NOVOS E VELHOS AFICIONADOS
onde serão lidados
3 GRANDES TOUROS da Ganaderia de Herd.ª INFANTE DA CAMARA e 4 NOVILHOS TOUROS, de JORGE PORTO, de Vila Franca de Xira pelos JOVENS CAVALEIROS
D. JOSÉ ATAÍDE e MESTRE BAPTISTA
NOVILHEIROS
O fino e já consagrado
AMADEU DOS ANJOS e MANUEL DURÃO
que devido aos seus êxitos na época passada foi classificado na categoria de NOVILHEIRO, pelo Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses
FORCADOS: OS PROFISSIONAIS DE RIACHOS, comandados pelo grande pegador JOSÉ LUÍS
PREÇOS: são também novos 10$00 — 20$00 e 30$00
Bilhetes á venda na Rua 1.º de Dezembro, 85 — na A. B. E. P., Restauradores — na Pastelaria ELITE de Algés — na loja das Meias no ESTORIL e nas bilheteiras da Praça.

SENHORA
V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel! —
UMA PEGA 6$50 no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173
15 - 18.15 (p. r.) e 21.15 (M/17 anos)
GRANDE EXITO
Uma comédia do mais fino gosto baseada numa peça sensacional!
SORTILÉGIO DE AMOR
com James Stewart e Kim Novak
Só até domingo IVON CURI, no seu sensacional e empolgante «Show», agora com as novas canções. Acompanhado pelo conjunto Helder Martins com JOSÉ SCARAMBONE ao piano.

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
Indiscutívelmente um êxito
Maria de Fátima Bmp Lopo Lauer Bravo, Alina Vaz, Carlos José, Teixeira e Costinha em
A COSTUREIRINHA DA SÉ
O primeiro filme português colorido em «Scope»
(Maiores de 12 anos)

CONDES TEL. 22523
15.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O filme de Clouzot de que todos falam!
AS DIABÓLICAS
com Simone Signoret — Paul Maurisse e Vera Clouzot

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Uma deliciosa comédia, com Giovanna Ralli e António Cifariello
PECADO DE CASTIDADE
...ela reservou-lhe uma surpresa no dia do casamento

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/17 anos)
Superscope
A VERDADE E O MEDO
Regresso de eternidade

CASINO ESTORIL
Ás 21 (M/17 anos)
VIVA O PALHAÇO
com Danny Kaye

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)
O famoso romance de Dostoiewsky
O JOGADOR
com Gérard Philipe e Liselotte Pulver
Amanhã ás 11 h., Ses. clás. «Polícia e ladrão» — (M/12 anos)

POLITEAMA TEL. 26301
15.15 - 18.15 e 21.30
Grande Exito!
Uma sensacional mistura de comédia, sátira, farsa e fantasia burlesca
OS RECRUTAS TAMBÉM MANDAM
c/ Andy Griffith e Myron McCormick
(Maiores 12 anos)

ALVALADE Telefone 763080
15.15 (p. r.) 21.45 (M/17 anos)
GRANDE EXITO
James Stewart e Kim Novak em
SORTILÉGIO DE AMOR
Uma comédia em technicolor baseada numa peça sensacional!

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 21 (M/17 anos)
A UM PASSO DA ESCRAVIDÃO
com Rossana Rory
SETE HOMENS PARA MATAR
com Randolf Scott
A's 18 h. (M/6 anos), Esp. p. crianças «Dedicação».

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
TEMPO PARA AMAR E TEMPO PARA MORRER
com John Gavin

ROYAL TEL. 448037
A's 21 (M/12 anos)
O PRÍNCIPE NEGRO
O rei dos escuteiros

LIDO TEL. 48560
21 h. (M/17 anos)
UM CERTO SORRISO
Os noivos da minha noiva

IMPÉRIO Tel. 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
A famosa obra de Eugene O'Neill numa cinematização magistral
DESEJO SOB OS ULMEIROS
com Sophia Loren e Anthony Perkins e o documentário «Vistavision visita a Espanha», em Technicolor

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
PETER FINCH MARY URE em
CLAMOR DE VINGANÇA
Eastmancolour
Um médico justo e altruista luta com desespero entre o amor e o dever.

ROMA Telef. 727778
e 21.45 (M/17 anos)
15.30 - 18.30 (p. r.)
O drama violento de 3 anjos do inferno
O MEU MAIOR PECADO
com Rock Hudson e Dorothy Malone

MONUMENTAL TEL. 5513(
15.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Uma realização de Clouzot
Um filme sensacional e de suspense
AS DIABÓLICAS
com Simone Signoret, Paul Maurisse e Vera Clouzot

AVIS Tel. 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Uma opereta encantadora que faz reviver a romantica e alegre VIENA das valsas
O ARQUIDUQUE E A COSTUREIRA
em Agfacolor
com Sonia Ziemann e Rudolf Prack

CERRASSE TEL. 20917
Ás 21 (M/12 anos)
AMOR DE JORNALISTA
OS 7 GAROTOS

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª pagina)

Teatro do Gerifalto, dirigido por António Manuel Couto Viana. Estreia-se a peça «Também os bonecos falam», de Maria Adelaide Couto Viana, e serão ainda repetidas as peças «O relógio mágico»,, de Fernando Paços, e as pantomimas musicadas «O arco do triunfo» e «O guarda-chuva e a pomba». A interpretação está a cargo de Maria Albergaria. Fernanda Alves, Rosina Rego, Teresa Cotinelli Telmo, Elvira Pais, Luís Horta, António Anjos, Morais e Castro, Eduardo Silveira, Rui Mendes e Palma Vaz.

Teatro de ensaio

na Sociedade Promotora de Educação Popular

Hoje, ás 21 e 30, na Sociedade Promotora de Educação Popular, o Teatro de Ensaio apresenta as peças «O homem da flor na boca», de Pirandello, e «Os malefícios do tabaco», de Tchekov.

Primeiras exibições

«O arquiduque e a costureira», no Avis

Um filme óptimo para contrabalançar o peso da atmosfera de hipertensão, frenética, desgastadora, em que hoje decorre a vida normal. Tem musica suave e maravilhosa, paisagens paradisiacas pelas quais apetece passear, figuração de uma encantadora ternura e um enredo saudável que não obriga a complicadas meditações. Sobre isto, a influência decisiva de um belo colorido natural e de uma interpretação convincente, com evidência para Sónia Ziemann e Rudolf Prack.

Conta-nos a história de uma costureira que um dia teve um sonho e que no dia seguinte «sentiu» esse sonho realizado. Situações complicadas, conflitos, episódicos humorísticos, imagens de puro amor, envoltas no ritmo tentador da valsa, na sumptuosidade das montanhas do Tirol e na poesia das margens do Danubio. Enfim, um filme que nos deixa muita nostalgia...

Bons complementos. — *Visor 14.*

No Odeon

continua «Pecado de Castidade»

«Pecado de Castidade», em exibição no Odeon, é um filme cheio de espírito e malícia, realizado por Gianni Franciolinni. Trata-se de uma comédia deliciosa, que nos prende pelo imprevisto das situações e pela graça natural que delas resulta.

Toda a acção se passa numa só noite: a noite de nupcias de um jovem casal. Giovanna Ralli, a linda vedeta italiana, tem no papel de noiva uma das suas melhores interpretações, bem secundada por Antonio Cifariello.

Cineclubismo

Uma sessão do Cine-Clube Imagem

Com a exibição de «O quinteto era de cordas» realizado por Alexander Mackendrich, na segunda-feira, ás 18 e 30, no Capitólio, o Cine-Clube Imagem encerra o ciclo dedicado ao cinema cómico. Nesta sessão, serão ainda exibidos o desenho animado checoslovaco «A casaca do anjo» de Edouard Hofman e o filme de René Clement «Cuide da sua esquerda», que marca o início da carreira cinematográfica de Jacques Tati, o consagrado autor de «O meu tio».

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

re comendo e saboreando mariscos. Em todos os países se verificam toxi-infecções alimentares propriamente ditas por pós-ingestão de um veneno, mineral ou alcalóide, existente num ou mais alimentos; toxi-infecções alimentares por ingerência de toxinas microbianas, segregadas por micróbios que se desenvolvem e proliferam em determinadas condições, e envenenamentos pelos cogumelos.

Estas intoxicações podem ter várias causas: alimentos contaminados, nocivos ou tornados nocivos (sensibilização); em processo de transformação químico, avançado estado de putrefacção.

No vasto capítulo das toxi-infecções tem de contar-se ainda com as contaminações acidentais: chumbo, arsénio, nitritos e nitratos, utilizados pela indústria no acondicionamento ou conservação dos produtos, destinados ao consumo e á exportação (mariscos, crustáceos em conserva e outros).

As mais vulgares toxi-infecções de origem alimentar são provenientes do consumo de mariscos (amêijoas e mexilhão); favas (favismo); látrio, cizirão (latirismo); uso e consumo alimentar de cereais atacados de cravagem (ergotismo) e géneros em decomposição (botulismo).

Desde há muito tempo (Galeno, Plínio, Amato, Zacuto, Castro Sarmento, Fonseca Henriques, Sigerist, Cecília C. Mettler, e tantos outros) que os mexilhões são acusados de veicular o bacilo da febre tifóide (b. de Eberth) e outras salmonelas. Determinam acidentes alérgicos tão graves que matam em poucas horas, além dos casos fulminantes de nefrite aguda, registados e apontados em todos os serviços de urgência.

Os acidentes alérgicos, causados pelo encontro e choque de proteínas estranhas, constituem flagrantes casos de sensibilização, casos estes que têm de estar presentes quando se percute o fundo do problema.

Deixando de lado os encontros alérgicos (Sutton e Sutton, «Diseases of de Skin», Filadélfia, 1959), registados no Velho Testamento, e citados por Moisés em suas regras dietéticas, recordemos as intoxicações devidas á mitilotoxina («mytilos»= mexlihão mais toxina), ptomaína tóxica, extremamente violenta (um micrograma mata um rato em poucos minutos), neurotropa, agindo como se se tratasse do curare.

Esta mitilotoxina é segregada por um ou vários protozoários, dinoflagelados, «Gonjaulax catenella» «Goniaulax tamarensis», «Prorocentrum micans», e outros que vivem e proliferam nas águas frias e calmas, nas lagoas poéticas e aparentemente inofensivas, nos braços de mar que as marés mortas isolam, temporáriamente, do oceano vizinho e amigo.

O protozoário em questão é consumido em larga escala pelo mexilhão, que retém e armazena a toxina no fígado. O veneno não é destruído pela fervura ou ebulição. Os mexilhões pescados no Verão podem esconder a morte entre suas conchas inocentes (Plínio, 32-9). Na «Ancora Medicinal» lê-se, a páginas 128: «Cozem-se mal, causam cólicas e puxos, pela muita acrimonia, e salsugem de que são dotados. São duros e indigestos, deles se gera sangue crasso, e salsuginoso».

Entre a ingestão e os primeiros sintomas o espaço de tempo varia duns trinta minutos a cinco horas. Trabalha o corpo, referem livros antigos, e o mal manifesta-se (com os outros mariscos pode verificar-se o mesmo) por intensa e penosa sensação de mal-estar, vertigens, cãibras musculares, alterações digestivas, vómitos, diarreias, intensas e difusas dores abdominais, cólicas de vergar o corpo amolecido pelo sofrimento. agarrado ao chão pernas inúteis. Os sinais nervosos não se fazem esperar: paresias dos musculos da boca, do paladar-mole e faringe. Com semelhante cortejo de complicações, o doente encontra-se impossibilitado de pedir socorro. Segue-se paresia difusa dos membros e do tórax, acompanhada de dispneia e angústia. O doente está a meio caminho da asfixia, á mercê da paralisia dos músculos respiratórios.

Verifica-se quase sempre midríase (dilatação anormal da pupila, acompanhada de abolição mais ou menos completa dos movimentos da íris). Depois, colapso. A percentagem de mortes é muito grande: cinquenta por cento nas primeiras vinte e quatro horas.

O diagnóstico, geralmente, não é difícil de fazer. Exceptuando os casos singulares de alergia, a intoxicação é quase sempre colectiva. De resto, nas sobras da cozinha é fácil deduzir-se a prova.

Os casos de botulismo são menos espectaculares e agudos. Só os músculos oculares se encontram paralisados.

Qual o tratamento de urgência? Imediata lavagem do estômago, ingestão através da sonda, de oito a dez gramas de silicato de bismuto ou silicato básico de alumínio, mais importante e útil do que o carvão (inútil para alguns autores); alcalinos e ginástica respiratória; estricnina subcutânea de oito em oito horas (existem hoje drogas mais activas); vitaminas B1 e B12; coramina em altas doses (via muscular e endovenosa); cafeína; cortisona (preferível na forma de acetato), na dose correspondente a duzentos gramas de glândula fresca. Na perspectiva de colapso: transfusão de sangue ou plasma. O enfermo deverá ser colocado perto do pulmão-de-aço, para o qual será transferido em caso de necessidade.

Mesmo os mariscos não portadores de tóxicos, quando não são frescos, provocam alterações gastrintestinais. De resto, todos sabem o que é a urticária e como ela pode atormentar o indivíduo, não o deixando repousar de dia ou de noite.

Curioso anotar á margem que vários autores tornam responsável a leucomaína e que Netter, por exemplo, defende que a mitilotoxina seria uma albumina armazenada no fígado de um dos parasitas do mexilhão. Confuso ainda o panorama das hipóteses e o das lecitinas provenientes dos órgãos genitais dos moluscos. Existem ainda outras teorias mais modernas.

São os dinoflagelados, já referidos, que tornam as águas vermelhas e fosforescentes os mexilhões.

Netter relata um caso mortal trinta minutos depois de uma refeição de mexilhões, e descreve os tremores dos lábios, acompanhados de zumbidos horríveis.

As ostras, quando «empoladas» e não cuidadas em modernos parques sanitários, podem ser tóxicas. Referem os antigos que as ostras se cozem com menos dificuldade do que os outros mariscos e nutrem menos, sendo ainda aconselhadas para o tratamento das chagas da boca, «queixas das almorreimas», e para as chagas malignas, e sórdidas... Todos eles excitam o sangue e «geram prurigens danosas». Quanto ás amêijoas, «cozidas movem o ventre, mais pelo que irritam do que laxam».

Longo seria recordar neste momento as toxi-infecções alimentares provenientes da ingestão de alimentos alterados, contendo espécies microbianas muito tóxicas, botulismo, salmoneloses, toxi-infecções alimentares estafilocócicas, (síndrome gastrentérico com desidratação, alterações nervosas seguidas de colapso e alterações hepatorrenais, insuficiência hepática, nefrite tóxica, acidose, hipoglimecia, icterícia grave e anúria) e, ainda, as provenientes dos cogumelos.

Os bons alimentos («Madeira Ilustrado», Doutor Duarte Madeira Arraiz) são aqueles que, sendo temperados nas primeiras qualidades, se comutam fácilmente no estômago, e nutrem muito bem o corpo. Outros organismos ofendem-se com eles como se fossem venenos!

Em tudo há-de haver «meyo e moderação». (S. Bernardo), que o melhor meio para durar pouco é comer muito. Aqui há mariscos. Cuidado!

A. d'E.

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

AMANHA
ESP.ª A' TARDE A'S 16 HORAS

A NOVA REVISTA DO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»
É UM ÊXITO MEMORÁVEL
PARA A ALEGRE COMPANHIA DE
SALVADOR
COM
BIBI FERREIRA e ANTÓNIO SILVA
A' FRENTE DE UM GRANDE ELENCO
A's 20.30 e 22.45 — ADULTOS - M/17 anos

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

No Estádio das Antas e em Setúbal

três clubes darão o máximo do esforço

assumindo importância especial a tarefa do Benfica

A jornada n.º 23 oferece a aliciante perspectiva de resolver a questão do título, acabando com todas as duvidas. Com efeito, em Setubal e nas Antas três equipas — Benfica, Porto e Belenenses — deverão esclarecer as respectivas pretensões, assumindo papel preponderante a tarefa dos «encarnados».

Aos «azuis» do Sul e do Norte só interessará a derrota dos «guias» do campeonato, mesmo que nas Antas se registe um empate, embora esta hipótese deva pôr os benfiquistas a coberto de qualquer surpresa futura.

Para amanhã, o calendário apresenta os seguintes jogos:

V. Setubal-Benfica
F. C. Porto-Belenenses
Sporting-Académica
Torriense-V. Guimarães
Cuf-Caldas
Lusitano-Sp. Covilhã
Sp. Braga-Barreirense

A jornada apresenta ainda a particularidade de quatro das equipas que correm o risco de ficar na zona perigosa actuarem fora de casa, enquanto o Torriense e o Sporting de Braga figuram como visitados — factor considerável nos jogos que faltam disputar.

Seja como for, o conjunto dos encontros interessa sobremaneira, porquanto os resultados provocarão alterações na tabela.

*

No campo dos Arcos, o Benfica pisará o terreno decidido a triunfar. Em contrapartida, aos Setubalenses, tranquilos na sua posição, o resultado não importará especialmente. O equilíbrio dos sectores do «onze» de Aguas, a sua capacidade rematadora e a eficácia da defesa são predicados de valia e que devem prevalecer no confronto. Afigura-se-nos que os Lisboetas reunem todas as condições para obter o triunfo.

No Estádio das Antas, estarão face-a-face duas forças idênticas, cada uma a desejar a vitória para que o cálculo das probabilidades não diminua — definitivamente. O ambiente deve influir no desfecho da partida, embora a turma do Restelo costume, no Porto, realizar exibições de mérito. A previsão do empate é de admitir, bem como o triunfo tangencial dos Portistas.

*

Em Alvalade, a Académica enfrentará um Sporting absolutamente descontraído. E' evidente a ansia dos estudantes para a conquista da vitória. O jogo parece capaz de oferecer um bom espectáculo. Quanto ao resultado, tudo depende da eficácia dos dianteiros leoninos.

Nos quatro restantes encontros, os visitados parecem em melhor posição, a despeito de se contar com oposições firmes e entusiastas do Sporting da Covilhã, Barreirense e Caldas. Não será mesmo para admirar que um dos visitantes consiga o triunfo.

Prováveis formações

VITÓRIA F. C. — Libanio; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Soares, Miguel, Mendonça, Fernandes e Virgílio.

BENFICA—Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro ou «Chino», Coluna, Aguas, Salvador e Cavém.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Tito.

SPORTING DE BRAGA — Cesário; Armando e José Maria; Passos, Calheiros e Trenque; Velez, Ferreirinha, Amador, Teixeira e Mendonça.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneca e Ezequiel; Abrantes, Pinto e Arturo; Madeira, Godoy, José Augusto, Faia e Moyano.

TORRIENSE — Montero; António Costa e Mergulho; Helder, Forneri e António Manuel; Mário, Isidro, Azevedo, José da Costa e Bezerra.

VITORIA S. C. — Sebastião; Daniel e Abel; Virgílio, Silveira e Barros; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Rola.

C. U. F. — José Maria; Durand e Abalroado; Pimentel, Palma e Carlos Alberto; Cravinho, Oliveira, Bispo, Arsénio e Uria.

CALDAS S. C. — Vítor; Anacleto e Rogério; António Pedro, Saraiva e Orlando; Garnacho, Romeu, Janita, Mateus e Lenine.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Morato e Julius; Hugo, Ferreira Pinto, Morais, Travaços e Quim.

ACADÉMICA — Cristóvão; Araujo e Bento; Abreu, Marta e Torres; Rocha, Bouçon, Jorge Humberto, Samuel e Bentes.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; Fialho, Vicente, Caraça, Flora e José Pedro.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cabrita e Lourenço; Gabriel, Suarez, Caldas, Coreles e Oscar Silva.

SPORTING
NA COVILHÃ
7 E 8 DE MARÇO — 120$00
PARTIDA ÀS 14.30 H
COM VISITA, À SERRA DA ESTRELA (NEVE), PENHAS DA SAUDE, NAVE S. ANTÓNIO, ETC.
*
ATLETICO
EM LEIRIA
DIA 8 DE MARÇO — 50$00
PARTIDA E REGRESSO: LARGO DE ALCANTARA
VISITANDO: CALDAS, S. MARTINHO DO PORTO, NAZARÉ, S. PEDRO DE MUEL, ETC.
*
Informações e inscrições na
RODARTE
R. da Palma, 159-A — Tel. 861214

O «Nacional» da 3.ª Divisão

O FIM DA 1.ª VOLTA

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão tem amanhã a sua 7.ª jornada, com que termina a primeira volta da fase final. Estão marcados os encontros seguintes:

ZONA «A» — 1.ª SÉRIE — Murça-Limianos, Mirandela-Régua, Monção-Paredes e Fafe-Bragança. 2.ª SÉRIE — Avintes-Agueda, Académico-Beira Mar, Penafiel-Leça e Feirense-Ovarense.

ZONA «B» — 3.ª SÉRIE — Cernache-Cebolense, Mangualde-Guarda, Vildemoinhos-Académico de Viseu e Castelo Branco-Mortágua. 4.ª SÉRIE — Lousanense - Marrazes, Recreio - Naval, Marialvas-Mirense e União de Coimbra-Alcobaça.

ZONA «C» — 5.ª SÉRIE — Ferroviários-Leões, Alhandra-Torres Novas, Vitória-Tramagal e União Operária-Vilafranquense. 6.ª SÉRIE — Seixal-Cova da Piedade, Futebol Benfica-Amora, Sesimbra-Luso e Casa Pia-Olivais.

ZONA «D» — 7.ª SÉRIE — S. L. Evora-Campomaiorense. 8.ª SÉRIE — Moura - Despertar, Lusitano-Louletano, Sambrasense-Silves e S. Domingos-Aljustrelense.

Todos os desafios estão marcados para as 15 horas, excepto o da 7.ª Série, que é ás 13 horas.

BASQUETEBOL

Sporting — Barreirense (62-43)

O jogo das duas faces

Benfica bom vencedor do Belenenses (49-41)

Prosseguiu, ontem, á noite, no Pavilhão dos Desportos, com uma assistência computada em cerca de 5.000 pessoas, o Campeonato Nacional de Basquetebol. A ronda tinha, na verdade, como principal atractivo, o jogo dos campeões: Sporting-Barreirese.

O Sporting, com este triunfo isolou-se na vanguarda da classificação, seguido do Barreirense, Belenenses, Benfica, Nacional, Luso e Montijo.

Não há duvida que os «leões» fizeram a sua obrigação, ganhando a liberdade a que há tempos aspiravam, principalmente, depois de terem sido derrotados, no Barreiro, por 23 pontos de diferença e terem ainda sofrido um ligeiro «dissabor» frente á aguerrida equipa do Benfica.

A carreira das duas equipas conferiu ao jogo de ontem, que teve duas fases brilhantes — uma para cada grupo — aspectos de uma verdadeira final, apesar de não estar ainda em jogo o ceptro de campeão.

O Barreirense esteve bem no primeiro tempo, na congregação de esforços.

Uma onda de pessimismo pairava nalguns sectores do Pavilhão, principalmente quando findou o primeiro tempo. Mas logo que se iniciou a segunda parte a assistência vibrou intensamente.

A equipa «leonina» recuperou as suas faculdades, libertando-se do labirinto da defesa barreirense, e devidamente sem mais complexos procurou ganhar a liberdade, alcançando-a, com merecimento.

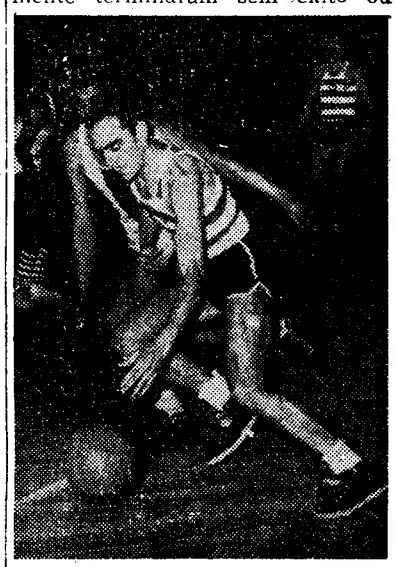
O Barreirense que confiou demasiado no fino quilate de dois dos seus jogadores — Manuel Ferreira e José Macedo — ambos com predicados definidos, descontrolou-se perante as investidas do adversário, deixando de criar perigo fatal.

Alinharam e marcaram:

SPORTING — Feu, 21; Abílio, 8; Garranha, 23; José Mário, 2; Barreto, 6; Patrício, 2.

BARREIRENSE — Valente, 5; Jorge Silva, 6; José Macedo, 12; Manuel Ferreira, 8; Albino Macedo, 12.

O Benfica continuando na sua brilhante recuperação, **revelou**, mais uma vez, boa ordenação de jogadas, a aproveitar as qualidades das suas «pedras» individuais. O Belenenses, que jogou menos do que o que sabe, perdeu-se em ataques desordenados que infalivelmente terminaram sem êxito ou por deficiência de encestamento ou ainda por boa colocação da defesa benfiquista.



O sportinguista Abílio em acção com a bola ao seu alcance

Alinharam e marcaram:

BELENENSES — Brito, 11; Franco, 20; Neves, 2; Fernandes, 2; Delgado; Gatinho, 2; Pinheiro, 2.

BENFICA — Julio Campos, 11; Furtado, 12; Manuel Campos, 2; José Alberto, 18; Vitor Pinto; Galhoz, 2; e Luís Santos, 4.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Leixões e o Boavista

nos jogos de maior interesse

A fase inicial do campeonato nacional da 2.ª Divisão termina amanhã. Equivale isto a dizer que se alcançou a 26.ª jornada, cujo programa, na zona Norte é o seguinte:

Salgueiros (27) — Boavista (38) — (0-1)
Leixões (39) — S. Espinho (28) — (0-1)
Peniche (26) — Tirsense (22) — (2-5)
Marinhense (23) — Chaves (26) — (0-2)
Portalegrense (5) — Oliveirense (25) — (0-2)
Sanjoanense (23) — G. Vicente (23) — (1-2)
Vila Real (25) — Vianense (20) — (4-3)

Entre parêntesis, a pontuação de cada equipa e o resultado da primeira volta.

Os encontros, de um modo geral revestem-se, todos, do maior interesse, porquanto nenhum dos três primeiros lugares está esclarecido. O Leixões e o Boavista são chamados a lutas de grande responsabilidade. Jogarão com o pensamento um no outro, sem que se apresente fácil um vaticínio. Depois os seus adversários são equipas que ainda alimentam esperanças do 3.º lugar, tal como o Peniche, que favorito do jogo de amanhã parece o mais capaz de entrar na segunda fase da prova.

Outro favorito: o Vila Real. Os jogos da Marinha Grande, Portalegre e S. João da Madeira devem fornecer despiques mais ou menos nivelados.

* * *

Na zona Sul, teremos:

Almada (26) — Sacavenense (15) — (1-1)
Estoril (24) — C. Oriental (25) — (0-3)
Montijo (27) — S. Farense (31) — (1-3)
Olhanense (34) — Coruchense (17) — (3-2)
Portimonense (28) — Serpa (19) — (0-2)
Atlético (43) — Juventude (24) — (3-0)
Desp. Beja (16) — Arroios (21) — (0-2)

Com os três primeiros lugares já esclarecidos, a jornada valerá, apenas, pelos jogos em que está em causa a luta entre os ultimos, ainda que sejam remotas as possibilidades do Sacavenense evitar a baixa de Divisão, dado que amanhã não deverá tornear a dificuldade da ida a Almada.

O Estoril-Oriental, o Beja-Arroios e o Montijo-Farense são os jogos de maior interesse — de vaticínio difícil.

HOJE, À NOITE

ATLÉTICO—Ás 21 horas, inauguração de iluminações na sede a que se associam os estabelecimentos comerciais de Alcantara, ornamentando as respectivas montras para assinalar o regresso do Atlético á 1.ª Divisão.

BASQUETEBOL — Prossegue o «Nacional» da 1.ª Divisão, com os jogos Luso-Nacional de Natação, ás 21 horas, no Barreiro; Vasco da Gama-Ginásio Figueirense, no Porto; Galitos-Sangalhos, em Aveiro e Académica-Boavista, em Coimbra, todos ás 22 horas.

HANDEBOL—No ginásio do Técnico, ás 21 e 30 horas, continuação do campeonato universitário (variante de sete) com o encontro Técnico (B)-I. N. E. F.

XADREZ—No Ateneu, ás 21 horas, ultima exibição do mestre Geza Füster.

MOSAICO

INTERNACIONAL

Os meios futebolisticos ingleses estão desolados: Alick Jeffrey, a grande esperança do «association» britanico, não pode voltar a jogar. Assim o decidiram os médicos. No desafio, das «esperanças» da França e da Inglaterra, Alick chocou terrivelmente com o seu adversário directo, Richard Tylinski. Com a perna direita fracturada, o jovem Jeffrey, que tinha então 17 anos, foi hospitalizado. Corajoso, Alick pensava, nessa época, que no Natal (o caso passou-se em 7 de Outubro) estaria apto a jogar. Mas os meses passaram e aquele que, na opinião do seu treinador, o famoso Peter Doherty, seria o maior avançado britanico de todas as épocas, soube acabrunhado que o seu fim chegara. Alick receberá uma indemnização do seguro de cerca de 400 contos e o Doncaster, seu clube, embolsará três vezes mais! Um grupo de amigos vai aconselhar o jovem Jeffrey a explorar a importancia do seguro. Até aqui, ele tem ganho a sua vida cantando nos «cafés»...

*

Algus factos ocorridos nos treinos e desafios da selecção russa levaram ao castigo de três famosos internacionais: Streezov, Tatouschin e Ogonkov. Os referidos jogadores fizeram, agora, um pedido de clemência, havendo a impressão de que serão atendidos. A propósito, convirá notar que no seu ultimo encontro (com a Inglaterra) os orientais foram severamente batidos (5-0).

*

A vitória do Reims sobre o Standard (3-0), assegurando a sua continuação na Taça dos Campeões Europeus, causou grande alegria nos «tricolores», não só pelo triunfo em si, mas também pela maneira vigorosa como os Franceses jogaram. O acontecimento mais sensacional da partida foi, porém, a forma admirável como jogou Fontaine, que parecia atravessar um período de grave crise. Just, no entanto, atingiu a mesma altura que alcançara no Campeonato do Mundo, marcando ainda dois golos. Contudo, ele tem de ser operado, e deve sê-lo por estes dias. Se assim acontecer, os seleccionadores não poderão dispor do famoso avançado para o desafio França-Bélgica, a disputar em Paris no dia 1 de Março. Para o substituir os responsáveis da equipa nacional falam em três nomes: Shiba, Brucy e Schultz.

*

Está assente a vinda á Europa da equipa do Santos F. C., campeão

(Continua na 11.ª página)

19.533 obras
entraram na Biblioteca Nacional de 1951 a 1957

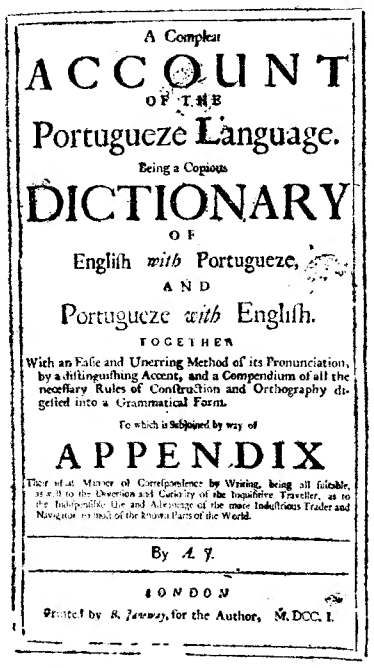
Em 29 de Fevereiro de 1796—um ano bissexto—foi instituida, por alvará subscrito pelo príncipe regente que havia de ser o rei D. João VI, a Real Biblioteca Publica da Corte e Reino, que só por decreto de 7 de Dezembro de 1836 mudou a sua designação para Biblioteca Nacional de Lisboa.

Como o ano corrente é comum, será hoje ultimo dia de Fevereiro, comemorado o 163.º aniversário do importante acontecimento, com a inauguração ás 18 e 15, pelo professor Francisco Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, da 1.ª Exposição Anual de Aquisições, que ficará patente ao publico, das 11 ás 23, até 7 de Março.

Que se pretente com esta exposição que se deseja renovar anualmente? Justificar a utilização das verbas concedidas para compras, e chamar a atenção do publico, e principalmente dos leitores da Biblioteca, para as espécies com que ela vai melhorando o seu apetrechamento e enriquecendo os seus fundos.

Nos oito anos a que esta exposição diz respeito, entraram naquele estabelecimento 19.533 obras, das quais 10.819 por compra, com que se despenderam 1.383 contos, ou seja 76 por cento da dotação para aquisição de móveis e 9 por cento da dotação global.

A parte as ofertas, que são dificilmente controláveis, as compras incidiram especialmente sobre obras portuguesas e referentes a Portugal, que faltavam nas colecções, e publicações de carácter geral, que se integram na competência atribuída áquele estabelecimento, pelo decreto n.º 19.952.


A Compleat
ACCOUNT
OF THE
Portugueze Language.
Being a Copious
DICTIONARY
OF
Engliſh *with* Portugueze,
AND
Portugueze *with* Engliſh.
TOGETHER
With an Eaſie and Unerring Method of its Pronunciation, by a diſtinguiſhing Accent, and a Compendium of all the neceſſary Rules of Conſtruction and Orthography digeſted into a Grammatical Form.
To which is Subjoined by way of
APPENDIX
Their uſe as Manner of Correſpondence by Writing, being all ſuitable, as well to the Diverſion and Curioſity of the Inquiſitive Traveller, as to the Indiſpenſible Ule and Advantage of the more Induſtrious Trader and Navigator in moſt of the Known Parts of the World.
By *A. J.*
LONDON
Printed by *S. Jeaway*, for the Author, M. DCC. I.

A capa de um dos livros expostos

Para a exposição houve necessidade de proceder a uma rigorosa selecção, imposta pela falta de espaço na galeria de exposições, falta de espaço que obrigou a deixar para outra oportunidade a exposição das publicações periódicas estrangeiras que a Biblioteca Nacional recebe em elevado numero, abrangendo quase todas as especialidades.

Para obstar áquele inconveniente, encontram-se á disposição dos visitantes as listas de obras entradas, por compra e oferta, de 1951 a 1957, e o Boletim Informativo da Biblioteca Nacional, publicação iniciada o ano passado, ainda em regime experimental, com reprodução em ciclostilo e distribuição limitada, que se destina a divulgar o conhecimento de todas as espécies recebidas pela Biblioteca, excepto por depósito legal, por estas serem relacionadas no Boletim de Bibliografia Portuguesa.

Entre as 120 estampas e os 900 livros e manuscritos expostos, citaremos os seguintes: «Brasonário quinhentista», cópia do livro do Armeiro-Mor; pergaminhos de D. Fernando VII e D. Maria Bárbara; «Te Deum a 4 vozes», de Velez Guerreiro (manuscrito original); «História da Nossa Redenção», por D. Leonor de Noronha (1552 e 1554); «L'Ambassade de D. Garcia da Silva Figueiroa en Perse», Paris, 1667; tradução latina dos «Lusíadas», por frei André Baião (1625), manuscrito, que se considerava perdido; «Sátiras», de Sá de Miranda (1626), unico exemplar conhecido; «Cartilha para ensinar a ler» (século XVI); «Manuale Secundun Ordinem Bracarensis Ecclesiae» (1562); «De Wonderlyke Reisen van Fernando Mendez Pinto», Amesterdão, 1653; «A complet account of the portugueze language...» por A. J., London, 1701.

O PORTO PELO TELEFONE

O triste e lamentável destino
do lindo Palácio do Freixo
que já foi fábrica de sabão e não tem legenda de património

PORTO, 28 — Velha cidade, de fulgurantes e remotas tradições históricas, o Porto ostenta muitas casas de aspecto senhoril, imponentes no seu aspecto monumental, graciosas na expressão artística, na harmonia arquitectónica, algumas com a sugestão de um faustoso, galante ou heroico passado, esmaltadas em pedras de armas, o que lhe dá o tom de altanaria, ainda com certa distinção, tornando aquelas paredes veneradas dos tripeiros amantes do burgo, ufanos do seu glorioso passado, com exemplos e estímulos para renovação constante e progressiva. Por isso mesmo, há coisas velhinhas que se exornam de prestígio e mantêm uma radiosa perpetuidade, dignas de respeito e apreço — e de serem incluidas no Património Nacional.

Dos velhos bairros da Sé, de Miragaia, da Ribeira, até ás Taipas, ás Virtudes, á (Rua das Flores), á Torre da Marca (D. Manuel II), ás ruas da Fábrica, do Bonjardim, do Bonfim, ao Campo 24 de Agosto, etc., são numerosas as velhas residências fidalgas, ostentando nos seus cunhais ou nos tímpanos dos soberbos portais brasões que os estudiosos da heráldica perfeitamente conhecem. E são os dos Cunhas, dos Pimenteis, dos Bravos e Castro, dos Belezas, dos Pintos Coelhos, dos Brandões da Torre da Marca, dos Sousa Bastos, de tantos outros e daqueles dos quais não há notícia, como seja um brasão esculpido num prédio da Rua dos Ingleses, muito próximo desse em que se nos apresenta a pedra de armas possívelmente mais antiga, ou seja a de D. João I. Muito perto desta ficou a Casa do Infante, onde, segundo se afirma, viu a luz do dia o criador da escola náutica de Sagres.

Que belo é aquele edifício do Largo de São João Novo, onde está instalado o Museu Etnográfico e que, outrora, na época de setecentos, foi residência dos Alvins, como o inculca o quartel heráldico, esquartelando com Pereiras, Costas e Limas! Quão belas são as pedras dos Pintos Coelhos, ali ao Largo dos Loios; dos Moreiras em frente da igreja do Carmo, ou a do palacete Balsemão, a que, há dias nos referimos, por ter sido aquele prédio adquirido pela Camara (Serviços Municipalizados do Gás e Electricidade).

*

De entre todos esses prédios de sugestivas tradições — e são, felizmente, ainda muitos —, um há, muito mal conhecido do publico, pois fica muito distante do centro urbano e que, por ser de traça bastante antiga e pelo seu valor artístico, bem merecia destino diferente do que lhe foi dado há anos — armazém de farinhas, de uma importante fábrica de moagens, mas tendo sido antes uma fábrica de sabão.

Numa manifestação de bom-senso, a farinha passou a armazéns que lhe ficam contiguos, e foi habitar o imóvel o técnico estrangeiro da citada fábrica.

O belo Palácio do Freixo

Trata-se do velho Palácio do Freixo, agora enfrentando a nova estrada marginal Porto-Entre-os-Rios, e como antes, com uma lindissima fachada voltada para o Douro.

Para se avaliar da sua antiguida-

(Continua na 11.ª página)

O tubarão
saltou para o barco

MELBURNE, 28. — Dois pescadores lutaram durante cerca de 20 minutos com um tubarão, que media cerca de 2 metros e meio, quando este saltou para dentro do barco em que pescavam na baia de Port Phillip.

Richard Grew, de 52 anos, afirmou que o tubarão saltara para o seu iate quando se sentiu atacado, e se movimentara de tal maneira que quase provocou o afundamento da embarcação.

Grew e o companheiro, Bob Thatcher, de 45 anos, conseguiram por fim dominar o cetáceo, trazendo-o para a costa. — (A. N. I.).

Os últimos tral

No seu gabinete da Assembleia Nacional, o dr. Costa Brochado, investigador que á história dos descobrimentos portugueses tem prestado valiosos serviços, através das suas pesquisas e com a publicação de obras como as que dedicou ás figuras do «Infante D. Henrique», «Afonso de Albuquerque» e «D. Sebastião, o Desejado», fala-nos do almirante Gago Coutinho, com quem directamente e durante longos anos esteve em contacto científico e humano e a cuja memória vota uma enternecida e profunda admiração.

— Havia muitos anos que de longe eu tinha por ele um aindizivel veneração — começa o dr. Costa Brochado. — Via-o, na perspectiva da nossa História, como um figura nacional de primeira grandeza. Hoje sou o depositário de documentos que também pertencem á História, cartas preciosas, cheias de notas do seu punho, que me sinto na obrigação de publicar. Vou reuni-las num volu mos Cout — pros com — p a es riqu cert á ve bre nico pror sim

Tomaram hoj
novos delegados do em vários distritos

No gabinete do sr. ministro das Corporações, foi conferida posse, esta manhã, pelo sr. dr. Veiga de Macedo, aos novos delegados do Instituto Nacional do Trabalho nos distritos do Porto, Braga, Funchal, Setubal, Faro, Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta, respectivamente, srs. drs. Valentim de Almeida e Sousa, António Frutuoso de Melo, Guilherme Filipe Meneses Fontes, António Teixeira Marques, Jorge da Cunha Pimentel, José Severino Cunha, Albano Vaz Pinto Alves e Manuel Joaquim Medeiros Casquilho.

Presentes altos funcionários daquele Ministério, outros delegados do I. N. T. actualmente em Lisboa, além de várias entidades.

Em seu nome e dos colegas, usou da palavra o sr. dr. Valentim de Almeida e Sousa, que saudou o ministro e agradeceu a honra da escolha e a confiança que lhes mereceu, evocando a obra social daquele departamento e as realizações no distrito do Porto. Saudou as autoridades, organismos e ins- tituiç Brag sa d a d nova to e siste

A Font men tos riu-s ção refo: panh a cr Soci segu das duta grat bele Cons

Pc Mac mul

Cinco contos
para os nossos pobres oferecidos pela Sociedade Estoril-Sol

Num gesto que não precisa de encómios, a Sociedade Estoril-Sol, presidida pelo dinamico industrial sr. Teodoro dos Santos, destinou 10% da receita do corso do Carnaval Internacional do Estoril para fins beneficentes. Assim, foram contemplados, com verbas que oscilam entre mil e sete mil escudos, num total de 77 contos, os Bombeiros Voluntários dos Estoris, Casa dos Pobres de Cascais, Cruz Vermelha Portuguesa, Misericórdia de Cascais, Governo Civil de Lisboa, Maternidade do Estoril, Bombeiros Voluntários de Cascais e, ainda, os pobres protegidos pelos jornais «O Século», «Diário de Notícias», «Diário Popular», «A Republica», «Diário da Manhã», «A Voz», «Diário Ilustrado», «Novidades», «Jornal do Comércio», e «A Nossa Terra». Também os pobres protegidos pelo nosso jornal foram contemplados com 5 mil escudos, que o «Diário de Lisboa» agradece ao sr. Teodoro dos Santos, em nome de todos os beneficiados.

Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos

Vai ser construido, em Lisboa, e custará 1.290 contos, um pavilhão para os serviços industriais (laboratório, serviços farmacêuticos, depósitos e armazéns) do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços, compramos.
Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

ABSOLUTAMENTE CERTO...

LIQUIDAÇÃO TOTAL
DE TODA A EXISTENCIA
POR MOTIVO DE
DEMOLIÇÃO
NA
«MEIA» - HORA
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 3
(Ao Chiado)

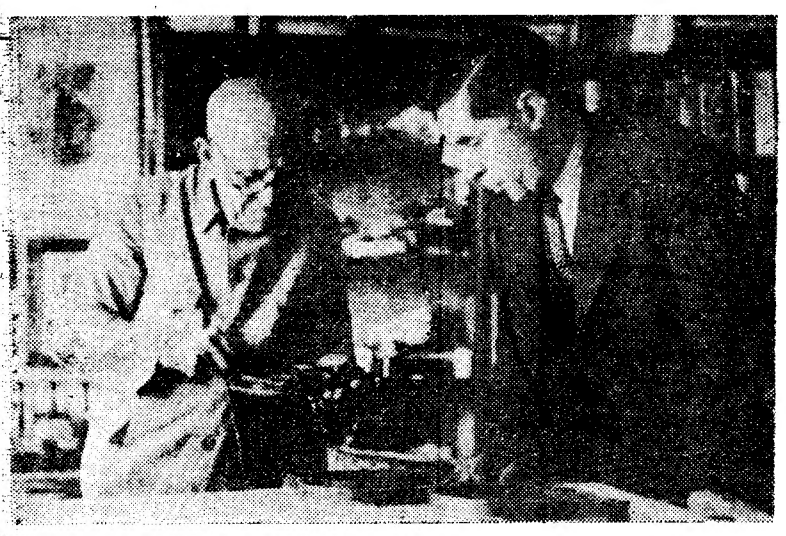
Erico Veríssimo em Santarém

SANTARÉM, 28. (Pelo telefone). — O grande escritor brasileiro Erico Veríssimo que, de passagem para Lisboa, visitou hoje Santarém, teve uma festiva recepção. Erico Veríssimo foi aguardado, junto do mosteiro da Graça, por grande multidão, professores e alunos do liceu Sá da Bandeira, das escolas Comercial e Industrial e de Regentes Agrícolas e outros colégios e direcção do Círculo Cultural. O escritor desceu ali junto do tumulo do descobridor do Brasil, onde lhe foi entregue um emblema do Colégio de Santa Margarida, tendo a sua esposa recebido flores e um jarrão com as armas da cidade.

Dali, os visitantes seguiram para a Biblioteca Braamcamp Freire e para o Parque das Portas do Sol, após o que partiram para Lisboa.

NOVAS FREGUESIAS

Foram criadas duas freguesias: a de Alferrarede, na povoação do mesmo nome, no concelho de Abrantes, do distrito de Santarém; e a de Pinheiro Novo, no concelho de Vinhais, do distrito de Bragança.



O almirante Gago Coutinho, em sua casa, trabalhando com o investigador Costa Brochado

trabalhos de Gago Coutinho

confirmam que navegaram

Portugueses no Oceano Indico antes de Vasco da Gama

volume, que se chamará «Os ultimos trabalhos do almirante Gago Coutinho».

— As nossas relações pessoais — prossegue o dr. Costa Brochado, com uma nota de saudade na voz — principiaram quando me resolvi a escrever o meu «Infante D. Henrique». Pedi então ao almirante certas explicações sobre navegação á vela, astronomia e em especial sobre os problemas cientificos e técnicos do astrolábio. Logo ele se prontificou a atender-me e fui assim várias vezes a casa dele. Aí passei tardes de estudo austeras e apaixonantes. Lições inolvidáveis! Ao contrário do que possa supor-se, com toda a sua cordialidade encantadora, o almirante Gago Coutinho era um tanto dificil em matéria de amizades, relutante a conceder o seu interesse a desconhecidos. Não falava de ninguém que ele não tivesse pesado meticulosamente: só então decidia se havia de gostar ou não gostar das pessoas.

— Já correram 18 anos — continua o dr. Costa Brochado — e sempre fui adiando um livro que fiz tenção de escrever: «As lições que me deu Gago Coutinho sobre Descobrimentos». Um projecto que a vida frustrou... Entretanto, ia eu publicando, aqui e além, artigos sobre assuntos de marinharia, e por cada um deles recebia uma carta do almirante. No ultimo desses artigos — «O ovo de Colombo» — defendia eu a ideia de que a América não fora descoberta pelo navegador genovês, mas já anteriormente pelos Portugueses. Logo o almirante me escreveu a reforçar a tese, achando ainda tímida a minha afirmação. Tinha uma actividade intelectual e física de abismar! Discutia minuciosamente todos os pontos, ainda os mais infimos, de uma controvérsia. Não deixava passar nada...

Recorda o dr. Costa Brochado que, em 1956, tendo o Governo criado uma Comissão Nacional para promover as comemorações do centenário da morte do Infante D. Henrique, aí voltaram a encontrar-se, o almirante Gago Coutinho como membro dessa comissão nacional, ele integrado na respectiva comissão executiva, de que ainda faz parte.

«Aí propus a criação de uma Colecção Henriquina, composta de 12 volumes. Desejava que um desses tomos fosse «O Descobrimento do Atlantico» e que Gago Coutinho se dignasse ser o autor dessa obra. O almirante passara a vida, após o «raid» aéreo ao Brasil, mergulhado na história dos Descobrimentos Portugueses. E resolvera três problemas capitais.

— Pode sistematizar?

O estudo das rotas das grandes viagens dos navegadores portugueses

— Pois sim: primeiramente, o estudo das rotas das nossas grandes viagens — a de Bartolomeu Dias, a de Vasco da Gama, a de Pedro Alvares Cabral. Graças a esse estudo profundo e meticuloso, Gago Coutinho, que até, como é sobejamente notório, repetiu algumas dessas rotas num veleiro, pôde afirmar que essas viagens supunham, ou melhor, provavam a existência de um

(Continua na 13.ª página)

hoje posse

dos [Instituto do Trabalho] strios do País

tituições portuenses, bem como de Braga, onde serviu, com a promessa da mais ampla actividade e toda a dedicação no desempenho das novas funções, consoante o espírito e os princípios que informam o sistema corporativo.

A seguir, falou o sr. dr. Meneses Pontes, que repetiu os agradecimentos e o elogio do ministro, feitos pelo orador antecedente. Referiu-se aos resultados, para a solução de problemas emergentes, da reforma da Previdência e da campanha de doutrinação iniciada com a criação do Plano de Formação Social e Corporativa, prometendo seguir, no dedicado desempenho das suas funções, a linha de conduta traçada pelo ministro. Congratulou-se, também, com o restabelecimento do sr. Presidente do Conselho.

Por ultimo, o sr. dr. Veiga de Macedo salientou que a posse simultanea de tão grande numero

(Continua na 14.ª página)

A P. V. T. identificou prontamente

os autores de dois acidentes que abandonaram as vítimas na estrada

A Polícia de Viação e Transito, tal como já várias vezes referimos, actua hoje com uma eficiência a todos os títulos notável. A prová-lo, novamente, está o facto de aquela corporação ter agora descoberto os autores de dois atropelamentos que abandonaram, na estrada, as suas vítimas.

O primeiro destes acidentes verificou-se no passado dia 24, próximo de Águas de Moura, na estrada para Alcácer do Sal, onde foi encontrado um homem morto. Logo que o facto foi conhecido, deslocou-se imediatamente ao local um agente da P. V. T. que comunicou a ocorrência para os postos da rede de T. S. F. da corporação. Para ali se dirigiu depois a brigada de rádio n.º 115, que passou a actuar na zona do local do acidente, em estreita colaboração com o posto fixo de Setubal.

Pelas informações colhidas, apenas se sabia que tinham estado no posto de abastecimento de gasolina de Águas de Moura, pelas 22 e 30, um médico de Alcácer, que disse ter visto a vítima estendida na estrada e que, um pouco antes, havia cruzado com um carro que devia ser o atropelador. Pouco depois chegava áquele posto de abastecimento um desconhecido, com uma furgoneta, vinda dos lados de Alcácer, que deu também ali a notícia do acidente, mas logo seguiu rumo a Setubal.

No dia 26, por volta do meio-dia, a brigada n.º 115 surpreendeu, em Vendas Novas, o condutor da furgoneta GD-29-83, a proceder a uma urgente reparação a essa viatura.

Interrogado o respectivo condutor, confessou ser o autor do crime e ter passado com os rodados da frente e da retaguarda do veículo por cima da vítima, deixando-a na faixa de rodagem, um pouco antes de cruzar com outro carro. Fez então inversão da marcha, parou no posto de abastecimento de Águas de Moura e tomou rumo a Montijo, Alcochete, Infantado, Pegões e Vendas Novas, onde reside. Trata-se de José Francisco Quintal, de 30 anos de idade.

A brigada da P. V. T. averiguou, ainda, que no veículo seguia também o irmão do motorista, Francisco Leite Quintal, de 42 anos, e Angelo Francisco Barranquero Perron, também residente em Vendas Novas, que foram igualmente presos como encobridores.

A vítima chamava-se Serafim Rosa, tinha 42 anos, era casado, trabalhador e residia em Águas de Moura para onde se dirigia.

O segundo caso verificou-se na Póvoa de Santa Iria, onde, ontem, foi atropelado José Maria Fernandes, de 27 anos, ali residente, quando procedia a uma reparação do seu velocípede, na estrada.

Comunicado o facto ao Posto da P. V. T. de Sacavém, este, em colaboração com a brigada de rádio n.º 103, estabeleceu uma apertada vigilancia sobre os carros vindos de Vila Franca de Xira e, pouco depois, interceptou o veículo de matrícula alemã 226-Z-8057, que apresentava uma amolgadela no guarda-lama da frente do lado direito.

A condutora, D. Maria Vitória Domingues Collaço, residente no Rio de Janeiro, St.ª Clara, 36, Brasil, que havia entrado no mesmo dia no nosso País, pela fronteira de Valença, declarou não ter dado conta do acidente, mas o carro foi logo reconhecido pelo atropelado.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de vários rumos, o céu estava encoberto e caiam chuviscos nalgumas regiões por acção de uma massa de ar humido transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado sobre a Europa Central e de uma depressão centrada sobre o continente e a Madeira.

Temperaturas ás 9 horas: Lisboa, Porto e Coimbra, 11°; Faro, 14° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado, vento fraco de Sueste, rondando para Oeste e tornando-se moderado. Possibilidade de chuva fraca.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 14°,3; mínima, 11°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13°,9; mínima, 7°.

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 15°,2; na água do mar, 14°,6.

Os serviços de Saúde Escolar

vão sofrer grande remodelação

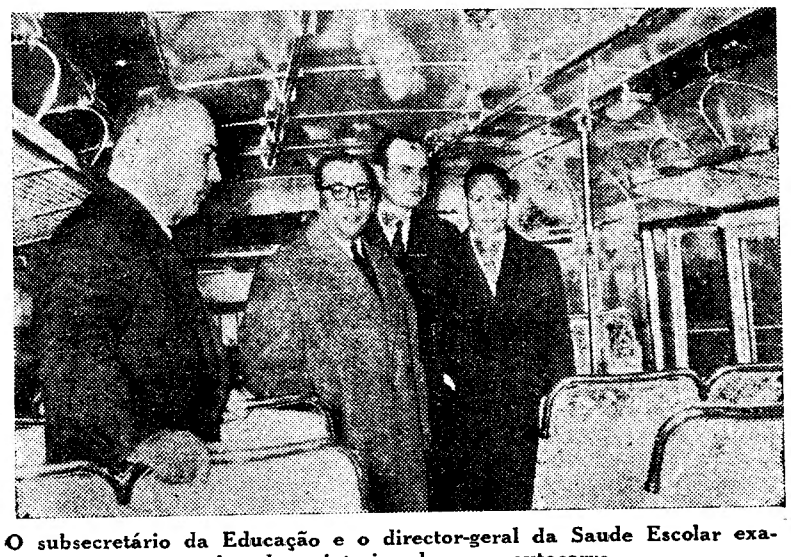
Os serviços de Saude Escolar do Distrito de Lisboa foram hoje dotados de um autocarro destinado a transportar os alunos das escolas primárias e técnicas e liceus, num total de 52 mil educandos, á sede da respectiva inspecção-geral, situada em edificio anexo ao Liceu Pedro Nunes, a fim de ali serem examinados.

Ao acto, assistiram o subsecretário de Estado da Educação Nacional, sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa; o director-geral da Educação Física, Desportos e Saude Escolar, sr. dr. Valadão Chagas; o inspector dos serviços de Saude Escolar da 1.ª zona (Lisboa e arredores), sr. dr. Daniel Monteiro; o reitor do Liceu Pedro Nunes, sr. dr. Dias Agudo; os professores do mesmo liceu, médicos, e visitadores escolares.

No salão daquele estabelecimento liccal, o dr. Daniel Monteiro saudou o subsecretário da Educação, a cuja obra de valorização dos serviços escolares prestou homenagem. Em resposta, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa começou por evocar a figura do dr. Gaspar Machado, que ontem faleceu, e que foi extraordinário pedagogo e professor do Liceu Pedro Nunes. Manifestou, depois, a satisfação que sentia por participar no acontecimento e conviver com colegas e amigos; e teve largas considerações sobre o problema da saude escolar, lastimando que os reparos, objecções e sugestões apresentados sobre o assunto pelo prof. Costa Sacadura, há cinquenta anos, na Sociedade das Ciências Médicas, tivessem ainda plena actualidade.

O subsecretário da Educação declarou ser necessária uma reforma quase total da estrutura vigente no domínio da saude escolar, visitando maior autonomia dos serviços; reajustamento dos quadros e pessoal em face do grande aumento da população escolar; mais vincado espírito de colaboração e compreensão entre o médico e o professor; preparação psico-pedagógica dos médicos; recrutamento de médicos através de processos actualizados; cursos, encontros e colóquios com tods aqueles responsáveis pela saude escolar que actuam por todo o País, etc. — pontos básicos de um trabalho entregue ao director-geral. A terminar as suas considerações, aquele membro do Governo afirmou que não faltarão meios financeiros nem, por certo, o animo necessário para que a reforma ambicionada não seja unicamente «letra morta».

Seguidamente, as entidades oficiais dirigiram-se, entre alas de alunos, que as saudaram, para o local onde se encontrava o novo e moderno veículo de transporte, que atentamente examinaram.



O subsecretário da Educação e o director-geral da Saude Escolar examinando o interior do novo autocarro

Altos Estudos Militares

Devido á transferência do Instituto de Altos Estudos Militares para as suas novas instalações, em Pedrouços, tornou-se «absolutamente necessário remodelar o seu quadro de pessoal». Com esse objectivo foi hoje publicado um decreto-lei.

UMA INFORMAÇÃO AOS DEVOTOS DA SANTA FILOMENA

Estamos crentes que há o interesse de informar os nossos clientes espalhados por todo o País e Províncias Ultramarinas que a **OURIVESARIA SANTA FILOMENA** recebeu nova remessa de Medalhas de OURO e de Prata **desta Milagrosa Santa**

Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C
(Fica em frente ao portão do Jardim Zoológico)

PRATAS EM 2.ª MÃO
GRANDE VARIEDADE
BONS PREÇOS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 2 4564

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,
comércio ou habitação; vestíbulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.º central, etc.
R. António Maria Cardoso, 15

BARRETE VERDE
BENAVENTE — TEL. 74
O MAIS LUXUOSO E TIPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO
EMENTAS REGIONAIS — RANCHOS FOLCLÓRICOS
FANDANGO — ACORDEONS — ETC.
O MAIS ALEGRE DIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO
(6 anos)

SEGURO E VELOZ como um 17M...

...Sou um FORD TAUNUS 17M

2 e 4 portas
3 e 4 velocidades

COMBINE UMA DEMONSTRAÇÃO COM O CONCESSIONÁRIO FORD MAIS PRÓXIMO... ... E CONDUZINDO UM 17 M, VERIFICARÁ QUE...

COM BOM OU MAU TEMPO E' SUPERIOR EM ESTABILIDADE E SEGURANÇA!

CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

LINCURI, LIMITADA
AV. DA REPÚBLICA, 32-A
AV. MIGUEL BOMBARDA, 6 • TEL. 777091/2/3

LISBOA

STAND MODERNO
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A • TEL. 49669
RUA JOÃO SARAIVA, 15 • TEL. 777566

UNi O SOL EM SUA CASA

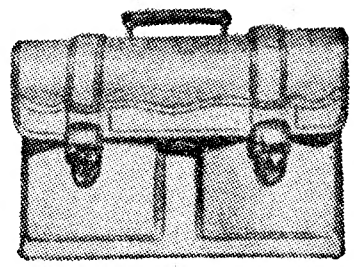
A MAQUINA DE SECAR ROUPA QUE VEM REVOLUCIONAR OS HABITOS DAS DONAS DE CASA

Mais horas livres
Menos esforço físico
Consumo insignificante
PREÇO 2.000$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Representantes: Refrigeração POLAR
Rua do Emenda, 66 r/c. Frente - LISBOA

PASTAS

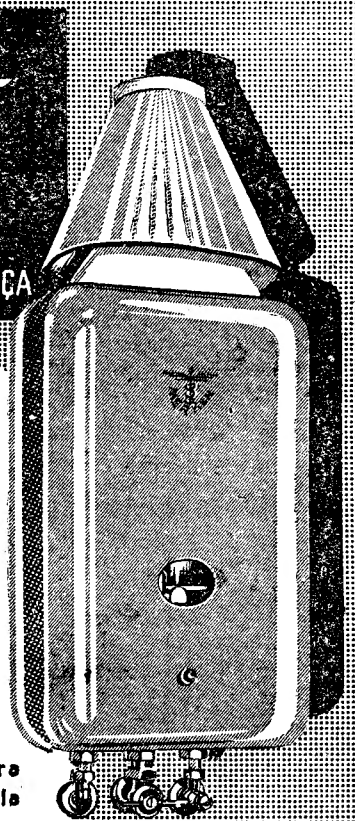


30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena. 97

ESQUENTADOR MERKER

Agora AINDA MELHOR... COM QUEIMADOR EM AÇO INOXIDÁVEL

MERKER
A GRANDE MARCA SUIÇA



Dispositivo automático termo-eléctrico de absoluta segurança

•

GRANDE ECONOMIA DE GÁS

•

CONSTRUÇÃO PERFEITISSIMA GARANTINDO UMA DURAÇÃO ILIMITADA

•

Diversos modelos para Gás de cidade e Gascídla

Representantes exclusivos:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 59181 (3 linhas) • LISBOA

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:
Av. Fernão de Magalhães, 32-2.º

PIANOS
CASA GOUVEIA MACHADO
Rua S. José, 152—Telef. 25517

CASA DOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS DO SUL DE PORTUGAL

S. C. R. L.

SEDE: — RUA PONTA DELGADA, 21 A 27 — LISBOA
TELEFONE 4 02 02
LISBOA

CONVOCAÇÃO

Convoco os sócios a reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 16 de Março de 1959, pelas 21 horas, no edifício da sede com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas do exercício de 1958, e respectivo parecer do Conselho Fiscal.
2.º — Eleição da Mesa da Assembleia Geral e Conselho Fiscal para o exercício de 1959, e da Administração para o biénio 1959-1960.

Não havendo numero legal, ficam os sócios desde já convocados para reunirem em segunda convocação, no dia 31 de Março próximo, á mesma hora e local e com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1959.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Francisco Marques**

Carmelinda de Jesus Gonçalves

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Seus filhos, netos e mais família pela prova de muita amizade e pesar que lhes foram patenteadas, vêm agradecer muito reconhecidos a todas as pessoas que os confortaram e acompanharam no desgosto que acabam de sofrer, e participar que se celebrará missa de 30.º dia, amanhã, dia 1, ás 8,30 horas, na capela das Oficinas de S. José, pelo seu eterno descanso.

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt. Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

DINHEIRO

Empresta-se sobre automóveis nas melhores condições «NORTENHA» Praça da Alegria, 58-2.º — Telf. 366731.

AVISO

TROCA DA CARTA DE CONDUÇÃO PELA DE PROFISSIONAL

Foi superiormente autorizada e já não são exigidas habilitações literárias. Trata deste e de todos assuntos relacionados c/autos e condutores a Agência Automobilística CERCEL, Lda., R. Rodrigues Sampaio, 78-2.º, Telefs. 53442 e 731594, Lisboa.

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Artur Silva Carvalho

Sua familia participa que amanhã, às 10 horas, na Igreja de S. Nicolau, será rezada missa de sufrágio, comemorando a passagem do 10.º aniversário do seu falecimento.

Artur Silva Carvalho

NACIONAL RÁDIO, LDA., gerentes, colaboradores e todo o seu pessoal participam que ámanhã, às 10 horas, na Igreja de S. Nicolau, será rezada missa de sufrágio, pela passagem do 10.º aniversário do falecimento do que foi seu fundador e sócio-gerente, Sr. Artur Silva Carvalho.

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Os filiados da Mocidade Portuguesa estão destinados a grande actividade repartida por:

CORTA-MATO — Campeonatos de iniciados (1.500 metros) e juniores (2.000 metros), nos terrenos do Estádio Nacional, ás 10 horas.

FUTEBOL — Taça «Delegação», reservada a equipas eliminadas do campeonato da Ala 2: Pupilos do Exército-Colégio de S. João de Brito, no Estádio Nacional, ás 10 h.

HANDEBOL DE SETE — Continuação do campeonato. No Estádio Nacional: Pupilos do Exército-Escola Marquês de Pombal B; Liceu Passos Manuel-Escola Nuno Gonçalves e Escola António Arroio-Secção Pina Manique, em «vanguardistas» A, e Liceu Gil Vicente A-Liceu Pedro Nunes, Escola Machado de Castro-Escola António Arroio e Centro 10-Secção Pina Manique, em «vanguardistas» B. No campo do Liceu Gil Vicente: Escola Machado de Castro-Escola Fonseca Benevides e Liceu Gil Vicente A-Escola Ferreira Borges, «vanguardistas» A, todas as partidas ás 16 horas.

VOLEIBOL — Na Escola Nuno Gonçalves, a partir das 10 horas, jogos da primeira jornada da «poule» final do campeonato de voleibol de «infantes», «vanguardistas» A e «cadetes».

ATLETISMO

Com objectivos de propaganda, o Sporting faz disputar antes do encontro de futebol Sporting-Académica, algumas provas (lançamento de dardo e peso e saltos em altura) destinadas a atletas de todas as categorias, excepto aspirantes e cadetes.

BASQUETEBOL

Em continuação do campeonato nacional da 2.ª Divisão — Zona Sul-A (3.ª jornada):

Série A — Sporting de Torres-Boa Hora, no domingo, ás 11 horas, em Torres Vedras, e Carnide-Atlético, na quarta-feira, 4 de Março, ás 21 e 30, em Carnide. **Série B** — Combatentes-Ateneu, no dia 4, ás 21 e 30 horas, no Ateneu, e C. U. F.-Casa Pia, no Barreiro. **Série C** — Dois jogos no domingo: Tabacos-Maria Pia, ás 9 h., nos Barbadinhos, e Almada-Técnico, em Almada, ás 10 e 30. **Série D** — Também no domingo: Sacavenense-Lisgás, ás 11 horas, em Sacavém, e Paço de Arcos-Arroios, ás 10 e 30, em Paço de Arcos. **Série E** — Mundet-Alvalade, no domingo, ás 11 horas, no Seixal, e Liberdade-C. Ourique, no dia 5, ás 22 h., no Bairro da Liberdade. **Série F** — Vitória-Oriental, em Setubal, no domingo, ás 11 h., e Queluz-C. I. F., no dia 5, quinta-feira, ás 22. **Série G** — Igualmente dois encontros no domingo, ás 9 e 11 horas, respectivamente: Cruzquebradense-Pedrouços, na Cruz Quebrada, e Educação Física-Campolide, em Torres Vedras.

As provas da A. B. L. proporcionam. Da **Série A** teremos, ás 11 horas: Oriental-Educação Física, em Xabregas, Belenenses-Cruzquebradense, no Restelo, e Benfica-Sacavenense, no Campo Grande. Sporting A-Rio Seco, em juniores, jogam no campo do Passadiço, ás 11 horas. **Série B** — Em S. Gens, ás 9 e 10 horas, Lisboa Ginásio-Pedrouços; em Paço de Arcos, ás 10 e 11, Paço de Arcos-Algés; e em Campo de Ourique, ás 10 e 11, C. Ourique-Sporting B. **Série C** — Ateneu-Queluz, no Ateneu, ás 10 e 11 horas, Campolide-Nacional, em juniores, no Liberdade, ás 10; Sporting C-Nacional, em infantis, no Passadiço, ás 11; Atlético-Alvalade, em infantis, na Tapadinha, ás 10; e Carnide-Moscavide, em juniores, em Carnide, ás 10 horas. **Série D** — Juniores: Casa Pia-Combatentes, no Porto de Lisboa, ás 11; Maria Pia-Casa Pia, em S. Gens, ás 11; e Algés B-Benfica B, em Algés, ás 10 horas.

CICLISMO

Os corredores iniciados disputam uma prova de 60 quilómetros com chegada na Avenida D. Rodrigo da Cunha.

CORTA-MATO

Nos terrenos do Estádio Nacional, ás 11 horas, torneio de equipas, na distancia de 6.000 metros.

DESPORTO CORPORATIVO

Prosseguem os campeonatos de basquetebol e futebol da F. N. A. T., estando marcados os seguintes encontros:

BASQUETEBOL — B. Espírito Santo-Comp. Carris e F. C. Regina-S. C. Guerin, no Porto de Lisboa, ás 10 e 11 h.; Robbialac-Ferroviários do Barreiro, em Sacavém, ás 10 horas.

FUTEBOL — S. N. Panificação-C. Carris (2.ª Div.), Of. S. José-C. Carris (1.ª Div.), C. P. Pesca-F. C. Regina (1.ª Div.) e C. N. Electricidade-Org. T. Santos (2.ª Div.), no campo de Belém, ás 9, 11, 13 e 15 horas. Ref. Ultramar-S. C. Cervejas (1.ª Div.) e Simca-S. C. Cervejas (2.ª Div.), no campo da Picheleira, ás 9 e 11 h.; S. C. Guerin-F. L. Sacavém (1.ª Div.), no Estádio Nacional, ás 15 horas.

DESPORTO UNIVERSITARIO

Campeonato de futebol: Escola do Exército-Técnico, no Estádio Universitário, ás 11 horas.

FUTEBOL AMADOR

Torneio do Internacional, nas Telheiras: Veiga Beirão-Madeira, ás 9 h.; Amoreiras-S. O. V., ás 12 h., ambos nas Telheiras.

HANDEBOL

Campeonato de Lisboa (Divisão de Honra) — Jogos atrasados: Almada-Belenenses, no Pragal, ás 12 h.; Sporting-Benfica, em Alvalade, ás 9 e 10 e 30 h. (2.ª e 1.ª); Oriental-Alverca, no campo «Eng. Carlos Salema», ás 11 e 12 e 30 h. (1.ª e 2.ª).

Campeonato de juniores (8.ª jornada) — Belenenses-Benfica, no Restelo (treinos); Almada-Sporting, no Pragal; Cova da Piedade-Oriental, na Cova da Piedade — todos ás 9 horas.

HIPISMO

No Campo Grande (Jóquei Clube), disputam-se, a partir das 14 e 30 h., as provas da 2.ª jornada das «poules» da S. H. P., pela seguinte ordem: «cavalos «a meter», seniores (cavalos com «handicap» e cavalos sem «handicap») e seniores (cavalos sem «handicap»).

RAGUEBI

Campeonato Nacional — Divisão de Honra — C. D. U. L.-Benfica, no Estádio Universitário; Sporting-Belenenses, em Alvalade — ambos ás 11 h. **1.ª Divisão** — Académica-Agronomia, no E. Municipal de Coimbra, ás 15 h. **Taça «Francisco Silva»** — Internacional-Direito, nas Telheiras, ás 10 e 30 h.; C. D. U. L.-Benfica, no E. Universitário; Sporting-Agronomia, em Alvalade—ambos ás 9 e 30 horas.

Mosaico internacional

(Continuação da 7.ª página)

de S. Paulo (Brasil), na qual alinha o extraordinário Pelé, o mais famoso «crack» de todos os tempos no seu país. A simples presença do jovem negro constituirá, sem duvida, um atractivo para o publico do lado de cá do Atlantico, ao qual as proesas do «fenómeno» se tornaram já familiares á força de divulgadas. A estreia do famoso grupo brasileiro será na Itália, mais propriamente em Milão, contra o Internacional.

*

Terminou o prazo de inscrição para os Jogos Olimpicos de 1960. Trinta e sete países deram a sua adesão. Os mais importantes, Alemanha, Austria, Dinamarca, Egipto, Finlandia, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Polónia, Roménia, Suiça, Checoslováquia, Turquia, Russia, Estados Unidos, Jugoslávia e França (esta admitida fora do período)!

Entre os ausentes figuram quase todos os países da América do Sul. Vai agora fazer-se uma competição extra, até ficarem só 16 nações para a fase final, em Roma.

*

Kopa fez declarações a um jornal francês que provocaram celeuma em Espanha. O famoso jogador disse que sente a nostalgia do seu país e que está decidido a regressar. A Imprensa espanhola dividiu-se. Enquanto alguns jornais se limitaram a transcrever de «L'Equipe» as afirmações do célebre Ray, outros tomaram partido, pró e contra. «Pueblo», por exemplo, lamenta que Kopa tivesse manifestado aquele propósito numa altura crítica para o Real Madrid, que tem sobre as suas costas o campeonato da Liga e a Taça dos Campeões Europeus. «Informaciones», por outro lado, acha perfeitamente natural que Kopa deseje partir e que tenha sido franco.

*

Billy Wright, «capitão» da equipa de Inglaterra, vai ser homenageado quando completar o seu 100.º jogo internacional, estabelecendo um record dificil de igualar em todo o Mundo. A homenagem realizar-se-á no dia 11 de Abril, quando, em Wembley, se disputar o encontro Inglaterra-Escócia. Isto quer dizer que a selecção de Wright se pode considerar certa a dois meses de vista... Desconhece-se, ainda, qual a forma da homenagem. Entretanto, Wright teve, admite-se, uma decepção. A União dos Jogadores Profissionais havia-se dirigido á «F. A.» sugerindo que do «comité» de selecção fizesse parte um jogador ou um «manager» em actividade, e embora não indicasse nomes, tudo levava a aceitar que o pensamento se fixasse em Billy. Mas a «F. A» respondeu com um redondo «Não!»

Observa-se, agora, que tendo Wright almoçado recentemente com a rainha, parece mais fácil essa honra do que entrar no n.º 22 de Lancaster Gates...

Parry O'Brien

não gostou de ver o seu «record» batido...

LOS ANGELES, 28. — O campeão do Mundo de lançamento de peso, Parry O'Brien, que assistia ontem das tribunas á competição escolar, durante a qual o jovem Dallas batera o seu «record» de 19,304 m., foi ao vestiário mudar de indumentária e, sem dizer nada, dirigiu-se para o terreno e foi ele próprio lançar o peso, que atingiu 19,354 m., batendo assim o jovem Dallas e o seu próprio «record». No entanto, tendo-se verificado que o terreno estava desnivelado, nenhuma das provas foi homologada. — (F. P.).

Provas da A. F. L.

35 desafios marcados para amanhã

A actividade da A. F. L. mantém-se no ritmo das ultimas semanas. Quatro provas prosseguem amanhã, fornecendo o seguinte programa:

Campeonato DiDstrital da II Divisão — Amoreiras-Castelo, no campo José Ramos, ás 15 h.; Santa Iria-Palmense, no campo Reynolds, ás 15 e 30 h.; Amadora-União Povoense, no campo da Amadora, ás 15 e 30 h.; Fanhões-Charneca, no campo da Matinha, ás 16 h. e Odivelas-Ericeirense, no campo Diogo José Gomes, ás 15 e 30 h.

Campeonato Distrital da III Divisão — Série A—Cascalheira-Queluz, no campo José Ramos-B, ás 15 e 30 horas; Lourel-Carcavelos, no campo Arménio Fernando Luís, ás 15 e 30 h.; 1.º de Dezembro-Belas, no campo Conde de Sucena, ás 15 e 30 h.; Alto da Eira-Cacém, no campo no campo do Bonjardim, ás 15 e 30 h.; Linda-a-Velha-Algés, no Estádio Nacional (campo de treinos-relvado), ás 15 e 30 horas.

Série B — Zambujalense-Bucclenses, no campo Conde de Mendia, ás 15 e 30 h.; Vialonga-Camarate, no campo de Vialonga, ás 15 e 30 h.; P. de Loures-Castanheira, no campo Major Arsénio Rosa Bastos, ás 15 e 30 h.; P. de Frielas-Caneças, no campo do Bomjardim, ás 15 e 30 h.; Loures-Povoense A. C., no campo da Areeira, ás 15 e 30 h.; Tojal-Malveira, no campo da Meia-Laranja, ás 15 e 30 horas.

Campeonato Distrital de Juniores da I Divisão (2.ª fase) Repescagem para o quinto lugar (Jogo-repetição): Olivais-Torriense, no Campo Grande, ás 10 e 30 horas.

Campeonato Distrital de Juniores da II Divisão—Série A—Operário-Carcavelos, no campo da Quinta Nova (por troca), ás 10 e 30, h.; Mirantense-Vitória, no Estádio Pina Manique (treinos), ás 9 e 30 h. e Linda-a-Velha-Santa Catarina, Estádio Nacional (campo de treinos «relvado»), ás 11 e 15 h. *Série B*—F. Benfica-Rio de Janeiro, no campo Francisco Lázaro, ás 10 e 30 h.; Amadora-Amoreiras, no campo da Amadora, ás 10 h.; Sintrense-Queluz, no campo Manuel Soares Barreto, ás 10 e 30 h. e Casa Pia-Sporting, no Estádio Pina Manique (treinos), ás 11 e 15 h. *Série C*—D. Olivais-Santa Iria, no campo «Alfredo Marques Augusto», ás 10 e 30 h.; Vilafranquense-Camarate, no campo de Vila Franca de Xira, ás 10 e 45 h.; Alverca-Oriental, no campo Eng. Carlos Salema (por troca), ás 9 h.

Prova distrital de principiantes—Série A: Atlético A-Palmense, no campo da Tapadinha, ás 13 e 30 h.; Belenenses-Oriental, no Estádio do Restelo, ás 10 e 30 h.; Amadora-Casa Pia, no campo do Amadora, ás 11 e 30 h.; Torriense-Sporting, no campo das Covas, ás 10 e 30 h. *Série B—Alhandra-Atlético B*, no campo da Hortinha, ás 10 h.; Vialonga-Olivais, no campo de Vialonga, ás 10 e 30 h.; Sacavenense-Benfica, no campo de Sacavém, ás 10 h.; Vilafranquense-União Povoense, no campo de Vila Franca de Xira, ás 9 e 30 horas.

TAUROMAQUIA

Amanhã, em Algés

Amanhã, ás 16 horas, inaugura-se a temporada em Algés com três touros dos herdeiros de Emilio Infante da Camara e quatro novilhos de Jorge Porto, respectivamente para os cavaleiros D. José Ataíde e mestre Baptista, com os forcados de Riachos, e para os novilheiros Amadeu dos Anjos e Manuel Durão. Os preços são económicos.

TÉNIS DE MESA

O 6.º Portugal-Espanha

pode proporcionar a 1.ª vitória aos jogadores lusitanos

Os melhores tenistas de mesa portugueses da actualidade são hoje, á noite, chamados a mais um confronto — o sexto de uma série iniciada em 1950 — com os Espanhóis. Nada mais se torna necessário dizer para que se avalie do interesse que este embate, a travar no Pavilhão dos Desportos, está a despertar entre os nossos desportistas, mormente no meio afecto á modalidade.

Um despique entre os dois povos peninsulares tem sempre um sabor especial e o ténis de mesa não constitui a excepção á regra. Nunca os Portugueses lograram levar de vencida as representações espanholas, mas nem por isso deixam de ser acalentadas as melhores esperanças de que hoje, á noite, se verifique o primeiro êxito.

Alberto Ló, com uma classe á parte, António Osório, na sua melhor forma de sempre são as «vedetas» da equipa nacional, podendo considerar-se bem secundados por Manuel de Carvalho. O suplente é Sebastião de Carvalho. A Espanha enviou a Lisboa os seus jogadores Albiol, Castillo e Palés I.

As equipas femininas também se defrontam, a completar o programa e embora ninguém pense que Marilia Santamarina, Nelly Runa e Maria Teresa Montoya possam levar a melhor sobre Inacia Hospital e Alícia Guri, a luta não deixa de despertar o maior interesse, para se poder avaliar dos progressos das nossas jogadoras.

JABURU

volta a ser falado

MADRID, 28.—Volta novamente á baila o caso do jogador brasileiro Jaburu, que foi transferido do F. C. Porto para o Celta de Vigo no princípio da época. Jaburu, perante as acusações formuladas pelo Celta, apresentou recurso á Federação Espanhola. Agora, aquele organismo mandou submeter Jaburu a um cuidado exame perante os seus técnicos e médicos, efectuando um treino forte, que foi feito ontem no Estádio Metropolitano, de Madrid.

Jaburu jogou perfeitamente, embora acusando a natural falta de treino, durante dois tempos de trinta minutos cada um, mas mostrou encontrar-se em perfeitas condições físicas. Seguidamente, realizou violentos exercícios de ginástica e foi sondado por três vezes com aparelhos compridos e finos para se comprovar se de facto havia a lesão de que se dizia padecer.

Todas as provas foram perfeitamente executadas por Jaburu, que não acusou nenhuma dor nem impedimento físico.—(A. N. I.).

O PORTO pelo telefone

(Continuação da página central)

de, cite-se, por exemplo, o que o padre Rebello da Costa afirmara em 1789 — : «...digno de um príncipe, já pela magnificência dos jardins, estátuas, etc., já pela sua majestade».

Ninguém sabe ao certo a data da sua construção. Houve quem a atribuisse ao século XVII. O dr. Reinaldo dos Santos é, segundo cremos, quem deve estar mais próximo da razão. Aquilo será obra do arquitecto florentino Nasoni, o mesmo que projectou a Torre dos Clérigos, as igrejas do Senhor de Matosinhos e da Misericórdia, etc., pois outro não é o estilo.

*

O mais antigo proprietário que se lhe conhece foi Vicente de Távora e Noronha, cuja existência realmente coincide com a época em que Nasoni pontificava, sendo crível, portanto, que tivesse sido esse fidalgo, cavaleiro da Ordem de Malta. Dá-se até o facto de, em várias partes do palácio existirem figuras de golfinhos, que, como se sabe, era o timbre dos Távoras. Quem fez do palácio fábrica de sabão foi um indivíduo de nome António Afonso Velado, que o comprou, em 1850, a Jorge Salter de Mendonça, segundo visconde da Azurara, por quinze contos.

Feito barão do Freixo e visconde, em 1870, este senhor Velado cometeu verdadeiros delitos de lesa-arte, chegando ao ponto de substituir o nobre brasão dos Távoras (dos quais ainda há, hoje, felizmente, descendentes, apesar da terrível perseguição que lhes foi movida) pelo seu, sem tradição original, nem tão-pouco história.

Daí por diante o palácio, unico nesta cidade pela sua beleza artística e arquitectónica, sofreu autênticos vandalismos. Em tempos, vimos as suas salas e os seus salões cheios de sacas com farinha, a contrastar com a riqueza das pinturas dos tectos, dos soalhos, dos espelhos e ornatos que falam da importancia e do esplendor de outras épocas.

Hoje apenas habita uma pequena parte, como dizemos, o técnico da fábrica de moagem, sua proprietária, e que, felizmente, é de nacionalidade alemã, pessoa culta e educada — mas também podia ser um moleiro, muito conhecedor do seu ofício, mas que, vindo lá do Suajo ou de outras brenhas, fizesse as contas nas paredes e as esburacasse com escápulas, para dependurar as matrizes das marcas dos sacos ou o próprio pote da tinta preta com que os mesmos se marcam, e cometer ainda outras diabruras semelhantes.

Causa pena ver grande parte daqueles salões completamente desertos, desabitados, silenciosos e tristes, quando, mesmo na posse do Estado, o seu destino podia ser até reservado a residência do Chefe do Estado, dado que a não ser em hoteis, o supremo magistrado da Nação não tem, nesta cidade, instalação condigna inerente á sua posição.

*

Aqui está o que nos sugere este singular, estapafurdio e espantoso contraste entre o lindo e valioso Palácio do Freixo, tão rico de tradições, abandonado a um triste destino, tornado património da moagem, enquanto o melancólico e humilde tugurio do pobre e honrado sapateiro da velha Rua da Murta se exorna da marmórea e solene placa com a expressiva legenda: — Património Municipal!

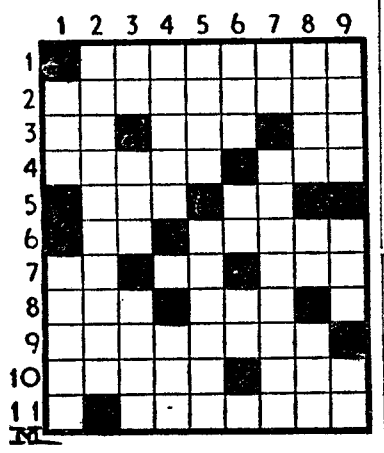
Cartaz para amanhã

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45 — A revista «Com jeito vai!».
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO — Ás 21 e 45 — A peça «Linda Inês».
COLISEU — Ás 21 e 30 — «A Pousada da Sexta Felicidade».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Vingador sem piedade».
BATALHA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «A costureirinha da Sé».
TRINDADE — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Famintos de amor».
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «Raparigas de uniforme».
ÁGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Amor nas nuvens».
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Crepusculo no oceano».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O estudante mendigo».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «As Aventuras de Johnny Tremain».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A rapariga do Kremlin».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1520



HORIZONTAIS: 1 — Vendedores ambulantes de fazendas (brasil.). 2 — Tolhido de movimentos. 3 — Atmosfera. Planeta satélite da Terra. Preposição. 4 — Faustuosos. Espaço de tempo. 5 — Pronome pessoal. Símbolo químico do chumbo. 6 — Existe. Prendera. 7 — Esperança. Em porções iguais (abrev. quím.). Termo. 8 — Braço de mar. Empregue. 9 — Desbrava terreno para o cultivar. 10 — Filtrará. Víscera. 11 — Estirada.

VERTICAIS: 1 — Título dos bispos maronitas. Débil. 2 — Marujo. 3—Prefixo de privação. Rio afluente do Douro. Cidade da Roménia, junto ao rio Maros. 4 — Construções para conservação de forragens, cereais, etc. Reze. 5 — Interjeição que exprime surpresa ou dor. Regulai. 6 — Amarra. Base. Catedral. 7 — Basta! Lugar onde há água estagnada. 8 — Paraíso terreal. Graceja. Claridade (inv.). 9 — Adito. Quero muito. Maligna.

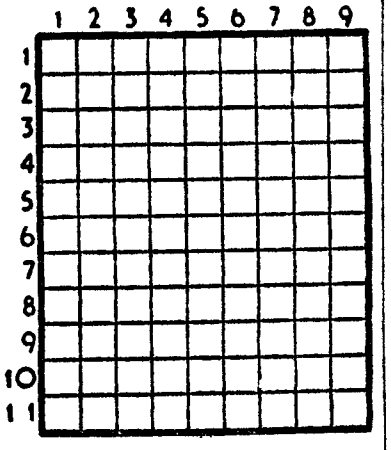
Solução do problema n.º 1519

HORIZONTAIS: 1 — Aquários. 2 — Urgente. 3 — Ode. Riças. 4 — Nó. Cana. 5 — CADA. UM. 6 — Somar. Só. 7—Desbragas. 8—Amzia. Or. 9 — COME. Asia. 10 — Alo. Fitas. 11 — Rasa. Sama.

VERTICAIS: 1 — Mono. Dacar. 2 — DO. Sêmola. 3 — QUE. Cosemos. 4 — Ur. Cambie. 5 — Agradara. 6 — Reinara. Ais. 7 — Inça. GOSTA. 8 — Ota. Usariam. 9 — Sésamos. Asa.

Provérbio: CADA UM COME DO QUE GOSTA.

Problema n.º 3592



HORIZONTAIS: 1 — Caruma. Junta. 2 — Competiria. 3 — Clima. Feiticeira. 4 — Nota musical. Passada. Rei de Basã que foi morto por ordem de Moisés. 5 — Venera. 6 — Irra! Ave de rapina. 7 — Rio que banha Leiria. Amarra. 8 — Incidira. 9 — Brota. 10 — Vias. Ilha situada no Pequeno Belt. 11 — Jesuita italiano que assistiu aos ultimos momentos de D. João V e morreu garrotado e foi depois queimado.

VERTICAIS: 1 — Praia. Cidade do Wurtemberg, Alemanha. 2 — Azedo. Gracejar. Comparecia. 3 — Origem. Depósito de material de guerra. 4 — A parte posterior de uma igreja colocada por detrás do altar-mor. Moradia, 5 — Nota musical. Porém, 6 — Equipara. Levantar. 7 — Nome de mulher bíblica. Ponde cara a cara. 8 — Personagem do Othelo. Povoação do concelho de Alenquer! Doutor (inv.º). 9 — Ora. Cause dor.

Solução do problema n.º 3591

HORIZONTAIS: 1 — Donas. Eva. 2 — Sara. Sai. 3 — Segóvia. 4 — Em. Árias. 5 — Toa. Ele. 6 — Remis. Moí. 7 — Arem. Sá. 8 — Cã. Bulas. 9 — Demorar. 10 — Anel. Da. 11 — Ourem. Lãs.

VERTICAIS: 1 — Detracção. 2 — Os. Moera. Nu. 3 — Nas. Ame. Der. 4 — Area. Imbele. 5 — Sagres. Um. 6 — Oil. Elos. 7 — Esvaem. Ar. 8 — Vais. Ossada. 9 — Aia. Sia. Rás.

Biblioteca Municipal

de Torres Novas

A Biblioteca Municipal de Gustavo Pinto Lopes, em Torres Novas, registou, durante o ano passado, um movimento total de cerca de 15.000 leitores, que requisitaram, para leitura domiciliária, mais de 12.000 volumes, e, para leitura local, na biblioteca, perto de 3.500 obras.

AVILA

CABOS ELÉCTRICOS

TEM A HONRA DE ANUNCIAR A TRANSFERÊNCIA DOS SEUS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E COMERCIAIS PARA AS NOVAS INSTALAÇÕES:

CAMPO PEQUENO, N.º 21 - 1.º ANDAR

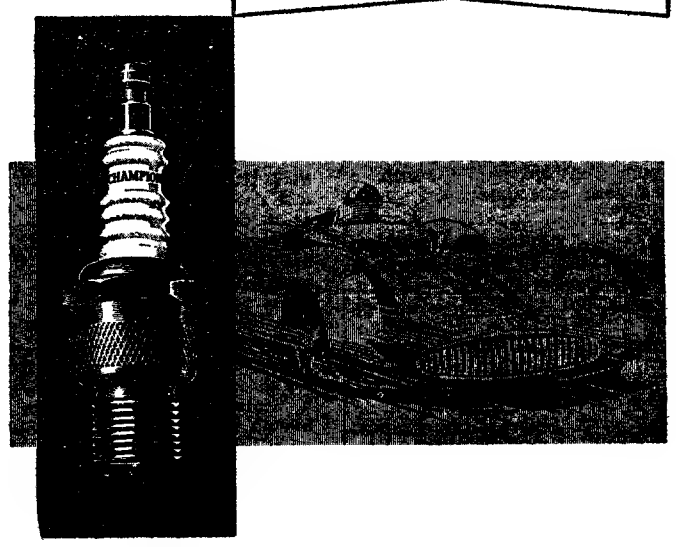
TELEFONES: 7 6 6 1 9 4 3 (LINHAS)
7 6 6 1 6 9
7 6 4 2 4 8

35 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRIFICAÇÃO NACIONAL

FÁBRICA DE CONDUTORES ELÉCTRICOS DIOGO D'ÁVILA LDA.

CC1A

CHAMPION



Maior economia e melhor rendimento com velas Champion de ignição total

C. SANTOS LDA.

Lisboa Porto Coimbra Braga

Blaupunkt Toskana

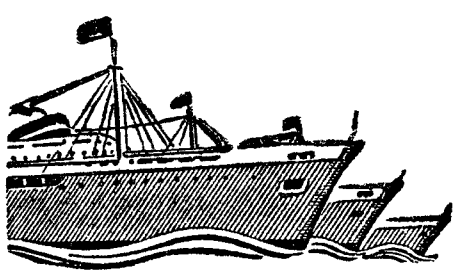
EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ÉCRAN DE 43 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA COR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
2 ALTIFALANTES SUPERACÚSTICOS E LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
CIRCUITOS IMPRESSOS
Preço Esc. 6.990$00
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

VELAS **K·L·G** **NOVA CORUNDITE**

Quink está na base duma boa escrita

Quink é *única* tinta que contém Solv-X, que vai limpando a caneta à medida que escreve.
À venda: Quink Permanente em muitas cores e a famosa Royal Blue *Lavável.*



FLOTA ARGENTINA DE NAVEGACION DE ULTRAMAR
F. A. N. U.
BUENOS AIRES

AVISO

Paquete «SALTA»

Com o conhecimento da Junta de Emigração, avisam-se todos os Srs. Passageiros de que a data da saída deste paquete foi alterada para o dia 28 de MARÇO. Devem portanto todos os emigrantes com passagem marcada para este barco, apresentar-se em Lisboa ou Porto com a antecedência marcada pela Junta de Emigração mas em relação á nova saida.

Os Agentes Gerais
Sociedade Com. Orey, Antunes & Cia., Ltd.
LISBOA

CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

À VENDA NAS FARMÁCIAS

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS

TELEFONE 680167 — RUA PADRE ANTÓNIO VIEIRA, 5-1.º — LISBOA

Para efeitos do disposto no N.º 8 do Art.º 87.º do Regulamento desta Caixa, a Direcção dá conhecimento aos senhores contribuintes e beneficiários, que se encontram patentes, na Sede, de 1 a 15 de Março p.º f.º, o Relatório, Contas e demais documentos respeitantes á Gerência de 1958.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1959.

A DIRECÇÃO

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DO COMÉRCIO

Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos

REGIME DE VENDA DE ADUBOS NA CAMPANHA DE 1958/59

Faz-se publico que, por despacho de 24 do corrente de Sua Excelência o Secretário de Estado do Comércio, se mantêm ATÉ 31 DE MARÇO DE 1959, os preços-base de venda á lavoura dos adubos químicos, bem como os bónus que vigoraram a partir de 1 de Janeiro, constantes do anuncio publicado neste jornal no dia 31 de Dezembro de 1958.

O PRESIDENTE.
a) **Francisco Tavares de Almeida**

Nova colónia de férias da F. N. A. T.

No constante movimento de amplificação das suas iniciativas, a F. N. A. T. vai inaugurar brevemente mais uma colónia de férias, modernamente apetrechada: a Colónia de Férias «Dr. Pedro Teotónio Pereira», em Albufeira (Algarve), cujo início de funcionamento está previsto para a próxima época balnear. Esta e as outras colónias de férias «Um lugar ao Sol», na Caparica, e «Marechal Carmona», na Foz do Arelho, as albergarias de Ranholas, em Sintra, e de Matosinhos, poderão comportar milhares ed trabalhadores e seus familiares, em períodos de 20 dias.

Durante o mês de Março, poderão os beneficiários, que pretendem gozar as suas férias por intermédio da F. N. A. T., fazer a sua inscrição, em impresso próprio, na sede daquele organismo, Calçada de Santana, 180, ou nas suas delegações.

Os turnos idênticos para todas as colónias de férias e albergues, têm as seguintes datas: 1.º turno, 1 a 20 de Junho; 2.º 23 de Junho a 12 de Julho; 3.º, 15 de Julho a 3 de Agosto; 4.º, 6 a 25 de Agosto; 5.º 28 de Agosto a 16 de Setembro; 6.º, 19 de Setembro a 8 de Outubro.

Exames em Cambridge

Na secretaria do Instituto Britanico, encontra-se aberta, até 10 de Março, a inscrição para os exames do «Lower» e «Proficiency», da Universidade de Cambridge, a realizar em Junho de 1959.

Monte Alentejano

Café-Restaurante — Av. Gago Coutinho em Montemor-o-Novo
Telef. 82141

Prevenimos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, domingo, dia 1, não podemos fazer os habituais serviços de almoços por motivo da nossa sala se encontrar reservada para um almoço de confraternização.

A GERÊNCIA

D. Elvira Morais Santos

FALECEU

Fernando Luís Morais Santos, sua mulher Carmelina Baptista da Costa Santos, filha e genro, Alda Rita de Cássia de Morais Santos e filha, António Morais Santos e sua mulher Miquelina da Costa Morais Santos, Luís de Morais Santos e filhos e mais família participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença a sua sempre muito querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 11 horas da Igreja de Santa Isabel para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA BARATA

Alberto Marques Craveiro

FALECEU

Maria Laura M. Marques Craveiro Solheiro de Oliveira e seu filho, José Fernando da Silva Craveiro sua mulher e filho, Monsenhor Angelino Marques Craveiro, Laura Craveiro Costa Soares, filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento de seu chorado pai, sogro, irmão, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã ás 11 horas da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SILVA
Telef. 685808/21287

Os últimos trabalhos de Gago Coutinho

(Continuação da página central)

conhecimento antecipado da Costa Sul do Brasil.

A descoberta do continente americano e a navegação portuguesa no Indico antes de Vasco da Gama

— Em segundo lugar — explica o dr. Costa Brochado —, Gago Coutinho bateu-se, sempre sózinho, pela tese de que entre a viagem de Bartolomeu Dias, ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, em 1487-88, e a de Vasco da Gama, descobrindo o Caminho Maritimo para a India, em 1498, embora não seja conhecida nesse lapso nenhuma outra viagem dos Portugueses, tendo sido a primeira uma viagem costeira, rente á orla ocidental do continente africano, e a segunda uma viagem de largo, forçoso é admitir que entre essas duas empresas houve, indispensável e inevitávelmente, viagens de preparação, para estudo de ventos e correntes.

Naturalmente, numa dessas viagens de preparação os Portugueses teriam visto o continente americano, mas a politica de sigilo, resultante da competição com Castela, haveria impedido a divulgação desse facto.

Apontando uma cadeira de nobre e pesado respaldo fronteira á sua, o dr. Costa Brochado evoca:

— Aí, sentado nessa mesma cadeira, me assegurou o almirante: «E' inclusivamente indispensável que a costa oriental (não já só a ocidental, mas a oriental) da Africa tenha sido devidamente estudada pelos Portugueses, para explicação da facilidade e segurança da viagem de Vasco da Gama. Eram terriveis as correntes nessa costa, sobretudo na altura de Sofala».

— Ora sucede — reata o dr. Costa Brochado — que acaba de aparecer precisamente no Instituto de Estudos Arabes da Universidade de Leninegrado um «Roteiro de Sofala» da autoria do piloto árabe Ahmad Ibn Madjid que guiou Vasco da Gama na sua viagem até Calicute. Esse Ibn Madjid, o maior piloto «mouro» do sec. XV, perito na navegação do Indico, mas que nunca passara de Sofala, não só se refere no seu roteiro á travessia de Melinde para Calicute, como a um naufrágio de que teria sido vítima uma esquadra de «francos de Portugal» em 1495, defronte de Sofala, por desconhecimento das monções e correntes.

«Eis o que comprova a tese de Gago Coutinho. Mas — pondera melancólicamente o dr. Costa Brochado —, o almirante já não teve conhecimento desta revelação, que trago até ao publico português no meu livro, há poucos dias em circulação, «O piloto árabe de Vasco da Gama». Quantas e quantas vezes, no ano de 1958, neste meu gabinete, o almirante insistiu como lhe disse em que os Portugueses não poderiam ter deixado de explorar convenientemente o Oceano Indico antes de nele se aventurarem com armadas de naus pesadas e festivas como eram as do Gama e de Cabral.

O problema da navegação astronómica

O terceiro aspecto fundamental da obra de Gago Coutinho consiste na sua posição em relação ao problema da navegação astronómica — considera o dr. Costa Brochado —. Uma das grandes batalhas em Portugal no campo da História dos Descobrimentos trava-se em torno das seguintes perguntas: quando se iniciou a navegação por altura ou por aparelhos goniométricos e quem a inventou?

O eminente prof. Duarte Leite defendeu a tese de que nunca em vida do Infante se navegou por altura e de que essa navegação astronómica só teria começado no reinado de D. João II. Sobre esse problema sustentei eu uma polémica com o prof. Duarte Leite, pretendendo que aquela navegação fora praticada nos dias do Infante e pelos seus homens. Gago Coutinho veio a meu favor, com o seu enorme saber e autoridade. E com a sua paixão pela ciência, pois uma vez metido num assunto, não havia forças humanas que dele o arredassem.

— Mas deixei em suspenso a segunda parte da questão: quem inventou a navegação goniométrica? Gago Coutinho partilhava a opinião de que no Oceano Indico já se navegava efectivamente por astronomia antes de os Portugueses iniciarem os seus descobrimentos, o que não desmerece em nada a nossa ciência náutica, dado que muito aperfeiçoámos e inventámos. O astrolábio, por exemplo, vem da mais remota antiguidade, mas fomos nós que o aplicámos, com todo o seu rendimento, á navegação. Assim se pode falar numa ciência portuguesa da navegação astronómica, com base evidentemente na transmissão dos conhecimentos através dos séculos e dos povos.

A história do livro «Descobrimento do Atlantico»

O dr. Costa Brochado narra-nos, agora, como veio a ser ele quem escreveu o livro «Descobrimento do Atlantico», tendo a Comissão Executiva pedido a Gago Coutinho que elaborasse ele essa obra, em que expenderia as suas teorias, tais como o conhecimento pré-colombiano da América pelos Portugueses e o fruto das suas investigações sobre as nossas rotas no Atlantico após a passagem do Bojador.

— O almirante apresentou-se aqui e escusou-se, dizendo-se encantado com o convite, mas que não sabia fazer obras de divulgação. E sugeriu: «O senhor é que me podia escrever esse livro». Deitei-me ao trabalho e, rápidamente, redigi as 150 páginas do volume, que lhe mandei ainda dactilografadas para o Hotel O. K. no Rio de Janeiro onde, nesse momento, Gago Coutinho já se encontrava. Passados dias de lá recebi esta carta, que preciosamente conservo (e o dr. Costa Brochado mostra-nos o documento em questão), onde o almirante detida e metódicamente sugeria algumas alterações de minucia.

Não se pode deixar de ficar maravilhado ante o espírito do falecido sábio, a sua sensibilidade extrema á linguagem técnica e científica, a deslumbrante mocidade do seu poderoso raciocínio.

«Dele tenho uma centena de cartas, de alto valor cientifico e com curiosas referências a pessoas e factos, tão elegantes, como, algumas delas, sensacionais. Vou publicá-las. Tenho essa obrigação perante a memória do sábio almirante.

Primo de Bartolomeu Dias, irmão de Pedro Nunes

«Quando voltou do Brasil, Gago Coutinho tornou-se familiar deste gabinete — conclui o dr. Costa Brochado —. Uma vez, aqui sentados ambos, ao fim da tarde, após uma longa conversa sobre problemas de marinharia, perguntei-lhe pela familia. Gago Coutinho sorriu e respondeu: — A minha familia é mais do que a minha familia, é a Nação.

— Eu conheço dois parentes seus.

— Quais?

— Um é seu primo, o outro seu irmão: seu primo Bartolomeu Dias, seu irmão Pedro Nunes. Mas o senhor é o maior dos três.

O almirante abanou a cabeça e respondeu: — Olhe, eu o que sou é um homem que não sabe dançar mas que, por sabê-lo, não dança, e eles (referia-se aos que não aceitavam as suas teses) ignoram que não sabem náutica e por isso escrevem sobre náutica.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo sr. Carlos Augusto Dias Lapa, presidente da mesa da assembleia geral dos Bombeiros Voluntários do Dafundo, recebemos um ofício, comunicando-nos que a assembleia geral ordinária daquela associação aprovou um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa», pela maneira como acompanhámos a actividade daquela corporação.

VIDA SOCIAL

DOENTES

Foi operada, com êxito, pelo dr. Renato Damas Mora, a sr.ª D. Palmira de Assunção Alves Brás, esposa do sr. José Jacinto Brás, membro do Conselho Regional da Casa do Alentejo.

SE V. EXA. ESTÁ *Constipado*
TOME
ASPIROQUINAL
ANTI-GRIPAL DE COMPROVADOS EFEITOS
VENDE-SE EM TODAS AS FARMACIAS

Carreiras aéreas

As carreiras da «Lufthansa» para Portugal

A «Lufthansa», devido ao aumento da sua frota, vai passar a utilizar, a partir de Março, nas suas carreiras entre a Alemanha e Portugal, modernos aviões «Viscount 814», que reduzirão o tempo de voo na ligação entre os dois países.

Aquele avião tem as seguintes características: comprimento, 26,11 metros; envergadura, 28,63 m.; altura, 8,15 m.; potência á descolagem, 7.280 cavalos; raio de acção 1.670 quilómetros; propulsão, 4 motores «Rolls-Royce», em sistema turbo-hélice, com a velocidade de cruzeiro de 460 quilómetros horários.

O movimento da «Avianca»

Foi o seguinte o movimento da «Avianca», durante o ano de 1958: horas de voo, 92.290; quilómetros percorridos, 25.875.634; passageiros transportados, 1.123.054; total da carga transportada, 72.983.944; numero de voos realizados, 54.554.

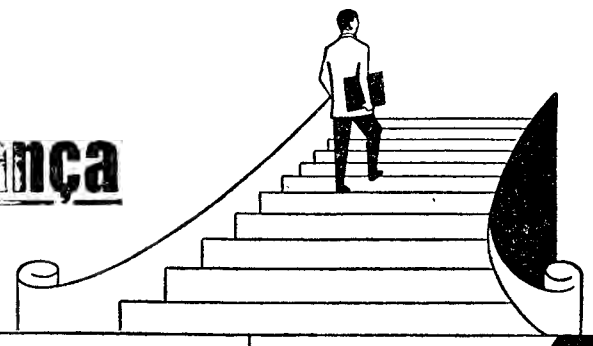
ANTIGOS ALUNOS

do Liceu de Castelo Branco

Um grupo de antigos alunos que frequentaram o Liceu de Nun'Alvares, de Castelo Branco, até á época de 1934-1935, vai promover, no dia 21 de Março, num restaurante de Lisboa, um jantar de confraternização para o qual recebem inscrições os antigos condiscípulos: Vicente Rodrigues, na Camara Municipal de Lisboa; João Proença Serejo, na Companhia Carris de Ferro de Lisboa, e Joaquim Parro, na Emissora Nacional.

BATAS HOSPITALARES
CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1. — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
PIJAMAS E CUECAS

Subindo com segurança



1958	60.000.000$00	352.126.802$82	1.158.183.117$73	1958
1957	52.800.000$00	260.952.839$45	933.529.312$79	1957
1956	45.800,000$00	212.084.715$86	637.137.524$30	1956
1955	24.083.343$00	159.332.824$15	318.184.078$82	1955
1954	20.452.775$68	74.798.733$49	143.787.721$57	1954
1953	5.000.000$00	45.434.616$76	74.309.802$97	1953
	CAPITAL E RESERVAS	DEPÓSITOS	DESCONTOS E EMPRÉSTIMOS CAUCIONADOS	

PINTO DE MAGALHÃES, L.DA
BANQUEIROS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
PORTO • LISBOA • AMARANTE • ARCOS DE VALDEVEZ • PENICHE • FÁTIMA
CORRESPONDENTE NO BRASIL:
PINTO DE MAGALHÃES, L.DA
RUA DO OUVIDOR, 86 - RIO DE JANEIRO

NECROLOGIA

Prof. dr. Fernando de Almeida Ribeiro

COIMBRA, 28 *(Pelo telefone)*.— Realizou-se esta tarde, da igreja da Sé Velha para o cemitério da Conchada, o funeral do sr. dr. Fernando de Almeida Ribeiro, professor jubilado da Faculdade de Medicina de Coimbra, que faleceu ontem, ao fim da tarde, na sua residência na Couraça de Lisboa.

No funeral, que constituiu uma significativa manifestação de pesar, incorporaram-se o reitor e professores da Universidade, estudantes e representantes de todas as classes sociais.

A chave da urna era levada pelo reitor da Universidade, sr. prof. dr. Maximino Correia, que representava o ministro da Educação Nacional, sendo aquela ladeada por archeiros com as respectivas alabardas.

No cemitério, enaltecendo as qualidades do extinto e manifestando o seu pesar pela morte, usaram da palavra o reitor da Universidade e o sr. prof. dr. João Porto, em nome da Faculdade de Medicina, que representava o seu director, sr. prof. dr. Vaz Serra, ausente de Coimbra.

O sr. prof. dr. Almeida Ribeiro, nasceu em Vila Real de Trás-os-Montes em 15 de Dezembro de 1881, era casado com a sr.ª D. Maria da Glória Meneses de Campos Almeida Ribeiro e pai dos srs. drs. Fernando Meneses de Campos Almeida Ribeiro e D. Maria Fernanda Meneses de Campos Almeida Ribeiro Coelho e sogro do sr. dr. António Eduardo Baptista Coelho, estes médicos em Lisboa.

Ocupou a cátedra durante 43 anos, tendo regido as cadeiras de Psiquiatria e de Medicina Legal, esta até á data da sua aposentação, — Dezembro de 1954.

Figura das mais brilhantes da Universidade de Coimbra á qual prestou os mais relevantes serviços, conquistou sempre a mais viva simpatia tanto dos seus colegas como dos estudantes pelas suas especiais qualidades de carácter e de inteligência.

D. Elvira Morais Santos

Faleceu a sr.ª D. Elvira Morais Santos, de 81 anos, viuva, natural de Lisboa, mãe da sr.ª D. Alda Rita de Cássia de Morais Santos e dos srs. Fernando Luís Morais Santos, industrial, António Morais Santos, funcionário da Mobil Oil Portuguesa, Luís Morais Santos, funcionário da Junta de Crédito Publico, sogra das sr.ªs D. Carmelina Baptista da Costa Santos e D. Miquelina da Costa Morais Santos, avó do sr. Luís Maria Branco Morais Santos, cadete da Academia Militar Pedro Rodrigo Branco Morais Santos, estudante, D. Maria Luísa Branco Morais Santos, D. Maria Fernanda Morais Santos Pereira, casada com o sr. Pedro Manuel Pina Manique Pereira e da menina Maria José Santos Metrass de Azevedo, estudante. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Igreja de Santa Isabel para jazigo de familia no cemitério dos Prazeres.

José Branco

Realiza-se amanhã, ás 10 horas, da casa mortuária do Hospital de S. José, para o cemitério do Lumiar, o funeral do sr. José Branco, de 76 anos de idade, membro do quadro tipográfico do nosso prezado colega «Republica», que conforme noticiamos, foi vítima de um acidente de viação e não resistiu aos ferimentos sofridos.

D. Hedwiges Girão Bailey

Faleceu, hoje, a sr.ª D. Hedwiges Girão Bailey, de 74 anos, esposa do nosso camarada na Imprensa sr. Armando Bailey, que era muito estimada pelas suas virtudes e bondoso coração.

O corpo está na igreja de São Nicolau, de onde sai amanhã o funeral para o cemitério da Chamusca.

Morto pelo comboio

AMADORA, 28 — O jornaleiro Jeremias Baptista Fernandes, solteiro, de 32 anos, natural de Montevil (Alcácer do Sal) e residente nesta vila, na praceta Miguel Bombarda, 22, foi colhido mortalmente por um comboio, na passagem de nível local. O desastre deu-se em consequência de desatenção da vítima, que, atravessando diante de uma locomotiva, não se apercebeu de que outra vinha em sentido contrário para lá do seu campo de visão.

Foram processados pela Intendência vários comerciantes de Lisboa e da provinci

A Intendência Geral dos Abastecimentos está a vigiar activamente os preços do peixe e as suas brigadas processaram, por especulação, várias vendedeiras dos mercados municipais de Lisboa, Porto e outras localidades, bem como um feirante de Cantanhede.

No mercado de Torres Vedras, a vendedeira Isaura de Oliveira Rocha foi abordada pelos fiscais por estar a vender peixe a preços exagerados. Intimada a justificar os preços, exibiu facturas provenientes de Lisboa, mas os fiscais apuraram que mandara imprimir naquela vila dois blocos de facturas com o nome de um fornecedor da capital e a arguida mencionava nessas facturas os preços que entendia, como se fossem os da origem, para justificar os preços que praticava na venda ao publico. Foi presa e apresentada no tribunal, com o processo. Depositou 15 contos de caução e seguiu em liberdade, aguardando julgamento.

No tribunal de Sintra, o vendedor de peixe António Cipriano Lucas, foi condenado em um ano e um mês de prisão não remivel, multa e imposto, indemnização á cliente em 250$00, por falta de letreiros com os preços.

Por existência de produtos impróprios para consumo, os quais se destinavam á venda, foram levantados processos contra um talho da Rua do Benformoso; um retalhista de mercearia, da Régua; uma vendedeira de peixe, do mercado do Bolhão, no Porto, e um talho das Caldas da Rainha.

Foram, ainda, ultimados processos contra 5 retalhistas de mercearia da provincia, que tinham á venda bacalhau, azeite, banha e toucinho impróprios para consumo.

Pequenas noticias

PELA POLICIA

«NEGÓCIO CHORUDO» — Foi agora enviado ao Tribunal Correccional da Boa Hora um processo em que é arguido Fernando Gomes Pires Guerreiro, mais conhecido pelo «Nelson», solteiro de 21 anos. Consta do processo que o «Nelson» burlou uma senhora, na importancia de 500$00, que lhe pedira emprestados para a concretização de um «negócio chorudo», que não eram mais do que o pagamento da pensão onde se encontrava hospedado.

PELOS HOSPITAIS

COLHIDA POR UMA VACA—Maria Bárbara Gonçalves, de 37 anos, residente em Pintelos (Santo Antão do Tojal), foi aí colhida por uma vaca. Ferida no baixo ventre, teve de ser transportada para o Hospital de São José.

ATROPELADA POR UM AUTOMOVEL — Candida Augusta Gomes Pereira, de 38 anos, moradora na Rua Bernardim Ribeiro, 63, 4.º, foi colhida por um automóvel na Rua Luciano Cordeiro. Muito contusa, recolheu ao Hospital de São José.

ENGANO FATAL — Faleceu no Hospital de São José, onde há dias dera entrada, por ter ingerido, por engaño, comprimidos tóxicos em demasia, Georgina de Jesus, de 29 anos, que morava na Calçada do Poço dos Mouros, 30, cave.

REGIONALISMO

Hoje, ás 21 e 30, realiza-se no salão nobre da Casa do Alentejo, um serão cultural, primeiro de uma série destinada aos sócios daquela agremiação regional e suas familias.

Do programa fazem parte trechos de óperas, fados e canções ribatejanas e de outras regiões, interpretados por um grupo de alunos da professora de piano sr.ª D. Ema Cordeiro, constituido por Artur Honrado, Pedro Noronha, Helder Padesca, Irene Marques, Maria de Lourdes, Ziza Martins, Vitor Lemos e Mário Moutinho.

A posse dos delegados do Instituto do Trabalho

(Continuação da página central)

de delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, bem como do novo presidente da Comissão Coordenadora do Serviço Social Corporativo e do Trabalho e de mais um adjunto do director do Instituto de Formação Social e Corporativa, constitui acontecimento singular na vida deste Ministério, porque dá a medida da renovação dos quadros.

—E' uma renovação de homens e também de métodos, que não de princípios — disse o ministro —. Renovação suscitada pela nossa inquietação perante os problemas e imposta pelo espírito revolucionário que brota da própria doutrina que abraçámos. Na verdade, se nada temos a alterar no domínio dos princípios, tudo aconselha a rever com frequência os processos de trabalho, rejuvenescendo para tanto, e sempre que necessário, o escol dirigente. Não basta que se definam programas: é mister, também, executá-los. Mas para isso importa que as técnicas de actuação se adaptem ás novas circunstancias e ás crescentes exigências da vida social.

Falou do combate á agitação e aos seus cúmplices, criticando àsperamente a actividade dos agitadores profissionais, e da missão dos funcionários empossados, dizendo-lhes:

—Ao conferir, agora, aos novos delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência os poderes necessários no exercício das suas importantes funções, quis, acima de tudo, exaltar, na autoridade de que ficam investidos, o postulado natural da hierarquia dos valores e dos interesses — e, portanto, das proprias responsabilidades.

Terminou por saudar o Chefe do Governo, cuja obra enalteceu.

Antonino Baptista recuperou a bicicleta que lhe roubaram em Nice!

PARIS, 28. — Estando em França para disputar várias provas de ciclismo, o corredor português Antonino Baptista, de 25 anos, teve a desagradável surpresa de verificar que a sua bicicleta havia desaparecido, na terça-feira, em Nice.

Horas depois, passeando tristemente pelas ruas da cidade, cruzou-se com um rapaz que seguia muito vaidoso da sua pessoa numa esplêndida bicicleta de corridas, exactamente igual á dele...

Explicação na esquadra da Polícia: aquela bicicleta era realmente a de Antonino, mas o rapaz que a guiava apresentou um recibo passado por três Jugoslavos que não tardaram a ser identificados. Dois deles já estão presos. — (F. P.)

O seu corredor está COMO NOVO...

pelo aspecto de intensa frescura que lhe deram os mosaicos COLOVINYL. Pela profusão das suas cores (mais de 20), é possível a combinaçao de qualquer desenho, mesmo original! Particularmente recomendados para cozinhas, quartos de banho e vestíbulos. Catálogo gratuito, compreendendo grande variedade de amostras.

Colovinyl
MOSAICOS DE AMIANTO PLASTICO
fabricação Krommenie
REPRESENTANTES:
PEREIRA & CASTRO, Ldª
Rua de Alexandre Herculano, 322 - PORTO
DISTRIBUIDOR:
MÁRIO SANTOS
Rua de Sá da Bandeira, 340 - PORTO
Largo do Carmo, 15-r/c.-Dt.º — Lisboa

Se pretende comprar máquina de somar ou calcular
« P R E C I S A »
Consulte:
Henrique Passos Durand
Rua Frei Manuel do Cenáculo, 3-2.º, D.º — Telf. 847332

Esta família está pronta a fazer uma viagem...

..MAS FALTA-LHE UMA COISA!

...O QUE SERÁ?

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 28 de Fevereiro de 1929 a notícia da chegada á Guarda do comboio que transportava a urna funerária contendo os restos mortais de Augusto Gil. Na estação aguardavam o comboio as pessoas de maior representação da cidade, que apresentaram á desolada viuva do poeta e ás pessoas de família que a acompanhavam, a expressão do seu pesar Formou-se em seguida um longo cortejo de automóveis que acompanhou o préstito até ao cemitério da Guarda, onde a urna ficou depositada em jazigo de família. No cemitério, a urna foi conduzida aos ombros de estudantes.

EFEMÉRIDES

No dia 28 de Fevereiro de 1564 morreu o genial Miguel Angelo.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio rural; 18 e 50, Abertura da opereta «Linda Helena», de Offenbach; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarela brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo, Vozes do Mundo; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B»—Ás 19, Aspectos da musica moderna; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto de camara, em que colaboram a cantora Maria Luísa Honénio e a pianista Maria Elvira Barroso. No intervalo, Temas portugueses; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, 2.º acto da ópera «Ernani», de Verdi; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Sinfonia n.º 9, op. 70», de Chostakovitch; 22 e 45, Que quer ouvir? «Sonata n.º 26, op. 89» (do Adeus), de Beethoven; «Dança hungara n.º 2, em ré menor», de Brahms, e «Quinteto em lá maior, op. 114» (A Truta), de Schubert; 23 e 45, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 17 e 30, Variedades; 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Guy Mitchell; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, Orquestra de Mantovani; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Baile.

Estação de Miramar—Ás 18, Paisagem infantil; 18 e 30, Orquestras e canções; 18 e 45, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 15, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Pierre Spiers; 21 e 30, Uma orquestra e uma voz; 22, Brasil; 22 e 30, Vozes e musicas da América; 23, Trechos de zarzuela; 23 e 30, Fados do Patrício; 23 e 45, América Latina; 0, Baile.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, Horizonte do Mundo; 19 e 45, Acordeões; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As ultimas novidades; 21 e 30, Cançonetas europeias; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Opereta; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «A Pensão da D. Esperança»; 22 e 10, «Na rua e na estrada»; 22 e 30, «Tele-Desporto»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23 e 30, fecho da emissão.

EMISSÕES RÁDIOFÓNICAS

O programa coimbrão «Rua larga», transmitido hoje ás 23 horas, no Rádio Clube Português, incluí uma evocação de Gago Coutinho, a despedida de Coimbra do sr. cardeal-patriarca, e fados pelo dr. Paradela de Oliveira que também evoca um curioso episódio académico. A emissão repete-se na terça-feira, á mesma hora, no emissor de Miramar.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511, Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728, Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469, Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata 220 Tel 21342 — A —; Santa Cruz — Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, n.º 2-A, Telefone .....; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

EXPOSIÇÕES

Inaugurou-se hoje, na Galeria «Mansarda», uma exposição de óleos e aguarelas do pintor Jerónimo Fernandes. A exposição estará patente ao publico até 15 de Março.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, á noite, efectuam-se bailes na Associação Luís Braille, Casa Pia Atlético Clube, Bombeiros Voluntários dos Estoris, Grupo Tauromáquico «Sector 1», Sociedade Nacional das Belas-Artes, Casa de Moçambique e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

HOMENAGENS

Efectua-se hoje, pelas 22 horas, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, uma sessão solene, organizada pela Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, dedicada á memória do professor António Flores, que foi o seu primeiro presidente. Nesta sessão, a que preside o ministro da Saúde e Assistência, usam da palavra os srs. dr. Almeida Amaral, presidente desta Sociedade, e professor Barahona Fernandes, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21.45 — «Um marido em rodagem».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».
VARIEDADES — A's 21.45 — «A rainha do ferro-velho»
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Companhia Portuguesa de Circo».

CINEMAS

TIVOLI — «O jogador».
SÃO LUIZ — «Sortilégio de amor»
SÃO JORGE — «Clamor de vingança».
IMPÉRIO — «Desejo sob os ulmeiros»
EDEN — «A costureirinha da Sé».
POLITEAMA — «Os recrutas também mandam».
MONUMENTAL — «As diabólicas»
CONDES — «As diabólicas».
ODEON — «Pecado de castidade».
ROMA — «O meu maior pecado».
CAPITOLIO — «Sayonara».
AVIS — «O arquiduque e a costureira».
A L V A L A D E — «Sortilégio de amor»
RESTELO — «Tempo para amar e tempo para morrer».
OLIMPIA — «Trevas na alma».
IDEAL — «A verdade e o medo».
JARDIM — «O homem que veio de longe».
PROMOTORA — «Os miseráveis».
CAMPOLIDE — «O Dongo».

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma pasta, um porta-moedas, uma nota do Banco de Portugal, um relógio, uma planta-projecto, um interruptor, uma pulseira, uma chapa de registo de veículo automóvel, uns óculos graduados, um brinco, um bilhete de identidade, uma embalagem com amortecedor para automóvel, uma chave de fendas, uma carteira, cinco porta-moedas, luvas desirmanadas, argolas com chaves e várias chaves.

Também se encontram, no Sindicato Nacional dos Motoristas: uma gramática latina, um chapéu, medicamentos, um livro, uns óculos escuros, uma mala, luvas de camurça, um ferro de engomar, duas sombrinhas, um livro, um porta-chaves e luvas.

— As mulheres da Polónia chamam-se polacas, não é, avozinha?
— É sim, minha linda.
— Então as da Estónia são estacas...

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Estão a pagamento em Março com juros da mora as seguintes contribuições e impostos não pagos em Janeiro e Fevereiro findos: *Contribuição Predial; Contribuição Industrial-Grupos A, B e C; Imposto Profissional—Profissões Liberais, Imposto Profissional, Empregados e Assalariados;* e *Imposto Sobre a Aplicação de Capitais-Secção A.*

TAXA DE SOBERANIA COLONIAL — As firmas que têm relações regulares comerciais com as províncias ultramarinas ou que nelas exerçam qualquer ramo de comércio, industria ou agricultura, devem enviar á secção de finanças da área da sua sede, até ao dia 31 de Março, uma declaração com os seguintes elementos:

a) Nome, firma ou denominação social; b) Sede ou residência; c) Importancia da renda anual do estabelecimento, do escritório ou o seu valor locativo, quando o contribuinte for o seu proprietário. Se o estabelecimento ou escritório estiver instalado na casa de habitação do contribuinte a importancia de renda ou valor locativo é o correspondente á parte dos imóveis ocupados.

IMPOSTO COMPLEMENTAR — *Declarações modelo 2* — Sua apresentação até ao dia 15 de Abril por parte de todos os indivíduos que paguem imposto de minas ou de águas mineromedicinais ou que aufiram rendimentos totais superiores a 60.000$00, incluindo os do conjuge e filhos menores.

Declarações modelo 3 — Sua apresentação até 31 de Março por parte das sociedades e demais entidades colectivas, incluindo os organismos corporativos e sociedades de qualquer espécie, com sede no estrangeiro ou ultramar.

Declarações modelo 4 — Sua apresentação até ao dia 15 de Abril por parte das sociedades anónimas e comanditas por acções.

Declarações modelo 5 — Durante o mês de Março por parte das sociedades de seguros e quaisquer outras entidades que paguem rendas temporárias ou vitalícias, com excepção da Junta de Crédito Publico.

Declarações modelo 6 — Até ao dia 15 de Abril por parte das sociedades anónimas com referência ao dividendo atribuído ás acções nominativas ou ao portador registadas.

ESTATISTICA — Todas as sociedades devem remeter até ao dia 15 de Abril ao Instituto Nacional de Estatística, o respectivo verbete estatístico, contendo os elementos nele indicados, acompanhado do relatório da gerência, com excepção das sociedades coloniais ou das que tenham de receber elementos do estrangeiro, ás quais é permitido completar o preenchimento do verbete até 30 de Junho.

Vedações de trânsito

por obras em colectores

A fim de se proceder ao rebaixamento dos respectivos colectores, vão ser vedadas ao transito, só de veículos e total, respectivamente, a Rua da Conceição da Glória, nos troços compreendidos entre a Rua da Glória e a Avenida da Liberdade e entre a Travessa do Possolo e o Largo do Rilvas. Essas vedações devem durar 20 e cerca de 15 dias.

VIDA MUSICAL

Instituto Italiano de Cultura em Portugal

Com a palestra do dr. João de Freitas Branco sobre «Estilo Galante, Classicismo, Romantismo e Época Contemporanea», terminaram as seis sessões dedicadas a musicos italianos e á História da Musica na Itália. As três sessões por João de Freitas Branco formaram um vasto panorama, deixando independentes as outras três sessões que Nella Maissa subordinou, respectivamente, a Doménico Scarlatti, Muzio Clementi e á Musica Contemporanea, a unica que pudemos ouvir á ilustre pianista-concertista

Nella Maissa tinha apresentado o seu assunto sob forma de um pequeno concerto acompanhado de comentários sem pretensões. E com muito gosto lhe ouvimos «Tre Ricercari» e «Toccata», de Bruno Bettinelli, de pensamento elevado e realização séria, num estilo de acordo com os títulos; uma «Umoresca», de Cesare Nordio, menos significativa dentro dos movimentos actuais; a muito conhecida e brilhante «Danse d'Olaf», de Pick-Mangiagalli, e, como obra mais marcante, os dois «Ricercari sobre o nome de Bach» e a «Toccata», de Alfredo Casella. As execuções beneficiaram da inteligência e do largo fôlego pianístico da intérprete, só um pouco excessiva, por vezes, na sonoridade.

Já nos referimos oportunamente á segunda palestra de João de Freitas Branco. Para despedida, voltou a estender os olhos sobre largas porções de história da musica, seguindo dados habituais, entremeados de observações judiciosas, mais pessoais. Não foi inteiramente equilibrada a sua dissertação, talvez, galgando épocas para depois voltar atrás; mas teve especial interesse a sua chamada ao musicólogo Kastner, para explicar em parte as razões que não deixam os italianos enveredar por um pronunciado romantismo. (E' então difícil de definir o composto de um musico transcendente como Verdi).

Apesar de forçado, achamos graça também ao parentesco entre o baixo contínuo e o poder absoluto de reis e príncipes. Mas, sobretudo, João de Freitas Branco, com a boa orientação de espírito que lhe é peculiar, aproveitou os pontos de aproximação italo-portuguesa, ou ibero-italiana. No natural movimento italiano de neoclassicismo novecentista, associou justamente o compositor português Luís de Freitas Branco — pai do conferencista. E terminou a sua muito aplaudida exposição falando de Ferruccio Busoni, pianista insigne, esclarecido espírito de musico e de compositor, que teve relações de estreita amizade com Viana da Mota, oferecendo João de Freitas Branco á nossa saudade, para complemento, a execução em disco do Gineceu de Turandot, de Busoni por Viana da Mota, que, mesmo numa gravação antiquada e gasta, impõe a sua desmedida grandeza de pianista-intérprete.

FRANCINE BENOIT

Prémio internacional de composição

GENEBRA, 28.—A rainha Maria José, de Itália, que reside perto de Genebra, instituiu um prémio internacional de composição musical do valor de 7.000 francos suíços, a atribuir de dois em dois anos, e pela primeira vez em Novembro de 1960.—(F. P.).

Almoço de homenagem

a um expedidor da Carris

Por ter atingido o limite de idade, estando há já 31 anos a prestar serviço como expedidor na Boa Hora, uma comissão de moradores daquela zona oferece amanhã um almoço de homenagem ao sr. João Rodrigues Malta, expedidor n.º 13 da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

A União Soviética insiste

na conveniência da assinatura de um tratado de paz e não agressão com os Britânicos

(Continuação da 1.ª página)

a uma guarda de honra formada por cerca de 200 homens e escutou os hinos nacionais russo e inglês.

Algumas centenas de pessoas aplaudiram-no á saída do aeroporto.

Depois do almoço, o primeiro-ministro britanico visita o primeiro quebra-gelos atómico da Russia, que se encontra ancorado no rio Neva. — (A. N. I.).

Os Russos insistem no tratado com a Grã-Bretanha

MOSCOVO, 28 — E' evidente que MacMillan não tomará qualquer decisão nem fará qualquer promessa durante esta sua visita á U. R. S. S., sem ter consultado os seus aliados e especialmente os Governos de Paris, de Washington e de Bonn.

Mas nem por isso Kruchtchev deixa de insistir — desta vez por intermédio do «Izvestia» — na proposta de assinatura de um pacto de amizade e não agressão entre a União Soviética e a Inglaterra.

Nos círculos britanicos afirma-se que MacMillan, embora não seja partidário de qualquer conferência de alto nível que não tenha sido cuidadosamente preparada, aceitaria a sua realização próxima, se viesse a considerar-se esse o unico meio de evitar a guerra ou qualquer incidente grave.

Entretanto, o primeiro-ministro britanico realizou ontem a sua visita a Kiev segundo o programa estabelecido, que incluia um passeio pela cidade, a romagem ao tumulo do Soldado Desconhecido, a passagem turística obrigatória á Catedral de Santa Sofia construida no século XI e ainda muito interessante pelo esplendor dos seus frescos poupados pela guerra e uma visita de estudo a uma granja colectiva, de 675 casas.

Depois desta visita, MacMillan disse ao director da empresa:

«Tenho a certeza de que muito teríamos a ganhar com o estudo profundo dos nossos respectivos métodos de trabalho e que isso nos auxiliará a manter a paz, «essa paz que o Mundo inteiro deseja».

Em resposta, o director pediu a MacMillan que transmitisse ao povo britanico as saudações dos lavradores da Ucrania e que lhe garantisse que estes desejam a paz. — (A. N. I.).

Mikoyan assinala a «rigidez» de MacMillan

MOSCOVO, 28 — O vice-presidente do Conselho russo, Mikoyan, referindo-se á visita de MacMillan, declarou ontem, num discurso eleitoral, em Rostov:

«As primeiras impressões foram de que o primeiro-ministro britanico procurava descobrir soluções, mutuamente aceitáveis, para importantes problemas. Os dois lados tiveram uma util troca de pontos de vista e aclararam as suas posições.

«Mas depois, quando as conversações derivaram para o tratado de paz com a Alemanha e a questão de Berlim, o primeiro-ministro adoptou uma atitude de rigidez, influenciado possívelmente pelos compromissos assumidos para com os aliados da Grã-Bretanha». — (A. N. I.).

Não se disse ainda a última palavra sobre a visita

OXFORD, 28 — «Segundo a minha experiência, estou convencido de que não nos deveríamos surpreender fossem quais fossem as consequências da missão do primeiro-ministro, nem nos devemos convencer de que já ouvimos sobre o assunto a ultima palavra» — declarou o ministro do Interior, R. A. Butler, discursando perante o Clube do Partido Conservador da Universidade de Oxford.

«E' desanimador que o chefe do Governo soviético tenha firmemente reejitado a conferência que tínhamos em mente» — disse o ministro, comentando os acontecimentos recentes.

Os membros do clube aprovaram uma moção de apoio a MacMillan, na sua visita de reconhecimento á Russia.

Butler prometeu transmitir a mensagem a MacMillan amanhã e, sorrindo, disse aos jovens entusiastas:

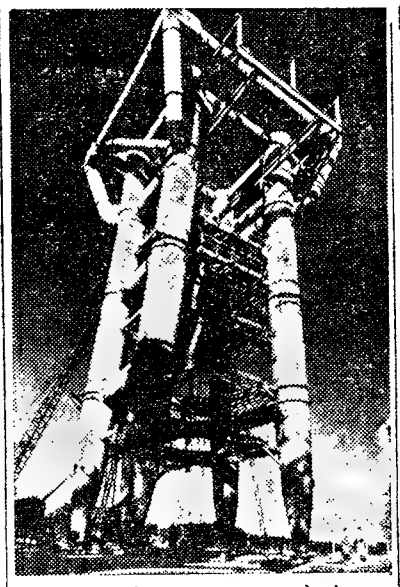
«Apoiado pelos conservadores de Oxford, Deus sabe do que o sr. MacMillan será capaz de realizar com o sr. Kruchtchev, na segunda-feira». — (A. N. I.).

Makários

retido em Londres por avaria no avião

LONDRES, 28 — A Polícia londrina tomou medidas de segurança excepcionais á partida de Makarios. Duas horas antes de levantar voo o aparelho que devia conduzir o prelado a Roma, com escala em Paris, o aeroporto de Londres foi prá-

O «DC-6» em que Makarios embarcou pouco depois, com destino a Roma, regressou ao aeroporto de Londres, 6 minutos depois de ter levantado voo, em consequência de se ter avariado um dos motores, e encontra-se imobilizado. — (F. P.).



A nova e gigantesca torre de lançamento de foguetões, instalada em Hertfordshire, que os Ingleses vão utilizar nos seus próximos ensaios

As experiências nos Estados Unidos para o lançamento do satélite à Lua

CAP CANAVERAL, 28—O Exército dos Estados Unidos vai lançar um novo satélite á Lua, na próxima semana. A experiência será a resposta norte-americana ao «Lunik» russo.

Uma grande parte do território do Estado da Flórida, incluindo a área onde se efectuam os lançamentos dos foguetões interplanetários, encontrava-se, ontem, em estado de alerta devido á aproximação de um ciclone, mas, mesmo assim, foram lançados dois projécteis — um «Jupiter» do Exército e um «Polaris» da Marinha. Entretanto, os Serviços Meteorológicos prevêem bom tempo para hoje.

Com o lançamento projectado vai tentar-se enviar para o espaço um satélite carregado de instrumentos, o qual terá a mesma função do anterior, lançado em 6 de Dezembro, cuja tentativa se malogrou devido á insuficiente velocidade de que foi animado.

A missão do novo satélite é medir a radiação, os raios cósmicos e pôr á prova o «gatilho óptico» que indica a Terra quando a Lua se encontra próxima do satélite.

O foguetão transportará no cone um satélite até á distancia de 221.060 milhas da Lua em cerca de 34 horas, devendo sair depois da zona de gravidade tanto da Terra como da Lua, o que o levará a tornar-se o segundo satélite do Sol.

O foguetão mede pouco mais de 23 metros tendo um projéctil «Jupiter» a servir de primeiro andar, dado que no lançamento de ontem a experiência foi coroada de êxito — segundo afirma a Secretaria do Estado. — (A. N. I.).

Um «Thor-Able» foi lançado com êxito

CAP CANAVERAL, 28 — Um foguetão «Thor-Able» foi hoje lançado desta base tendo a experiência por fim a recuperação da ogiva do engenho que deve percorrer perto de 8.000 kms. E' o quinto ensaio do género feito com um «Thor-Able». Os quatro precedentes falharam.

Três dos foguetões experimentais transportavam animais. No lançado hoje não vai qualquer animal — F. P.)

RESERVAS DA A. F. L.

O Benfica, o Sporting, o Belenenses e o Oriental

ganharam os jogos desta tarde

Com os encontros correspondentes á 7.ª jornada continuou esta tarde o campeonato distrital de reservas da A. F. L. Os desafios tiveram reduzido interesse, pois não se tornava difícil prever vitórias do Benfica, Belenenses, Sporting e Oriental — como veio a suceder.

Damos a seguir breves notas sobre os encontros realizados.

Belenenses, 6-Estoril, 0

Jogo no Estádio do Restelo. Arbitro: José Lopes da Silva. Os grupos alinharam:

BELENENSES — Nascimento; Leonel e Paz; Amandio, Castro e Marçal; Catete, Abdul, Cunha Velho, Adelino e Guilherme.

ESTORIL — Carvalho; Brito e Albano; Rosales, Carlos Alberto e Armindo; Ferreira, Mota, Raul Silva, Ferrão e Gonçalves.

Ao intervalo os «azuis», após terem dominado incessantemente venciam por 3-0 — golos de Cunha Velho, Marçal e Guilherme, respectivamente, aos 2, 8 e 10 minutos.

Na segunda metade, os «azuis» continuaram a dominar intensamente, perdendo várias oportunidades de golo e aproveitando três — aos 8 minutos, por Paz; aos 19, por Marçal; e, aos 24 por Adelino.

Benfica, 12-Arroios, 0

Jogo no Campo Grande. Arbitro: António Anastácio. As equipas formaram assim:

BENFICA—Barroca; Nuno e Jurado; Sidónio, Humberto e Cardoso (depois Peres); Reis, Mascarenhas, Carda, Santana e Pedro Silva.

ARROIOS — Helder; Costa e Agra; Peres, Quintela e Tomé; Couto, José Maria, Custódio, Didi e Ruque.

Ao intervalo, 6-0. Os «encarnados» dominaram durante toda a primeira parte, marcando seis golos por intermédio de Santana (aos 3, 11 e 43 minutos), de Carda (aos 4 e 21) e de Mascarenhas (aos 20).

Na 2.ª parte, a fisionomia da partida não se alterou e os «encarnados» somaram mais seis golos, por Pedro Silva, de grande penalidade, aos 5 minutos, aos 25 e aos 38; por Mascarenhas, aos 6 e aos 9; e Reis, aos 42 minutos.

Foi expulso Costa, do Arroios.

Sporting, 9-Atlético, 0

Jogo no Estádio «José Alvalade». Arbitro: Manuel da Silva. Os grupos formaram:

SPORTING — Carvalho; Peiroteo e Peleje; Pérides, Galaz e França; Carlitos, Caraballo, Pompeu, Diego e Bispo.

ATLETICO — Passos (Oliveira); Mendonça e Palma; Carlos Alberto, Henriques e Florival; Lourenço, Guerreiro Tomás (depois Brito), Espiga Lopes e M. Paulo.

A notar a reaparição de Pompeu.

Ao intervalo, 6-0. Os «leões» dominaram ininterruptamente, sendo o seu domínio compensado com golos de Pompeu (aos 4 minutos), Diego (aos 9 e 23), Mendonça na própria baliza (aos 12), Caraballo (aos 29) e Bispo (aos 39).

Na 2.ª parte continuou o domínio do Sporting. Diego foi o autor dos três golos deste período, aos 3, 43 e 44 minutos.

Sacavenense, 2-Oriental, 3

Jogo em Sacavém. Arbitro: António Xisto. As equipas formaram:

SACAVENENSE — Lirio; Clelio e Domingos; Alvaro, Fernando e Belmiro; Serra, Cardoso, A. Augusto, Luís Filipe e Azevedo.

ORIENTAL — Augusto; José da Silva e Alfredo; Carapinha, Cordeiro e Ribeiro; José Luís, Piloto, Duarte, Adolfo e Postiço.

Ao intervalo, 1-2. Adolfo abriu o activo dos orientalistas aos 5 minutos; Postiço, aos 30, elevou para 2-0; no minuto seguinte, Luís Filipe reduziu a diferença.

Na 2.ª parte, o jogo decaiu. O Oriental marcou por José Luís, aos 25 minutos; aos 42, António Augusto, de «livre», fixou o resultado em 3-2, a favor do Oriental.

Futebol internacional

A Itália empatou com a Espanha (1-1)

ROMA, 28.—O desafio entre as selecções da Itália e da Espanha, hoje realizado nesta cidade, terminou com um empate a uma bola. Ao intervalo, 0-0. Di Stefano marcou o golo aos 24 minutos e os Italianos igualaram aos 40 minutos.—(A. N. I. e F. P.).

A situação da Alemanha

(Continuação da 1.ª página)

idênticos a opor áqueles que lhes apresentará, alguns dias mais tarde, o primeiro-ministro britanico quando lhes expuser os resultados das suas conversações com Kuchtchev.

Se os acontecimentos evoluirem de maneira que a conferência de alto nível preconizada pelo chefe do Governo soviético venha a reunir-se num prazo mais ou menos longo, afirma-se em Bonn que os interesses da Republica Federal serão clara e energicamente expostos pelo general de Gaulle.

Não pode deixar de notar-se aqui a prontidão com que o chanceler aceitou o convite do general, embora, por diferentes razões, o momento parecesse mal escolhido para ele. Com efeito, Adenauer tem estado doente; ainda ontem foi obrigado a permanecer todo o dia no quarto.

O chanceler — salienta-se aqui — teve sempre um «fraco» pela França, embora, até aqui, tenha quase sempre procurado a sua inspiração política em Washington e não em Paris. Mas a estabilidade política da Quinta Republica e a estima que tem pelo general de Gaulle têm incitado o chanceler a modificar a sua orientação.—(A. N. I.).

Teatro
MARIA VITORIA

Aviso ao Público

A Empresa do Teatro Maria Vitória, previne o público de que, por motivo de doença do actor **Eugénio Salvador**, não há hoje espectáculo com a revista **«Encosta a cabecinha e chora...»**, esperando que o popular e querido artista, se o seu médico assistente o permitir, volte amanhã à Companhia de que é titular e ao convívio dos seus amigos e admiradores.

A EMPRESA

Tágide
MARIA D'APPARECIDA
THE MODERN JAZZ DANCERS
HELENA TAVARES
IVONE e CLARA
MARIA CANDAL
(Maiores de 17 anos)
Palm Beach

BICO DOURADO
ULTIMO BAILE DE MÁSCARAS
«MICARÈME»
COM O «BALLET» FRANCÊS
FOLIES SISTER'S
Bico Dourado
MAIORES 17 ANOS

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TEL. 14
Amanhã — Domingo — almoço com festa ribatejana
EMENTA:
Açorda de savel — Ensopado de enguias — Caldeirada á fragateiro — Eirós á pescador — Cherne á moleira — Dobrada á portuguesa — Febras de porco na brasa — Cabrito assado á ribatejano — Bife á cortador, etc., etc.
Informações e reserva de mesas em Lisboa — Telef. 770320 — (6 ANOS)
A gerência informa não ter qualquer sucursal

LUZES DA CIDADE

por DULCE REBELO

O CHÁ DAS CINCO

A moda, arte das mil invenções, é uma actividade caprichosa, voluvel, variando segundo o gosto, a vaidade ou a fantasia.

Inicialmente, a moda evoluiu de uma maneira lenta: os nossos antepassados pretendiam cobrir o corpo mais ou menos, conforme as exigências do clima. Mas em breve, das formas elementares do trajo — tunicas, panos e mantos — se passam para as complicadas tunicas gregas e romanas, profusamente adornadas. No século XIII a moda

(Continua na página seguinte)

magazine

Á VIDA DOS QUE TRABALHAM

A «CASA DO CONTO» PEDE:

*** Aumento da reforma ao pessoal**
*** Rigor no cumprimento das normas regulamentares**
*** Protecção mais eficaz nos acidentes de trabalho**

O trabalho é lei da vida

A Bíblia sentenciou que o hodia com o suor do seu rosto. Mas se as Escrituras o lembram, a sorte, avara e má, quasé sempre esquece os que trabalham. Se a habituação a que o trabalho conduz se pode traduzir, muitas vezes, num rictus de indiferença e de cansaço, o trabalho também é exaltação e alegria de viver. Pensemos nos que trabalham. Humanizemos as nossas relações, sabendo perdoar a tempo a palavra dura a um «guichet» a pisadela numa «bicha», o encontrão ou desamabilidade de um companheiro de viagem. Porque a viagem é a mesma, ainda que alguns se desçam no princípio, outros no meio e outros no fim... Independente da actividade que se pratica, é idêntico e simultaneo o destino dos que trabalham. Uma tácita solidariedade dos que se sentem jungidos á mesma lei, os aproxima e

POR
AFONSO CAUTELA

(Continua na ultima página)

Crónica DE ANTUNES DA SILVA

Á beirinha da noite, sentei-me numa cadeira, na minha varanda, um pouco fatigado, e comecei a olhar os prédios novos que nesta terra se constroem todos os dias. As fachadas, as janelas mudas, as cores berrantes que enfeitam este bairro de Lisboa, obrigam-me a pensar na simples evidência de uma localidade da província, onde a gente aprende a respirar melhor a virtude de ser alguém. Por alguém, impõe-se a regra de notarmos que respiramos, vemos e sentimos algo, por qualquer coisa: o amor á Natureza, á musica, á família, ao torrão natal.

Todos estes prédios da grande

urbe que é Lisboa, me tiram a perspectiva de sonhos mais altos. Esmagam a minha furia de sentimentos. Começo a pensar que um simples gato, aqui, é menos inocente que um camponês; que uma criança, é menos amorosa nestas ruas que um jovem das minhas aldeias rasas; que os automóveis andam mais depressa, que os comboios apitam numerosas vezes, na faina eterna de levar e trazer seres humanos, o que não acontece na Província, pois quando se entra num comboio, a sensação de paz é outra, a alegria é mais emotiva, não se compara com o enjoo precoce que toda esta gente manifesta nas faces doloridas e dorminhocas. Aqui tudo parece que tem sono, ou, pelo contrário, e noutros lugares, todos esperam, impacientes, que lhes saia a sorte grande...

Na minha terra os prédios obedecem a uma arquitectura clássica, são menos rubicundos e apalhaçados, são prédios tradicionalmente portugueses, sem tanta toleima e rigidez de traços nas frontarias — e a cal branca é o seu penteado; os poetas constroem versos de lindas imagens, a falar de árvores, saudade e amor, estrofes serenas e simples, que toda a gente entende, e não se comparam ás que escrevem estes dois janotas que ontem entraram no «café», sebentos, galhardos, impantes, usando botas cardadas, os peitos ao leu, em pleno rigor do Inverno, barbichas de chibo, negras e mal cheirosas, a distancia, cadernos enormes debaixo dos braços, existencialistas, como lhes chamam nas tertulias, ou foguetões lunares, como os sauda agora o vulgo, amesendados no torpor dos seus versos fantasmais, onde se descortina uma linguagem precária e lugubre, inacessível ao mais vulgar ente plebeu que tenha a ingrata curiosidade de lhes mirar as folhas volantes. Pois estes dois homens entraram no «café» a falar alto, criticando o mundo literário ás punhadas, aos encontrões, com dois archotes de inveja e de raiva cravados nos seus olhos de vício.

Os costumes destes novos netos dos vultos de pantomima, absorvem-me também um pouco os cuidados. Nem as tréguas de um sorriso de tolerancia lhes compra a original sabedoria... Olham frequentemente os espelhos do «café», os cabelos cheios de lendeas descem-lhes pelas orelhas abaixo e, têm vinte ou quarenta anos? Fazem lembrar o Fidel Castro, mas esse, coitado, metido nas montanhas, não tinha pincel, nem «gillete» para fazer a barba, nem tempo para agradar ás senhoras... Pois estes dois paspalhões odeiam os idealistas, os romanticos, os liricos e julgam toda a gente fora da sua época. Comparam, através de mil arabescos complicadíssimos, uma criança com um peixe, e um peixe com uma árvore. Põem o Mundo ás avessas de avessos que são á limpeza física e moral... Que imitações grotescas ali se vêem: um, fala que tem dez livros a sair. E fala com gestos de tribuno, os braços no ar, recitando versos bárbaros e infames; o outro sorri, só com um sorriso fardado de alusões abstractas, sem se ficar sabendo se o primeiro é o poeta, se o segundo o raro leitor.

De qualquer forma, é vê-los, estes mendigos de talento, agarrados á fama de uma glória de almanaque, a discorrerem sobre pintura, musica, cabarés e da festança do Carnaval do Estoril. Põem os óculos escuros, levantam sempre as mãos, cujos dedos ostentam unhas incríveis de sátiros e parece que soluçam, quando se dirigem ao empregado de mesa:

— Traga dois (canada dry»!

Escorrem-lhes dos bigodes, fragmentos de caspa e as unhas exploram as raizes já sebosas, da barba mística e multicor, com arabescos

(Continua na 3.ª página)

A PESCA DO ATUM

Uma pergunta: Sabe o que é uma armação? Diga que não, que ninguém nos escuta, ninguém levará a mal a sua ignorancia. Mas lembra-se decerto das armadilhas de apanhar pássaros? Tal como estas, uma armação é uma ratoeira. Se as artes empregadas pelos primeiros pescadores da costa Sul do País, os Sicilianos, tinham tanto de primário como as lousas de apanhar pardais, muito evoluiu a pesca até aos nossos dias. Aperfeiçoaram-se processos, aumentaram-se pela experiência os conhecimentos sobre a vida do atum. Verificou-se que passava em cardumes pelas águas que banham o Algarve, que em alguns pontos era sempre certa a sua passagem, viu-se também que o medo o impia de investir contra qualquer obstáculo. O que fez o homem, então?

Marcou os locais de passagem e estendeu pelo mar dentro armadilhas como dois braços abertos. Um, a que os companheiros chamam «quartel», que iria abraçar a rota do atum, e outro, a «rabeira», orientado de forma a cortar-lhe mesmo as mais fracas possibilidades de fuga. Milhares e milhares de metros de rede, muitas e muitas centenas de boias, toneladas e toneladas de ferros e ancoras fazem destas ratoeiras uma forte paliçada que vai desde a linha de água ao fundo. Serve de corpo a estes dois braços o quadro, recinto fechado onde se arma o copo, uma espécie de saco com a boca aberta e voltada para o ar.

Ao ver as malhas da rede, o atum desvia-se e segue-lhes paralelamente, porque teme tocar-lhes. De engano em engano, caminha para a morte. Transpõe a boca do quadro onde fica cercado e entra por fim no copo. Depois o levantar da rede... Depois a «copejada».

Junto ao portão do arraial, um grupo de homens tem os olhos postos no mar. Um pequeno ponto negro se avista ao longe. As pernas abertas para se equilibrarem de um balanço imaginário, os pés fincados na areia, os rostos endurecidos, os peitos em ansia...

— E' o gasolina.

O companheiro que fez esta afirmação volta as costas ao grupo, bamboleia-se, parte á procura de uma sombra e cospe para o chão, num jeito de impaciência, a beata que tinha ao canto da boca. Como se não acreditasse na possibilidade de uma boa nova, volta a cabeça para trás e grita com azedume:

— Vem buscar comida.

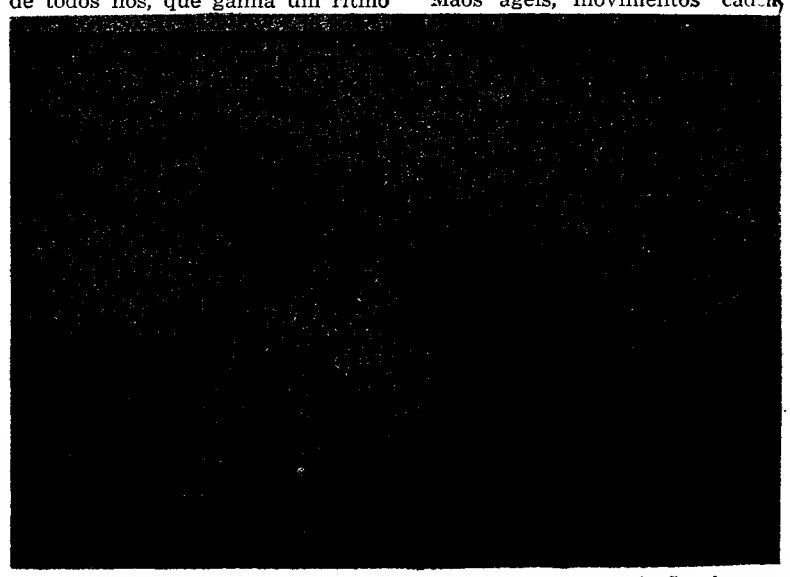
— Cinquenta a sessenta peixes — dizem de dentro do barco e aquele numero fica no ar como se uma onda cinzenta de nevoeiro denso, lambesse todo o arraial.

* * *

Partimos, e não somos só nós que vamos dominados pela ansia. Nos rostos dos pescadores há mudanças chocantes. Por vezes neles aparece o brilho de uma esperança, por vezes sombreiam-nos os traços da duvida.

POR
MANUEL NASCIMENTO

O bater compassado das explosões do motor lembra-nos o coração de todos nós, que ganha um ritmo mais apressado depois de longa espera.



Chegamos. O copo está fechado. Os homens, em fila, á borda das embarcações esperam. Mar calmo. A leve ondulação ganha por fim a força de um vendaval á medida que as redes vão subindo.

Há gestos impacientes, gestos que são medidos por milhares de anseios acumulados durante muitos anos.

Agora uma ordem esfarpa o silêncio do mar. Musculos endurecidos... As mãos dos homens arrepanham as malhas da rede. Força, vibração, cor... Tudo foi esquecido. Tudo não. Sente-se neste grupo de homens uma ferocidade ancestral, percebe-se que vão vazar na luta com os estupidos peixes, recalcamentos e mais recalcamentos, sente-se que vão vingar na sua carne negra todas as afrontas que têm no Mundo.

Vêm á superfície os primeiros prisioneiros, a água salta irisada pelo Sol e borrifa barcos e homens. Atam-se os pulsos ás correias dos bicheiros e os «companheiros», agora esquecidos de tudo, gritam, bêbados de luz e de esperança. Seguem-se os bichos com os olhos, fixamente, voluptuosamente. Olhos ávidos de um desejo de posse frustrada.

Um bicheiro fere a carne dum atum. Um salto como um voo, e um fuso enorme, azul, laivado de vermelho cai no bojo de um barco.

Mãos ágeis, movimentos cadenciados, rítmicos, confusão de corpos, gritos, pragas, reflexos metálicos...

O círculo negro do corpo movimenta-se, vibra numa intensidade que chega a tornar-se em furia. Sol quente a espicaçar os nervos. Suor e água salgada dão um brilho estranho ao tronco e ao rosto dos pescadores.

Baque sobre baque, as «enviadas» se vão enchendo de peixe. A espuma salta em enormes ondas de uma brancura limpa de mais para servir de pano de fundo aos mais primitivos instintos, e as águas revoltas atingem as barcaças com golpes que têm o som seco de bofetadas.

(Continua na 7.ª página)

Diario de Lisbôa

SUMÁRIO

Pesca do atum
MANUEL DO NASCIMENTO

Momento de Poesia
ALFREDO BRÁS

Crónica
ANTUNES DA SILVA

A vida dos que trabalham
AFONSO CAUTELA

Luzes da cidade
DULCE REBELO

Fim de semana feliz
Cicerone
Crónica da Rua Humilde
MÁRIO CASTRIM

A actividade parlamentar de Borges Carneiro
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

O vencedor desta semana é um diplomata e um filósofo ocupado com o alto problema do «ser». O poético termo BARRIGA, além dos inevitáveis sorrisos amarelos, deu aso a dissertações de alto valor anatómico, político, artístico, musical, meteorológico e o mais que se verá.

Repito: o vencedor desta semana é um diplomata e um filósofo profundamente ocupado com o problema do SER. Já São Tomás de Aquino especulara sobre o «ser» e a «essência», mas nunca com a brevidade e a substancia do sr.. M. G. Pires Nogueira, da Amadora. No seu postal escreveu o seguinte: «Com os meus cumprimentos, aqui vai uma definição, digamos sexo-fisio-socio-barrigal:

BARRIGA — na mulher é a razão do ser, e no político, a razão de ser.

Permiti-me cortar as reticências á tal definição sexo-fisio-socio-barrigal e peço ao seu autor que nos mande a sua morada diário-rendal-senhorial. Sem isso não estaremos em condições de lhe enviar os cem-cédulo-financeiro-que-calham-que-é-uma-beleza.

Depois de tão brilhante começo seria de esperar brilhantes continuações. Não se desiludam! Barriga é uma grande Musa! Foi ela que inspirou o sr. Manuel Joaquim Carlos (de Coruche) nesta cronométrica observação:

BARRIGA, é até agora, o unico relógio que só dá horas quando não tem corda.

E enquanto as coisas se mantiverem da «corda», é natural que o relógio se mantenha com o mesmo vício.

O sr. Sebastião Carvalhão, de Monsanto, esteve a pontos de ganhar esta semana com a seguinte e sociológica definição:

BARRIGA: o maior centro de interesses do Mundo.

E também o maior centro de investigação. Até do ponto de vista artístico. Lá o diz a já habitual concorrente (muito grato por isso) sr.ª D. Teresa de Moura Lapa, de Armação de Pera:

BARRIGA: quadro de Picasso com a legenda «LUTA DE PARTIDOS».

E terá esse quadro? Vale uma fortuna!

O sr. Francisco Susano (Lisboa) é um leitor habitual de questões da política internacional, e possui, sobre o assunto, uma ideia bem definida que teve a amabilidade de comunicar ao «MAGAZINE» em regime de rigoroso exclusivo. Eis a máxima:

BARRIGA — cortina de ferro de muita porcaria.

Não tenha duvidas. E' isso mesmo!

Mas deixêmo-nos de tristezas. Os anatomistas tiveram, como era de esperar, um papel proeminente. Uns inclinaram-se para a medicina socio-alimentio-necessidática, outros para a fisio-próprio-mente-dita. Eis os diversos exemplos:

BARRIGA — diz o sr. E. S. Reis, Lisboa — **é uma cavidade que os pobres não enchem nunca e os ricos não sentem nunca cheia.**

Chama-se a isto uma cavidade arisca, sujeita a humores. A' mesma se refere o nosso prezado leitor sr. Manuel S. Neves, de Lisboa:

BARRIGA — uma parte do corpo que muita gente pensa ou cuida que os pobres não têm.

A's vezes pensam e cuidam: o que deitam é o barro á parede a ver se pega. E pega mesmo.

O sr. Mário Sena, de Lisboa, viu a barriga de outro lado, o que bem demonstra o relativismo das coisas. Escreveu:

BARRIGA — escola de corte dos cirurgiões.

Uma escola de corte muito especial em que o aprendiz não aprende á sua custa e ainda recebe com que encher a sua própria barriga. Há pessoas neste Mundo que nasceram num sino!

Foi pensando nestes altíssimos problemas, com certeza, que o nosso leitor sr. João Salsa congeminou esta anatomo-filosófica verdade:

BARRIGA — anatómicamente falando não passa de um armazém de tripas, mas filosóficamente falando não é mais do que o símbolo da seita dos barriguistas.

Se me dá licença eu confesso que o símbolo é tal como diz sem precisar de ser filosófico. Muitas vezes os barriguistas nem sabem o que quer dizer filosofia, pode crer. A maioria até pensam que é qualquer coisa que não enche barriga.

Ainda no mesmo poético campo da anatomia, assevera-nos a sr.ª D. Etelvina Viana, de Monsanto (Beira-Baixa) que:

BARRIGA é a região mais sensível do corpo humano.

Quase que não estou de acordo: mais sensível, sim, mas do corpo social. Compreende a diferença: uma pessoa pode ter um grande corpo social e um pequeno corpo humano e vice-versa. Das tais maravilhas da Natureza!

Agora o sr. Manuel Neves, de Lisboa, é que conseguiu dizer alguma novidade sobre estes assuntos anatómicos. Descobriu, com efeito, este nosso assíduo leitor, que

BARRIGA — é uma das partes da perna.

Tem de diferente, em relação á que não é da perna, o seguinte: uma avoluma-se com o muito andar; a outra com estar quieto. Mais outra das maravilhas da Natureza, grande Mãe, sempre variada.

Mas valha-nos a inspiração musical do sr. José Marques Beirão, de Alpedrinha:

BARRIGA — é o tambor da fome.

O nosso leitor acrescenta mais estas duas excelentes observações:

BARRIGA — é um contratempo sujeito a grandes apertos.

BARRIGA — é uma caverna que os bêbados transformam em taverna.

Sabe que há quem faça o contrário — que transforme a taverna em caverna. Questão de malabarismo.

O sr. Mário de Melo, de Santo Amaro de Oeiras, manda-nos uma definição muito util para os Arquivos de Identificação:

BARRIGA — espelho das algibeiras: algibeira cheia, barriga cheia; algibeira vazia, barriga vazia.

Ao menos assim não engana ninguém.

Mas a barriga ainda se presta para muito mais. Vejamos o «género» das preocupações. Dois leitores enviaram-nos nota das preocupações que a barriga pode suscitar:

BARRIGA — diz o sr. Manuel Fraga Junior, de Lisboa — **é a obsessão permanente de minha mulher, que tem de cintura 40 centímetros.**

Formidável! E naturalmente passa muita fominha por causa disso. Claro que os grandes feitos não se alcançam sem muita luta e muito sofrimento. Mas calcule o nosso prezado leitor que o sr. Manuel José Sequeira (também de Lisboa) está cheio de razão quando diz o seguinte:

BARRIGA — é a grande preocupação dos que nada têm.

Nem sequer barriga. Porque, como afirma o sr. Silvestre Gaudêncio, de Unhais da Serra:

BARRIGA — é um recipiente de volume variável cuja grandeza é tanto maior quanto menor for o escrupulo... do sujeito.

Do sujeito da oração, claro. Não haja confusões com o complemento Agente da Passiva.

Mas a propósito de tamanhos vale ainda a pena registar a opinião do sr. Eduardo Costa, de Lisboa:

BARRIGA — é a unica «coisa» que cresce quando a gente envelhece.

Só não estou de acordo é com «a gente», e com o «unica». O resto é perfeito!

E fechemos com o Boletim Meteorológico, oferta do nosso habitual leitor, sr. Alberto Silva, do Porto:

BARRIGA — é o barómetro das possibilidades financeiras de cada um: ora faz apertar, ora alargar o cinto.

Em matéria de Borda de Agua não se podia dizer melhor.

E para a semana? Para a semana fica a concurso a palavrinha

NARIZ

As respostas devem estar em MAGAZINE té ao dia 7 de Março (está visto que para a Rua Luz Soriano, 44 a 48).

LUZES DA CIDADE

(Continuação da página anterior)

sofre grande mudança: os largos cortes são substituidos por outros mais apertados, que põem em destaque o busto. O século XIX desperta em sumptuosidade, e torna-se usual ver no guarda-roupa dos reis e nobres longas mantas decoradas com peles, tecidos finos e metais. Logo chega o século XV com a ostentação da grandiosidade e do poder, e a indumentária feminina atinge as formas mais extravagantes do exagero e exibicionismo. Vem então uma quebra em que a evolução da moda se faz mais moderadamente, como que tomando fôlego para o salto dos séculos XVII e XVIII onde se evidencia de novo por formas estranhas e delirantes, entre as quais, por vezes, aparece um refinamento de gosto notável.

E' o momento da criação de sistemas de corte e do desenvolvimento apreciável das industrias de luxo, devido á variedade de tecidos e ao tratamento de elementos como peles, brocados, rendas e veludos, em vista á sua aplicação decorativa.

Nos nossos dias a moda é uma preocupação permanente e atinge em certos países, como a França, sempre á frente dos movimentos de elegancia, uma importancia enorme que se conta, sob o aspecto comercial e industrial, como uma das actividades vitais da sua economia.

Como consequência deste incremento, criou-se uma vasta literatura sobre o assunto: por todos os países são inumeros os jornais e revistas que se ocupam da moda, publicando as novidades, as criações dos grandes costureiros e modistas franceses, italianos ou americanos. Os desenhadores de figurinos desempenham um papel importante na orientação da moda, a ponto de se criarem escolas próprias para aprendizagem de figuristas.

Boileau teve razão ao afirmar que «l'histoire de la mode c'est l'histoire de la folie». Já há muito tempo que a moda deixou de corresponder, na indumentária, ás necessidades e costumes de cada país, e nos adornos, aplicações, ao realce da beleza.

Um certo numero de costureiros famosos expõem as suas invenções e imediatamente se seguem os modelos sem discutir, sem atender, a tipos de beleza diferentes. A mulher tem mostrado pouca personalidade na maneira como aceita, as ordens da moda e isso tem contribuido, certamente, para algumas criações delirantes no vestuário e seus complementos.

Entre nós é curiosa a maneira como se interpreta esta mutável actividade artística. Jovens e não jovens inclinam-se sobre revistas e periódicos que anunciam as surpreendentes novidades no vestir, no pentear, no maquilhar. Recorrem depois ás revistas de cinema onde observam o generoso decote das artistas, a altura das saias, o corte do cabelo, as sobrancelhas subidas ou descidas, — e tratam de imitar tudo.

Lisboa está cheia de artérias modernas, de bairros arejados e amplos, mas o grande salão em que se reunem as elegantes ainda é a Baixa, principalmente o Chiado, a famosa Rua Garrett, onde se espreitam as montras e as figuras reflectidas nos vidros iluminados das lojas. No Chiado, sob os olhares dos «mirones» sujeitam-se as damas á grande prova e saem sempre satisfeitas, iludidas, felizes, sem repararem que o «saco» as fazia lembrar pipas, que as cinturas altas á Império as semelhavam a repolhos, que as largas fitas nos cabelos, em rostos bochechudos, lhes emprestam um ar de alienadas, que as saias ultra-curtas descobrem canelas magrizelas ou demasiada gordura até aqui disfarçada. Felizmente, o espectáculo não é sempre este, senão a calamidade seria irremediável.

Se as cores, as formas e os adornos de determinada temporada representam o que está mais em voga, talvez fosse fácil, com razoável dose de raciocínio, gosto pessoal e sentido das proporções, renunciar ao extravagante e escolher o que pode valorizar.

Mas este frenesim em seguir cegamente a moda, em exagerá-la na sua aplicação, parece corresponder a uma mentalidade futil, onde não há o vislumbre de um pensamento sério, a preocupação de um juizo acertado.

Ás 5 da tarde a multidão é grande. O objectivo é tomar chá nas pastelarias chiques, fazer comentários maliciosos com as amigas, em calão modernissimo, e discutir «toilettes». Para nosso bem, muitas das jovens e senhoras que bebericam nas chávenas, seguras entre dois dedos, são verdadeiramente interessantes (fisicamente) e isso compensa um pouco da pobreza dos diálogos que se ouvem, da presunção das opiniões, dos olhos sem expressão, listrados a azul ou negro. Os grandes centros de atracção são as pastelarias Benard Marques e o salão de chá Império. Os dias mais sensacionais são as terças-feiras por causa das «matinées» clássicas no Tivoli, as quinta-feiras e os inconfundiveis sábados.

A entrada num destes recintos á hora do «lanche» é característica: grande burburinho, um ou outro riso em falsete, uma vaga onda de perfumes confundidos. Os criados, impecávelmente fardados, tratam as clientes com um misto de benevolência e sobranceria.

A velha «miss» inglesa trouxe consigo a aluna de 18 anos, que ri muito e diz a tudo com trejeitos nos olhos e na voz «yes, yes, oh! yes». A dama opulenta, na gordura e nas peles que a cobrem, confidencia á amiga que as criadas, o marido e os filhos lhe fazem a vida negra, um triste fadário que a mina dia a dia... Mas eis que chega o cavalheiro elegante, de brilhantes madeixas cinzentas, beijando a mão ás senhoras e desculpando-se da demora, porque «um gajo de um carro se metera impertinentemente á frente» do seu. Numa mesa, mãe e filha relembram o ultimo baile em que a menina fez sucesso entre os cadetes do Exército. A conversação, superficial e ligeira, pouco varia no assunto escolhido. Há dias na Benard, uma senhora de chapéu verde com fita amarela exclamava para o seu companheiro de mesa: — Ah! filho, vi ontem a Maly! Que «cão» que ela estava! — E assim neste estilo pumba 100 por cento, referia-se ela a uma rapariga de beleza «sophisticated», falsificada pela excessiva maquilhagem, género que é também frequente encontrar-se.

Nas horas perdidas á mesa do chá, na imitação do «modus vivendi» publicitário das artistas de cinema, na cópia fiel dos exageros da moda, está todo o mundo em que se movem as «estrelas» do Chiado, e que lhes cria a ilusão de viverem uma vida á parte dos outros mortais, fechando-as no esquecimento intencional e propositado das realidades.

DULCE REBELO

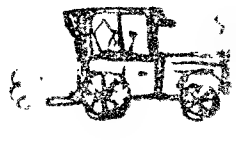
FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

Esta secção é para sugestões e conselhos de trazer por casa. Uma conversa entre amigos, reunidos ao sábado para combinar, á boa paz (já repararam nesta maneira de dizer: «á boa paz» tão portuguesa e tão linda?) o passeio para domingo.

Sei isso. Portanto não quero aventurar fossados pelos domínios da História e da sociologia. Mas talvez não esteja aqui, desacertado recordar o que passaram os nossos avós para se libertarem das doze horas de trabalho por dia; descerem a dez, e finalmente a oito. «Maravilhoso! — diziam eles. — Maravilhoso! Saímos da oficina a tempo bastante para cer o Sol!»

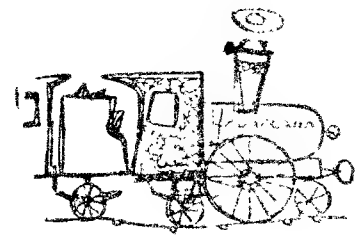
Lá maravilhoso era, pensa um minuto nisso e acharás. Simplesmente, mal uma conquista se obtem e já pensamos noutra. Está na lei. Inscreveu-se na agenda o fim de semana. E embora uma grandissima parte da população laboriosa não tenha ainda conquistado o direito ao «fim de semana», o certo é que já se fala no «segundo domingo».



Hão-de ver que por este andar ainda virá tempo em que tenhamos de meter cunha para trabalharmos ao menos um bocadinho...

Toda esta evolução da actividade humana se orienta no sentido de um mais perfeito equilibrio entre o dever de participar no aumento da riqueza social, através de uma actividade util, e a liberdade individual de ser feliz e realizar-se através de uma actividade futil...

Grande parte dos leitores desta secção conta a seu favor apenas o domingo. Eis a razão por que, no ultimo numero, aconselhava eu a



não o desperdiçarem, pois estariam cometendo assim um crime de lesa felicidade.

Não vai ainda muito longe o tempo em que nos almanaques de nossos avós se lia: «Entretenha-se no próximo domingo, em casa, a decifrar os passatempos que damos nesta página».

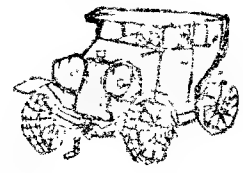
Discordo, não por causa dos passatempos, mas pelo tal conselho de ficar em casa. Hoje, o almanaque, a falar de maneira que o entendessem, falaria assim: «Não fique em casa, amigo! Leve consigo este almanaque e entretenha-se a resolver os passatempos que lhe oferecemos, á sombra amiga das árvores...».

Pois é isso, tenho a certeza, o que o leitor vai fazer amanhã. Vai agarrar neste «Magazine» e saborear a leitura dele no remanso e na boa paz dos campos. E se, a determinada altura, puser momentaneamente o jornal de banda e, de olhos no azul do ceu, deixar divagar o pensamento, acredite que não levaremos a mal.

Você, leitor alfacinha, dirá que não há tempo para passeios, para grandes deslocações. Anoitece depressa e, mais para a tardinha vem frio...

Olhe que não tem razão. Perto de si, no próprio coração de Lisboa, existe ao seu dispor um parque de grande beleza. E o ingresso não lhe custa um unico centavo, veja só. Refiro-me aos *Montes Claros*. A vista que dali se consegue abarca o Tejo, o Oceano muito para além da barra. Só por isso, só pela liberdade que damos aos nossos próprios olhos, o passeio vale a pena. Mas há mais. Há os extensos tapetes de verdura, as esplanadas e terraços convidativos, as árvores copadas, garantindo protecção óptima para o Sol, caso ele venha em demasia, as áleas extensas, a mata para um passeio calmo, de mãos dadas...

E se, andando na rua florida, re-



parar no casal de namorados trocando, sob a velha árvore alcoviteira dos tempos do nosso Pai Adão, o beijo que sauda a vida, meu amigo!, volte os olhos para a outra banda e «torne para o convento», como o Santo António nos versos de Augusto Gil.

CICERONE

CRONICA DA RUA HUMILDE

SEGUNDA-FEIRA DE ENTRUDO

por

MANUEL AGRA

Ouvi dizer que o Carnaval passou despercebido este ano. H' quem pense ir cada um de nós perdendo o hábito da alegria e de exteriorizá-la...

Não acredito, o hábito de alegria não se perde nunca, pois, como disse certo poeta, «viver é já estar em festa».

A Rua Humilde, com seus estivadores, suas varinas, seus operários da ralé, seus modestos empregados de escritório, guarda constantes motivos de tristeza. E' o desemprego, é a doença, é o nevoeiro da incerteza a encobrir o amanhã imediato...

Apesar disso a garotada brincou o Carnaval, houve baile no Grupo Harmonia abrilhantado pelo «rescendente (sic) conjunto Marialvas», no sábado, domingo e terça-feira.

Este baile era dedicado mais á gente moça. Os mais idosos iam lá para acompanhar ou para fazer numero. Para esses, o Carnaval estava em falta. E então resolveu-se dar um assalto na noite de segunda para terça...

A iniciativa partiu da Arminda que, quando se encontravam umas poucas na mercearia do galego, lançou a ideia:

—Um assalto, como fizemos o ano passado...

—Isso, mas não em casa da Amélia, que mal nos podiamos mexer.

Onde será, onde não será e foi então que o galego ofereceu a sua própria casa. Tiravam-se os armários e o resto da tralha, ele não, evidentemente...

—Eu falo ao meu Joaquim... — disse a Arminda.

—E eu ao meu Armando... — acrescentou a Ernestina.

A Maria Augusta afirmava que também podiam contar com o seu Jaime. E como o merceeiro se mostrasse já preocupado com a ideia dos estragos e começasse a recuar, aos poucos, a Arminda, que é rata sábia e bem falante, garantiu que ele não teria sequer de mexer uma palha, os seus homens fariam tudo; em segundo lugar era tudo gente conhecida, gente da mesma criação, que não lhe causariam dano tanto como isto.

—Bem, um dia não são dias—anuiu finalmente o Galego — sempre pexo o picape ao meu cunhado que tem agora um.

Na tarde de segunda-feira o Jaime da Maria Augusta, o Armando da Ernestina, o Joaquim tipógrafo e outros vizinhos a quem a miudagem na rua ia passando palavra, dirigiram-se á casa do Galego e procederam á mudança dos móveis para o quarto das arrumações onde os armários e as cadeiras ficaram amontoados. O Galego deu da mercearia um salto «para ver como ia a coisa». Tudo fino. Mandou dar um copo a cada homem E estiveram longos minutos junto da varanda, de copo na mão, lembrando outros carnavais, com risadas sonoras que se ouviam cá da rua...

Cada qual nas suas casas, as mulheres tratavam dos farnéis para a noite. A Aurora galinheira acenou aos homens que estavam na varanda do Galego, com um enorme galo, de crista impante:

—Cá vai, gente!

A's nove horas já os moços e as moças enchiam a vasta sala do Galego. Queriam começar o baile, mas faltava o «pick-up». E quando este veio houve palmas e vivas.

Todos queriam aproximar-se, mas o cunhado do Galego punha entre a multidão e o precioso objecto os ombros possantes. Na sua opinião, aquilo era tão sensível, tão sensível que ás vezes só olhar para ele já o desafinava!... E até ao fim da noite não arredou pé, envolvendo a mesa no arco protector do braço sempre que algum casal mais fogoso se acercava...

Os mascarados trapalhões iam chegando. Faziam o seu jogo e bocado de algazarra que lhes cabia e na qual os vizinhos participavam de boa vontade, no afã de descobrir quem se escondia em tal ou tal máscara... Feito o que, a máscara deixava de ter razão de ser e o brincalhão dava um suspiro de alívio...

Cerca da meia noite, batem á porta, desajeitadamente. Vão abrir. Encontram-se em frente de uma velha, mascarada na perfeição: Xale comprido, capuz negro, bordão nodoso com que batera á porta.

—Quem és tu, velha dos diabos? — perguntou a Maria Augusta, no jocoso.

—Ora essa, sua malcriada! — respondeu a velha com voz mal segura.

O Jaime Latoeiro, vindo de dentro, enfiou-lhe na cabeça um cartucho da mercearia. A velha barafustava, perdido o fôlego.

—A minha Arminda? Onde está a minha Arminda? — perguntava ela sufocada.

—O' tia! é vocemecê... — acudiu a Arminda — Entre...

A velha chegara da Beira Baixa, no comboio das onze e quarenta, sem mandar recado nem mandado. A zanga depressa lhe passou. Aceitou uma chávena de café — «mas fraquinho...» — servida pelo Jaime da Augusta. Pediu outra. Outra dai a nada. Participou no baile, de cabeça perdida, levantando o bordão e dizendo modinhas da sua terra...

—Mais uma chávena, tiazinha! — tentava-a o Jaime.

—...Só mais tarde se soube que o Jaime Latoeiro, em vez de quebrar o café com água, o quebrava com aguardente...

com TV VOLL-Automatic

SABA

* sintonia completamente automática
* comando à distância
* grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

MARIO HENRIQUE

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

VERSO E REVERSO DA SEMANA

«GAGO COUTINHO, GEOGRAFO». Mais nada.
Tudo passou, tudo o que encanta ou doi.
A luminosa coroa até de Herói
é já de mais na testa fatigada.

Farda só a que usou na caminhada
de trabalho duríssimo em que foi.
Que o tempo honras insólitas destrói
não os frutos que prende a mão ousada.

De tanto amar estrelas e de nelas
ter sempre os olhos postos, aprendeu
que certas, fidelíssimas, só elas.

Foi visitá-las, hoje. Frio e mudo
mandou-lhes o cartão onde escreveu :
«GAGO COUTINHO, GEÓGRAFO». E foi tudo...

■ ■ ■

O que é da humana pose esteve em falta.
Nem discursos não houve nem tambores
nem o funéreo tom das régias cores
com que a vaidade, até no fim, se esmalta.

O povo não faltou em maré alta.
Dele correram lágrimas e flores.
Horas passadas, glórias, esplendores
a imaginação da plebe exalta.

De Trás-os-Montes veio um camponês.
Sujo de terra ainda ali o vês
com um molho de cravos a acenar-te

A calma dignidade que ele ostenta !
A Pátria inteira se me representa
— raiz dizendo adeus à flor que parte.

ALFA

C R O N I C A

(Continuação da 1.ª página)

de padecente, arrancando restos de gordura do jantar da véspera. Um jantar com muita gordura. Alguns têm cursos e resvalam nas conversas sobre certas origens do Universo. Com vagar, o auditório dos jovens com laivos de vocação literária, aqueles que escrevem ás famílias a pedir dinheiro para os bifes, ou ás namoradas, e as fazem chorar (já por aqui se vê a perfeita dedução dos seus alarmados pensamentos), pois esse auditório escutava ontem os dois janotas futuristas, ou existencialistas, ou egocentristas, com um interesse de encomenda, que sobrepujava a própria ausência de programas cívicos...

Fora os prédios iguais e superlotados, que se construiram, de há dois anos para cá, nesta avenida nova e alcatroada; fora o barulho dos automóveis, das lambretas, dos aviões no espaço, que galgam este Mundo pateta e indiferente; fora as próprias crianças que ficam fechadas em casa, pálidas e precocemente taciturnas, porque os pais foram para os empregos; fora os comboios da melancolia e do pesadelo e os quintais perdidos e sem verdura — só estes poetas da moda, esquisitos e malsãos.

Olhando, da minha varanda, o bairro novo, agora repentinamente sossegado, assaltam-me saudosas recordações de uma infancia alentejana: os gritos á saída da escola, o respeito ás pessoas mais velhas, a admiração pelos herois da História, o amor aos pais, o desejo de correr num bosque, jogar á barra, ler o «Pim-Pam-Pum», curar de ser obediente ao guarda do jardim, isto é que se pode chamar uma infancia verdadeira.

Próprimente, eu queria redigir hoje uma história que metesse gente simples a conversar sobre o mistério das próximas viagens á Lua. Era aliciante a perspectiva de auscultar a imaginação de um povo...

Mas logo por uma ignara força do destino, por um jogo perverso das forças da vida, me vieram á do meu ocioso coração, malogrei a mente, os dois poetas malucos. Atrás deles, um pouco por fraqueza narrativa que vinha disposto a tecer e impingi-lhes a pouca vergonha de umas prosas que nem cabem no fundo de uma paciência vulgar. Peço perdão da ofensa.

A CELA DA MORTE

por KARIL' CHESSMAN

Estar encerrado numa cela do corredor no fim do qual a morte verde esperava, não era certamente muito tranquilizador. Ao fundo, a cela verde, cela da morte. Nela acabava tudo. O próprio crime deixava de ser crime — era passado. Para além da

cela verde e do esverdeado fumo do gás, para lá da morte, tudo se igualava no nada.

O que teria levado Whit ao tenebroso corredor e o fazia esperar o dia de entrar, também, na cela verde? White, sabendo que a vida era já curta para ele, sabendo que o passado não representava já nada, sabendo-se sem futuro, tentou recordar o «motivo», o móbil, que lhe abriu a porta pesada que o guardaria até morrer. Pensou e escreveu. Escreveu a história desse menino que dera tanto trabalho á médica alemã que o puxara para o Mundo; um bebé grande e rosado, rodeado de carinho e bem-estar. Na idade, mais ou menos, em que todas as crianças arranjam doenças infantis, Whit adoeceu. A eficiência dos médicos e o grande amor dos pais, fizeram o milagre de o restituir á vida. Mas já não era a criança gorda e sadia que eles trouxeram para o Mundo: era um ente frágil, alquebrado, asmático. As brincadeiras da escola deixaram de existir, a asma não o deixava correr — ficava ofegante e era o gáudio da rapaziada. Um desgosto profundo fê-lo fechar-se em si mesmo, para sofrer em silêncio.

Os anos passaram, sem melhoria para a saude do rapazinho. Durante anos sofreria os ataques periódicos e violentíssimos que o prostravam. Ficou pequeno e franzino. Mas a sua sensibilidade precoce, a grande inteligência levavam-no a interessar-se por tudo o que o rodeava. Amava a Natureza, os campos, as flores, a musica, as cores. Amava e era feliz, á sua maneira.

Um dia, inesperadamente, a má sorte entrou-lhes em casa. A mãe foi vitima de um desastre grave e para sempre ficou paralítica das pernas. Os esforços do marido para a salvar, levou-lhes tudo quanto possuiam: depressa a miséria lhes tocou á porta, veio o frio e veio a fome.

Whit sentiu-se desesperado com este estado de coisas. Amava os pais o bastante para sentir a infelicidade da mãe e compreender por que os cabelos do pai embranqueciam tão rápidamente. Pensou que o Mundo estava errado. A revolta nasceu nele. Mas antes que ela se manifestasse, Whit sentiu medo, um medo horrível de tudo e de todos. Um medo estranho de si mesmo. Mas impelido pela desgraça que via em casa, começou a roubar. A roubar, a medo, pequenas coisas que ele achava sem importancia para os legítimos donos e faziam muito jeito á mãe. Em casa passava por trabalhar em pequenos recados, fracamente remunerados, mas oportunos.

O tempo e a idade não o melhoraram. O medo continuava a assedia-lo. E o destino também. Em pouco tempo já nada tinham, senão doença e miséria, miséria. E a incompreensão dos homens.

Perseguido por outros jovens, por causa do seu namoro com Barbara, teve medo e fugiu de casa. Durante quatro dias não comeu; a fome que passou fê-lo voltar, mais fraco e mas já completamente pervertido.

O receio da polícia levou-o a procurar refugio e auxílio junto de um antigo conhecido, jovem como ele, mas já completamente prevertido. Foi o pior ambiente que Whit podia ter encontrado. O medo horrivel que sentia deu lugar a uma ousadia própria dos pusilanimes. Na companhia do amigo e duas jovens, como eles, a margem da sociedade, lançou-se no declive do crime. Roubaram automóveis, dando com eles grandes passeios, perigosos passeios. Roubaram bebidas, cigarros, tudo o que podiam encontrar á mão, e escondiam nas montanhas.

Assim levado de degrau em degrau, Whit cada vez se afundava mais. Sentia-se apoiado pelos amigos, delinquentes como ele; sentia-se ousado. Esta ousadia tornou-se cada vez maior, cada vez maior. Caiu sob a alçada da polícia, como não podia deixar de ser. Interrogado, batido, pisado, resolveu fazer uma confissão dos seus crimes, simplesmente inventada, do principio ao fim. Quandô pretenderam tirar-lhe as impressões digitais, saltou por cima da mesa e fugiu pela janela.

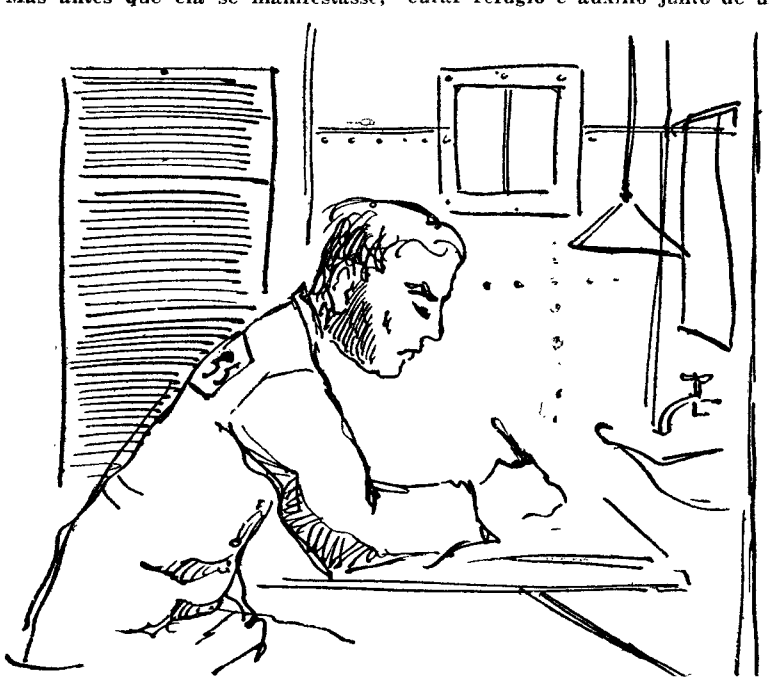
Tudo isto se passou com tanta rapidez que Whit ficou sem poder pensar. Nem tinha tempo para isso. Tinha sido um escravo, que os seus senhores desprezavam; depois tinha-se revoltado, tinha-se declarado livre. E a ironia do caso estava em que, sem a menor duvida, em breve estaria gozando, na cadeia, a liberdade roubada. Whit sabia isso. Importava-se e não se importava. Mas continuou. Apanhado pela polícia, mais uma vez, foi metido numa casa de correcção. Fugiu dali. Voltou a ser preso. Voltou a fugir, voltou a ser preso, após largas peripécias. Mandaram-no, então, para um reformatório. Uma fábrica de regenerações. Uma escola de trabalho, como lhe chamavam. Muitos jovens, dos 15 aos 21 anos. Mentalidades jovens, umas torcidas, outras desviadas, umas feridas, outras desorientadas. Todos misturados. Todos lançados á cadeia de montagem. Correcção produzida em série...

...Chamavam-lhe «Vivaço» e ele gostava do nome. Aos vinte anos mostrava já bem o que viria a ser. Whit pensava qual seria o segredo que o tornava «Vivaço» querido de toda a gente do reformatório. Sentia por ele uma verdadeira fascinação...

Um dia recebeu ordem de soltura. Essa ordem queria dizer que voltava a ser um homem livre junto dos pais e sentiu-se outra vez feliz. Não ouviu a mínima palavra de censura. A unica preocupação dos pais era o futuro dele. Sentiam-se imensamente satisfeitos com o seu ar decidido e saudável. Tinha crescido bastante e aumentado de peso.

E disse para os pais: «E não querem saber? Não tive sequer um ataque daquela maldita asma enquanto estive na escola!»

O futuro mostrava-se brilhante — por alguns dias...

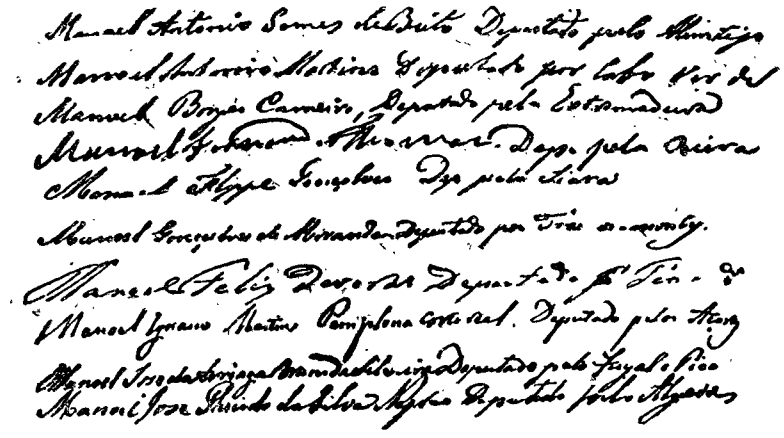


Eis, a traços largos, apenas uma parte do romance empolgante «2455 — Cela da Morte», que EUROPA-AMÉRICA acaba de editar. E' um extenso romance cheio de interesse, da primeira á ultima página, um profundo estudo psicológico da delinquência juvenil, que Chessmann faz da sua própria vida, a vida de um condenado á morte. Por deferência amável dos editores.

A VIDA QUOTIDIANA EM PORT

A VIDA PA DE BO

Vencedora a Revolução, em 24 de Agosto de 1820, imensa era a tarefa a realizar tanto na ordem económica como na ordem política. Resumindo estes dois aspectos numa só frase, tal tarefa consistia em derrubar o feudalismo. Não se tratava, é claro, do feudalismo da Idade Média (de resto, dentro da Idade Média ele passou por mais de uma fase), mas do feudalismo no ultimo período da sua evolução



— em que a forma de governo, o absolutismo, já representa um compromisso com a burguesia.

Manuel de Borges Carneiro quase por completo restringiu a sua enérgica actividade parlamentar aos aspectos políticos da Revolução. Em que consistiam esses aspectos?

Antes de mais, o da Liberdade. Desde Pina Manique que tal problema se punha a toda a sua geração — ou seja o estabelecimento de uma liberdade burguesa que, em muitos aspectos, representava uma liberdade nacional.

Uma das primeiras intervenções de Borges Carneiro, nas Cortes foi, como se adivinha, relacionada com a Constituição. Levantara-se Fernandes Tomás para lembrar ao Congresso

> a grande urgência que havia de tratar dos principais objectos para que fora reunido o Congresso; podia ocorrer a próxima chegada de el-rei ou do príncipe real (do Brasil) e era necessário que, ao menos, as bases da Constituição estivessem formuladas e adoptadas, para haver que jurar.

Borges Carneiro propôs então que se aproveitassem, provisóriamente, os artigos fundamentais da Constituição Espanhola, acrescentando-se onde nesta se encontrasse a palavra rei *a palavra* constitucional. *A Constituição do país vizinho era o modelo mais estimado pelos radicais do nosso País, no numero dos quais Borges Carneiro se incluia. Havia razão para a escolha do modelo, embora sempre se tivesse dito que ele teria de adaptar-se ás particularidades portuguesas: os interesses de classe que o criavam, eram os mesmos; as circunstancias históricas (políticas, sociais ou económicas), muitíssimo semelhantes.*

No mesmo campo da liberdade — vastíssimo, como se sabe — foram bastante assíduas as contribuições de Borges Carneiro. Como grande jurisconsulto, preocupou-se necessáriamente com os aspectos jurídicos da liberdade, com o passo particular das circunstancias em que um indivíduo podia ser preso (Art.º 4.º da Constituição de 1882). A discussão do artigo imediato da Constituição

> Artigo 5.º — A casa de todo o portuguez é para elle m asylo. Nenhum official publico poderá entrar nella sem ordem escripta da competente auctoridade, salvo nos casos e pios modos que a lei determinar.

levou-o a intervir activamente. Quando se falava em intervir activamente deve pôr-se na ideia um homem hérculeo, de grandes olhos e grande testa, voz apaixonada, arrebatada, que um gesto amplo sublinhava.

Assim se manifestou na altura em que se debateu o magno problema da liberdade de imprensa e de pensamento. Foi árdua a discussão em torno da existência de uma censura prévia, mas ao fim prevaleceu o parecer de Borges Carneiro, de Bento Pereira do Carmo e de Soares Franco (para só citar três nomes), este ultimo o redactor do notável projecto de Lei da Liberdade de Imprensa.

Quando se tratou de reformar a justiça, sua voz generosa levantou-se contra as penas infamantes do Antigo Regime, contra a demora na execução das demandas e a fa-

Postal Ilus

por MAN

Meus senhores, boa tarde; desculpem o incómodo. Mas os senhores por acaso não conhecem aí onde um homem tenha que fazer? Desculpem o incómodo, eu não conheço os senhores, mas como vi por acaso os senhores aqui parados... Bem, onde eu pudesse trabalhar, fosse no que fosse. Um jardim para eu fazer, por exemplo. De trabalhos da terra percebo eu, sou de Loulé, os senhores sabem onde fica, é no Algarve. O que eu tinha gastei na passagem. Vim por aí fora, com o farnelzito que a patroa me arranjou e outro saco com a roupa. Então não querem ver! Chego aí, poiso o saco no banco, bato uma soneca que há duas noites que não pregava olho, a pensar na curta da vida, e quando vou pelo saco tinham-mo abafado.

Os senhores desculpem eu estar com isto, inda se ao menos eu tivesse dinheiro para ir até Campolide, onde mora um fabiano de Loulé... Sim, ainda se ao menos eu pudesse pôr-me em Campolide até vir de noite...

* * *

Não, meu senhor, não é vinho. Se quiser pode ver. Não é vinho. Fui eu que vim a pé de Cascais, sentei-me naquele degrau ali defronte mas o polícia não deixou. Vi esta escada aberta, entrei. Por favor, deixe-me ficar só um bocadinho a descansar. Um bocadinho só para eu fechar os olhos.

A vida está mal por todo o lado, mas, sabe a gente está sempre a pensar que em Lisboa... Meto pés a caminh aqui escr que me d

PORTUGAL NO SEC. XIX

PARLAMENTAR BORGES CARNEIRO

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

vor das amnistias como necessidade de se congraçar a família portuguesa.

Um dos problemas fundamentais que se apresentou aos constituintes foi o da autoridade do rei, ou, por outras palavras, a questão do veto, intimamente relacionada com a questão da soberania popular. Eis alguns excertos do discurso a esse respeito proferido por Borges Carneiro:

Diz um ilustre proponente que não são os povos feitos para os reis, senão os reis feitos para os povos. O direito feudal, estabelecido sobre a distinção do género humano, diz justamente o contrário. Chamou-se a um desses pequenos reinos, estabelecido pelas ruinas dos outros, património dos reis. Estas ideias arraigaram-se desde a invasão do século VI, até há poucos anos. A elas agregou-se a superstição, e fizeram-se as algemas de ferro que nos têm escravizado até agora. Agregaram-se tantas superstições ao trono e se lhe adicionaram tantas atribuições monstruosas, que a monarquia se converteu em escravidão. Estes princípios estiveram arreigados na mente dos homens, até que a luz espalhada pelos filósofos fez conhecer a razão, e contribuiu para essas reacções que causaram algumas revoluções, como a da França, e outras que têm feito derramar lágrimas a toda a Europa. Isto deu origem a algumas transacções dos povos com os reis, e daqui vem esse monstruoso *veto* de que se está falando.

O poder executivo é sempre tentado a comer; não é preciso apresentar-lhe mais pasto; não é preciso pegar-lhe no estribo para que nos monte! o que é necessário é estabelecer barreiras de ferro contra ele para que não ultrapasse os seus limites.

... ...

Que quer dizer depois de virem (os deputados) com todos esses conhecimentos, de examinarem uma coisa com tanta circunspecção, de decretarem o que julgam conveniente, que diga o rei *veto*, que significa em bom português *não quero?* Isto é ruinoso e injurioso para a Nação.

Esta pequena amostra dará ao leitor uma pequena ideia da actividade enérgica e decidida de Borges Carneiro — uma das grandes figuras da Revolução. Assim, espero, ficará em condições de compreender a perseguição de que foi vítima no tempo do miguelismo, matéria a que se fará menção no próximo artigo.

MORSE

Líquenes Marcianos

Diz o jornal «Mainichi» que o astrónomo japonês, professor Shotaro Miysmoto, director do observatório astronómico de Hanyama, pertencente á Universidade de Tóquio, acaba de apresentar uma nova teoria referente ao planeta Marte.

Diz o referido sábio que as linhas visíveis no planeta Marte, e que, durante muito tempo, se consideras canais, são os sinais deixados pelos vapores de água provenientes da fusão das neves do Polo Sul do planeta.

Assim, segundo o mesmo astrónomo, as mudanças de estação que parecem observar-se em Marte (mudanças de cor de tantos em tantos meses) resultam da evolução do ciclo de vida de certos líquenes. Tal ciclo, como succde com os vegetais da terra, passa, por exemplo, do verde tenro, ao castanho e ao amarelo.

Quadros a retalho

Henrique Fantin-Latour, pintor francês do século XIX, teve um dia um acesso de cólera e daí resultou a destruição do seu quadro «Le Toast», que a crítica não recebera com a hospitalidade que o artista antevia. Do quadro só se aproveitaram três pedaços. Um deles acaba de ser vendido pela formosa soma de 1.000 libars num leilão londrino.

Está provado que as dificuldades dos grandes artistas desaparecem sempre com a sua morte.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

SEGUNDA EPISTOLA AOS CORINTEOS

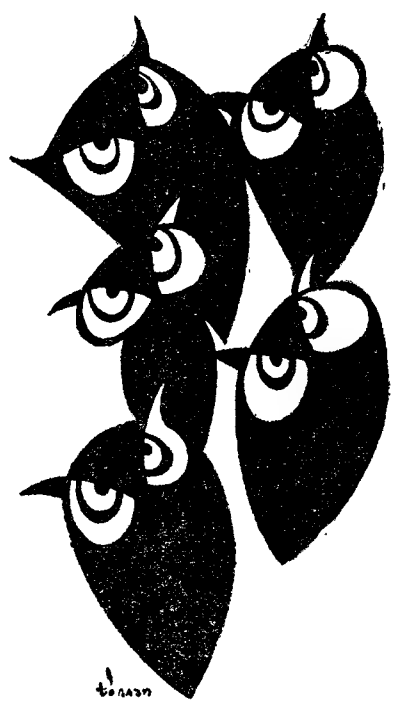
SOBRE A HOMENGEM AOS HEROIS

por DIÓGENES

Peço licença para discordar do processo pelo qual, no comum, se galardoa os homens, que, em vida, sairam fora do comum. Digo em vida—porque na morte todos os homens são pobremente, incaracteristicamente e fatalmente parecidos. Quer dizer, pois, desse vício maléfico que consiste em adiardes o mel das vossas melhores homenagens a um cidadão, para a altura em que já as agências funerárias e noticiosas, os discursos retropectivos e os cemitérios deles se apoderaram irremediávelmente?

Não é verdade que tal vício seja próprio da condição numana. Também não é verdade que tenhais assim tanto pudor em dizer cara a cara aos herois que eles são herois — quer dizer, corajosos na difícil determinação de criar beleza, bondade e saber. Vede, antes de tudo, como cultivais e regais todos os dias o canteiro da vossa personalidade e como incensais a dos outros no jardim do elogio mutuo! Vede, logo a seguir, como sustentais — e tantas vezes pela violência — que as palavras, os actos, as profecias de um político (homem, e naturalmente disposto a errar) são escritura divina! Tudo isto fazeis em vida do alvo das vossas homenagens — e estão eles bem longe de ser herois e vós bem longe de vos enrubescerdes, como as virgens romanticas, pelos excessos dos vosso arrebatados transportes!

Também não é verdade que, na história do homem se não colhem convidativos exemplos de homenagens aos vivos. Lembro-vos que tempos houve em que as coroas de louros não eram símbolos gráficos, ou puros objectos de decoração. Na Grécia elas desciam aos estádios, aos concursos de Poesia e de Teatro, á terra dos Homens: eram a expressão do agrado de uma sociedade pelos que haviam contribuido para a felicidade comum. O facto de, com o rodar dos séculos, a coroa de louros passar a cingir as aves de mau agouro que os campos de batalha produzem — não é motivo para se esquecer aqueles tempos em que a homenagem, a recompensa se dava, sem rebuços, pela cara e não nas costas irremediáveis da morte.



Como fazeis agora? Esperais que morra o Heroi — sábio, escritor, artista — e aproveitais a infausta ocorrência para vos homenageardes a vós próprios — brilhando em discursos ao morto, em lápides ao morto, em obituários académicos. Eis como São Tomé poria o dedo na chaga: os mortos são um pretexto para desenvolverdes o alto conceito em que vos tendes. Vaidade, pura vaidade! E desta maneira transformais as homenagens não em seguros de vida, como seria convenhável, mas em seguros de morte.

Já hoje os homens de valor fogem das homenagens como o diabo da cruz. Considerammas de mau augurio, como encomendas de morte; e preferem assim comer no modesto esquecimento a sua sopa de coentros com pedaços de pão comum. Ora era contra isto que eu pedia licença para protestar. No dia seguinte á morte do Almirante Gago Coutinho houve quem se lembrasse de dar á Avenida do Aeroporto o nome do sábio ilustre. Logo no dia seguinte. E antes? Na realidade, há muitos anos que existe uma Avenida do Aeroporto e foi necessário que vagasse um vivo, merecedor da nossa veneração, para se reparar que estava errado o nome de uma Avenida, e que desde há muito lá devia estar o nome do sábio. Como andamos atrasados em relação á eternidade! Esbanjarmos assim o unico ensejo de prestar justiça na sua devida altura! E' imperdoável! Mas será irremediável?

Proponho que o não seja. Para isso vos escrevo esta epístola. Tenho mesmo algumas sugestões.

Que proponho então? Que se melhore o transito do pensamento, da ciência e da arte, apagando o nome vazio de muitas ruas de Lisboa (e em toda a parte onde existirem ruas) e dourando-as com o nome dos nossos vivos mais ilustres.

Ao seguir por ruas assim baptizadas o transeunte recordará mentalmente os vivos que lhes deram origem; sendo estes, escritores, envergonhar-se-ão por ainda não terem lido a sua obra e apressar-se-ão a fazê-lo. Que bela maneira (entre outras) de homenagear os vivos! Porque, na realidade, é preciso distinguir entre os vivos e os mortos. Já o dizia o contemporaneo de Marquês de Pombal: *enterrar* os mortos e *tratar* dos vivos. Eis uma forma de chamar as coisas pelos seus devidos nomes: para os mortos, enterro; para os vivos, tratamento.

Espero que a minha sugestão seja devidamente compreendida. Não há melhor amor do que o que se dedica aos vivos.

Ilustrado

MANUEL AGRA

do, a caminho, hoje, toda a noite. Trago
a aqui escrito o nome de uma pessoa
pés que me disseram: «vai até lá e diz
que vais da minha parte e logo te arranjarão trabalho». Pode ver, vem o nome aí. Agora, que chego a Lisboa e que com certeza não devo estar muito longe do meu destino, dá-me uma fraqueza pelos joelhos, começo a ver tudo a andar á roda... A verdade é que há três dias e três noites que não sei o que vem a ser levar alguma coisa á boca. A's vezes penso: «a estas horas, toda a gente está a almoçar...» ou então: «a estas horas todos estão a jantar...» Todos menos eu... O senhor é capaz de me dizer onde fica a rua que vem escrita aí no papel?

* * *

Batem-me uma palmada nas costas:

— Foste levado, pateta! Caiste! Caiste de ambas as vezes!

Pestanejo. Caí onde?

— Isso é truque, o truque da ultima moda. Chegam-se ao pé de nós, tal e tal, a lenga-lenga e há sempre quem escorregue — como tu — em dar uns cobres a quem não quer trabalhar nem fazer nada.

— Tu não escorregas...

— Nem penses! Quem quiser faça como eu: trabalhe...

— Mas supõe que não é jogo. Supõe...

— Mas não suponho, aí é que está!

Eis uma consciência forte. Uma consciência que não teme errar. Uma inconsciência que não teme passar por consciência.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

«Sonho com a minha mãe...»

Jean Raul é filho de honestíssimos burgueses. Seu pai tinha uma lojeca pouco mais que insignificante que a primeira Grande Guerra desenvolveu, por artes mágicas de comércio negro. Abriu meia-dúzia de sucursais, tornou-se um dos firmes comerciantes da praça. Viuvo ainda novo, o pouco tempo roubado aos negócios empregava-o emborcando uns «drinks» em companhias galantes. Deixava o filho entregue a si próprio, á deriva, sem lhe vigiar os estudos nem a convivência.

Seja dito que esta não era das mais recomendáveis. E os desgostos para o velho comerciante não tardavam a surgir, culminando com o assalto á mão armada—em que a pistola terrível não passava... de um brinquedo de chocolate em perfeita imitação...

De qualquer maneira, o facto em si mesmo não teria, como se deve calcular, a simpatia da Polícia. Após o castigo imposto, Jean Raul pareceu querer tomar o bom caminho. Tinha dezanove anos e a segunda Grande Guerra eclodiu...

E os desejos, os esforços de regeneração do jovem Raul foram todos por água abaixo. Combateu em várias frentes, recebeu louvores pelo seu comportamento em combate. Mas a metralhadora deixara-lhe calos não apenas nas mãos e nos braços, mas também na alma. Quando a guerra terminou, uma vida calma o aguardadava. Seu pai, ainda vivo, mas doente, desejava de todo o coração vê-lo tomar a chefia do negócio que com tanto sacrifício e esforços levantara. Debalde. Saído da hecatombe com vida, Jean Raul escolheu os «bas-fonds» do crime e da aventura.

O crime não compensa. Pode demorar-se o justo castigo um dia mais. Mas inexoravelmente ele acabará por surgir — e quando menos se espera...

Assim aconteceu. Quando, despreocupadamente, atravessava uma avenida, em pleno dia, reconheceram-no. Dado o alarme, iniciou-se a movimentada perseguição que terminou com a sua captura...

Eram muitos os estragos que pesavam sobre ele. Com muita dificuldade se podia usar de clemência. Vinte e cinco anos de prisão foi quanto lhe coube. Jean Raul entrou na prisão com trinta e oito anos; sairá dela (se sair...), com 63 anos...

(Continua na 7.ª página)

SAIBA COMER

O que precisa saber

para aproveitar o valor dos alimentos

SIGNIFICADO E PAPEL DAS VITAMINAS

Já falámos nos dois grupos de vitaminas — soluveis e insoluveis na água.

Também dissemos que, nas primeiras, incluimos a vitamina C, anti-escorbutica, com importancia na destruição das toxinas e influência na estabilidade nervosa; a B_1, um factor de apetite e de equilibrio nervoso; B_2, facilita a assimilação geral e o equilibrio nutritivo; PP — antipelagrosa.

Ao segundo grupo, apenas soluveis nas gorduras são: a vitamina A, ou de crescimento, de resistência ás doenças, higiene da vista; a D, anti-raquítica, auxilia a fixação do cálcio e á formação do tecido ósseo.

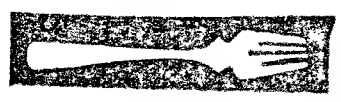
ONDE SE ENCONTRAM AS VITAMINAS — NA POLPA OU NA PELE?

Nos frutos e nos legumes as partes mais vitaminadas são as mais coloridas. Por isso já dissemos ser um erro desprezar as folhas escuras das alfaces — são elas, precisamente, as que mais interessam. E' preferivel, como se supõe pelo em-

posto, comer os frutos bem lavados e com casca. Quanto mais ácido é o fruto, mais rico é em vitamina C e melhor ele se conserva (daí a preferência pelas laranjas e limões ou tomate). Os frutos ou legumes que não sofrem cozedura são muito mais ricos em vitaminas que os cozinhados; daí a necessidade de comer saladas, tomate, ou legumes raspados e frutos frescos.

QUAL O EFEITO DO CALOR E DA COZEDURA?

50 % da perda da vitamina C é resultado dos processos domésticos de cozedura. Este fenómeno dá-se por oxidação e difusão. A vitamina C oxida-se em proporções importantes. E' preciso, pois, aproveitar a água fervente para nela mergulhar os legumes, a prévia ebulição da água tem a vantagem de expulsar o ar dissolvido e, portanto, diminuir a destruição da vitamina C pela oxidação.



As vitaminas soluveis da água e os sais minerais «difundem-se» na água da cozedura; razão porque a cozedura no vapor evita, em parte, a perda de vitaminas e conserva melhor os princípios nutritivos dos alimentos. Quanto mais longa for a cozedura, maior é a perda — não é preciso mostrar a vantagem das panelas de pressão, permitindo uma rápida cozedura em pouca água, uma vez que se saiba lidar com ela, claro está.

Mas apesar de todas estas precauções, a perda parcial das vitaminas, nos frutos e legumes cozidos dá-se. Também os sais minerais ficam na água. Que fazer? Muito simplesmente, minha amiga, aproveitar a água da cozedura para sopas, por exemplo, com excepção feita á água da cozedura das couves. Já dissemos que a perda da vitamina C é maior num meio básico (não ácido), por isso evitar o uso do bicarbonato de sódio, com o pretexto de uma mais rápida cozedura.

ALGUNS CONSELHOS QUANTO À ESCOLHA DAS PROVISÕES DA HORTA

—Escolher sempre legumes e frutos bem coloridos;

—Não é necessário cortar os legumes antes de os lavar; pelo contrário, deve lavá-los rapidamente e inteiros;

—Não deitar fora as folhas escuras das saladas;

—Empregar facas e garfos inóxidáveis.

—Raspar os legumes apenas no momento de servirem;

—Não fazer sumo de frutos com antecedência.

—Conservar os legumes e os frutos pelo frio; o frio suspende a oxidação da vitamina C.

Conselhos para um velho razoável

Em geral, as pessoas de idade avançada, comem mal. Talvez por guloseima, talvez por higiene mal compreendida, talvez por economia...

Entre o superalimentado e o subalimentado, vamos situar o equilibrado (o meio termo é, sempre, o mais de desejar); e chamamos «equilibrado» àquele que sabe comer frugalmente, de cada vez, embora o faça em pequenas refeições durante o dia, àquele que mastiga lentamente mas bem, que dorme a sua sestazinha depois do almoço, numa confortável cadeira de repouso, àquele que substitui o jantar por uma refeição ligeira, sabendo que a digestão é inimiga do sono tranquilo. Ora, para as pessoas neste caso, há muito que comer; muito e bom. Assim, SAIBA COMER.

RAÇÃO DIARIA:

Carne...	80 grs.
Leite...	1/2 litro
Queijo...	30 grs.
Manteiga...	30 grs.
Pão	200 grs.
Arroz, etc.	30 grs.
Legumes...	300 grs.
Fruta...	200 grs.
Doce...	50 grs.
Açucar	30 grs.
Vinho (se há licença)	1/4 de litro

A alimentação deve ser repartida por três refeições principais, sendo o almoço a mais copiosa e o jantar a mais ligeira. Os alimentos que compõem essas refeições são tomados em pequenas quantidades e variados.

O pior «senão» que podemos encontrar na alimentação das pessoas idosas é o mau estado dos dentes, que sempre é frequente. Daí as perturbações digestivas de que quase sempre se queixam as pessoas idosas (digestão incompleta, dores de estômago ou males intestinais). Na próxima semana passaremos uma vista de olhos a alguns grupos de alimentos para determinar a sua importancia ou a sua contra-indicação. Mas uma coisa podemos dizer, desde já: é necessário o máximo cuidado na distribuição dos alimentos para garantir um equilíbrio benéfico.

Ao pequeno-almoço, tomar uma chávena de café com leite açucarado, 50 gramas de pão ou 2 biscoitos — um pouco de doce.

Ao almoço, 80 gramas de carne, legumes frescos, batatas, queijo, fruta e pão.

Ao jantar, sopa, legumes verdes ou secos, fruta e pão.

RECEITAS DE URGÊNCIA

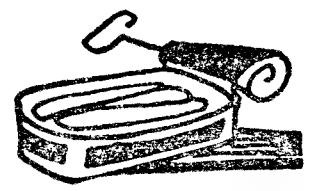
RESTOS DE MAIONESE

Se tiver uma sopa qualquer, misture-lhe os restos de maionese, fora do lume e no momento de servir.

Se se trata de sopa de legumes, então ficará de parabens. Mas pode usar a receita com qualquer sopa, sem receio.

RESTOS EM CREPE

Faça uma pasta espessa com farinha, um pouco de água e um ovo inteiro. Incorpore nela os restos que quiser, finamente picados e



temperados com sal, pimenta, noz moscada ou «gruyère». Coza a pasta, na frigideira dos crepes, com pouquíssima gordura. Depois da massa cozida, enrole ou não. Sirva com salada crua.

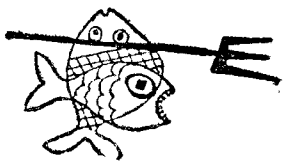
ACOMPANHAMENTOS DE LEGUMES

Coza em água salgada os legumes que quiser (quanto mais variada melhor). Faça á parte um refogado em que guisará os legumes depois de bem escorridos (deve cozê-los já partidos em bocadinhos bem pequeninos). No fundo de uma forma untada coloque rodelas de

ovos cozidos e deite por cima os legumes refogados, sem calcar. Sobre tudo isto, deite ovos inteiros bem batidos, de forma a que escorram por entre os legumes. Leve ao forno bem quente até estarem os ovos bem firmes. Desenforme para um prato.

DOCE DE CHORAR POR MAIS

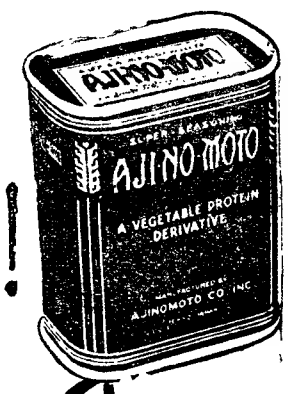
Faça um ponto de espadana largo (500 grs. de açucar com 2,5 decilitros de água). Deite dentro, sem deixar cortar, oito gemas de ovos até cozer, de forma a obter ovos moles bem «moles». Mergulhe, com uma escumadeira, palitos de «La Reine» ou fatias de pão de ló nestes ovos e vá arrumando numa saladeira de vidro. Depois de haver mergulhado todos os bolos (500



gramas) deite por cima o resto dos ovos. Bata quatro das claras em castelo bem firme (1 colher de sopa de açucar para cada clara) e faça pequenos montes sobre o doce. Se quiser, pode polvilhar com canela e amendoa ralada e torrada.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

NOVA EMBALAGEM!



POR 20$00 VAI ENCHER 4 VEZES (QUATRO) O SEU FRASCO DE

AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA

MOMENTO DE POESIA

por ALFREDO BRAZ

Não haverá ainda no fundo de cada homem, embora soterrado nas cinzas de tantas horas queimadas pelo absurdo da vida quotidiana, um nucleo de essencialidade e de pureza? Estou certo de que ele realmente existirá no mais profundo de cada ser, numa zona recondita e intacta, bem defendido das contingências da vida e dos estragos do tempo. E como explicar de outro modo a emoção que ainda somos capazes de sentir diante de um bom quadro, um trecho de boa musica ou um belo poema?

Antes de sermos pessoas graves e práticas, todos nós fomos adolescentes, tivemos amores puros e amizades exaltantes e ficámos presos á beira de janelas extasiados pela beleza de crepusculos. Depois, as duras necessidades da vida amarraram-nos a uma secretária, ligaram-nos a um balcão, acorrentaram-nos a uma bancada, forçaram-nos, em suma, a ganhar o pão com o suor do nosso rosto e as agonias da nossa alma; os amores foram perdendo a inicial pureza, as amizades não mais nos exaltaram e deixámos de ter tempo para contemplar os crespusculos. Mas restou-nos, daquilo que um dia fomos a reminiscência dessa beleza um momento vislumbrada e se acaso acontece o milagre de com ela nos cruzarmos ainda algumas vezes conseguimos reconhecê-la.

E aconteceu-me realmente encontrá-la um destes dias quando, ao regressar a casa após nove embrutecidas horas de escritório, procurava desintoxicar o cérebro com um pouco de poesia. É certo que já nem sequer trazia a coragem necessária para abrir o livro de um dos meus poetas preferidos e entregar-me á leitura, mas tinha por mim as apreciáveis vantagens de um progresso que nos permite colocarmos uma rodela de plástico sobre o prato giratório de uma maquineta eléctrica, instalarmo-nos comodamente, cerrarmos os olhos e limitarmo-nos a escutar. Restava-me sómente o problema da escolha do disco: outra vez os poemas de Álvaro de Campos recitados pelo João Villaret ou antes o «Apollinaire» dito pelo Jacques Duby? Foi então que me recordei de duas gravações de poetas modernos portugueses trazidas na véspera, agarrei ao acaso numa delas e dispus-me a ouvi-la.

Uma candenciada e maviosa voz de mulher dizia, talvez com excessivo enfase, um poema onde se falava de um marinheiro perdido dos caminhos do mar. E então, repentinamente, senti junto de mim a tão rara e sempre emocionante presença da beleza, desprendendo-se da pura musicalidade desses versos admiráveis.

Mas a voz da poetisa continuava contando a tragédia do marinheiro, que desertara do mar e vagueava, por entre alucinações e pesadelos, «nas obscuras / ruas da cidade sem piedade»:

«E ele vai baloiçando como um mastro
Aos seus ombros apoiam-se as esquinas
Vai sem aves nem ondas repentinas
Sómente sombras nadam no seu rastro».

Nenhuma possível salvação para quem abandonou o puro convívio com as coisas naturais e se entregou ao «tempo dividido». Perdido e abandonado por tudo o que abandonou, unicamente restará ao marinheiro o caminho da morte sem beleza:

«Porque ele tem um navio mas sem mastros
Porque o mar secou
Porque o destino apagou
O seu nome dos astros
Porque o seu caminho foi perdido
O seu triunfo vendido
E ele tem ás mãos pesadas de desastres».
.....
.....
«Nenhum mar lavará o nojo do seu rosto»
.....
.....

«Marinheiro sem Mar» e fora publicado no livro «Mar Novo». Escutei em seguida todos os poemas contidos nesse disco e sempre a mesma impressão de pura musicalidade, a recordar-me o que de melhor há na poesia de um Camilo Pessanha. Fiz rodar o disco várias vezes, esperando talvez destruir um falso sortilégio, mas nunca a primeira impressão foi desmentida. Fiquei então seguro de que, a compensar-me as horas embrutecedoras do escritório, tinha tido um momento de grande, de real, de verdadeira poesia.

A curiosidade levou-me depois a ler todos os livros de Sophia Andresen e verifiquei com surpresa como ela tinha seguido, com tanta segurança, um caminho de tal maneira firme e ascensional desde o seu primeiro livro, «Poesia», de 1944, até ao actual «Mar Novo», publicado há pouco mais de meio ano.

Da pureza descarnada, abstracta — estive quase tentado a escrever «desumanizada» — dos seus primeiros versos, onde é bem nitida a influência de Rilke, a autora de «Dia do Mar» caminha decididamente no sentido de uma maior concretização e estabelece, pouco a pouco, uma mais interessada comunicação humana.

Algumas poesias, como o admirável «Porque», «Lusitania» e «Regresso», atestam bem essa evolução. Mas há nesse livro uma poesia sem titulo que mais do que qualquer outra confirma a minha afirmação e por isso não resisto a transcrevê-la:

Este é o tempo
Da selva mais obscura

Até o ar azul se tornou grades
E a luz do Sol se tornou impura

Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura

Este é o tempo em que os homens renunciam.

Ele morrerá sem mar e sem navios
Sem rumo distante e sem mastros esguios

Morrerá entre paredes cinzentas
Pedaços de braços e restos de cabeças
Boiarão na penumbra das madrugadas lentas».

Procurei na capa do livro o nome da poetisa. Chamava-se Sophia de Mello Breyner Andresen. Vi também que o poema se intitulava

É bela, mesmo muito bela a poesia de Sophia Andresen. Não existirá talvez entre os nossos poetas modernos nenhum outro mais inspirado e mais limpido do que a autora do «Mar Morto». É certo que eu tive um belo encontro com a beleza quando, quase por acaso, me dispus a ouvir o disco com os poemas e a voz de Sophia de Mello Breyner Andresen.

A PESCA DO ATUM

(Continuação da 1.ª página)

Novo baque, outro e outro bicheiro furando a carne rija de um peixe, novos corpos que caem. Estremecimento... Atenção, atenção desmedir... Confusão de corpos, de braços, de pernas, confusão de gritos... Sinfonia... Quem fosse capaz de dar isto tudo numa sinfonia!

Pouco a pouco o copo vai-se esvaziando, a água toma uma cor indefinida... O cheiro do sangue e da maresia enche-nos de uma náusea forte.

O Sol declina. Calam-se os homens. Um aqui outro além, os ultimos atuns, correm tresloucadamente. A ansia de libertação toma proporções gigantescas. Um canto do cisne...

Os homens sentam-se, cansados, na borda do barco. O peito arfa-lhes num ritmo forte. Têm as mãos tintas de sangue, os fatos colados ao corpo e nos rostos nada mais se adivinha do que uma calma que tanto pode ser o espelho de uma vingança satisfeita, como de um entorpecimento total. Os homens são assim quando têm as mãos tintas de sangue.

MANUEL DO NASCIMENTO

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

(Continuação da página central)

«Sonhas muito?» — perguntou-lhe um psicanalista.

«Sim. Tenho pesadelos.»

«E que vês tu em sonhos?»

«Cenas de guerra. Uma vividas, outras inventadas. Também tenho um sonho muito frequente...»

«Qual é?»

«Não digo. E' uma tolice.»

«Se quiseres, não dizes. Mas porquê?»

«Vai dizer que são manias...»

«Dou-te a minha palavra de honra que não.»

«Aí vai: Sonho com a minha mãe...»

«Mas não a conheceste...»

«Pois não. Aí está porque digo que é uma tolice...»

«Conheces fotografias dela?»

«Algumas.»

«Parecem-se com a «mãe dos teus sonhos?»

«Bastante. Principalmente nos olhos.»

«Conversas com ela?»

«Se se pode chamar a isso conversar! Ela nunca me diz nada. Pelo menos, quando acordo, não consigo recordar-me de alguma das suas palavras.»

«Isso desagrada-te?»

«Se me desagrada? Eufurece-me, deixa-me louco de raiva!»

«E quando sonhas com a guerra, que sentes quando acordas?»

«Medo.»

Voltou a falar na mãe, nos sonhos em que ela intervinha. «Nunca fui criança...», exclamou certa ocasião. O que significará: «Nunca fui feliz...»

Mas a vida dá muitas voltas. E talvez que as portas da felicidade não se tivessem fechado definitivamente para o pobre Jean Raul...

E' o que veremos no próximo número.

nos momentos de perfídia, quando o apresentava a qualquer pessoa, gritava, numa voz que parecia anunciar um acrobata célebre:

—Mister Skalton, o maior técnico de minas da Europa.

Skalton era efectivamente um grande técnico mas nunca esqueceu os seus primeiros anos de vida como descarregador de carvão nas docas de Londres.

Ria de tudo, ria da própria vida como nunca vi alguém fazer mas quando se tratava de defender um ponto de vista, justificar uma opinião, uma ordem, era duro, extremamente duro.

Discutimos no meu segundo dia de serviço. O velho Mota da secção de tratamento foi chamar-me a casa. Uma avaria nas células de concentração. Tomávamos chá. Levantei-me. Skalton olhou-me e perguntou rispidamente:

—Onde vai rapaz?

—Ver o que se passa.

Estendeu o braço na minha direcção, mostrou-me o relógio. Eram dezoito e meia.

—Sente-se.

—Voltou-se para o Mota:

—Parém os «trommers» e os classificadores. Amanhã, amanhã temos tempo.

—E os prejuizos?

—A empresa não precisa dos nossos favores.

Sempre a olhar para mim acabou de comer a compota que ainda tinha no prato, revolveu as algibeiras até encontrar o cachimbo, encheu-o, acendeu um fósforo e chupou o cachimbo ruidosamente. Depois deu-me uma palmada nas costas e começou numa voz carregada de ironia:

—Você está...

Como não encontrasse o termo que queria empregar socorreu-se da sua própria língua.

—Verde...

—«Yes», você está muito verde.

A casa de Skalton era o clube da mina. Ouviamos musica, mas por pouco tempo. Só o Sousa ficava embevecido e parecia embalado ao ouvir a «rádio». Tinha uma predilecção, um fraco: as cantoras de voz quente. O Skalton dizia que ele passava a vida a idealizar as mulheres pela voz.

Jogávamos e bebiamos. O que pode fazer um mineiro, isolado, na encosta de uma montanha a oitenta quilómetros da cidade mais próxima? Ouvir musica? Sonhar com as mulheres que são para os outros homens? Espicaçar-se com a vida que devia ter e não tem? Por isso jogávamos, por isso bebiamos até ao entorpecimento e, se por vezes não chegávamos ao pior dos excessos, era porque o velho Skalton nos obrigava sempre a parar antes dos momentos de crise.

Os mineiros olhavam Skalton com o respeito que se deve a um pai. Afável, carinhoso, todos o temiam. Ouvi, numa manhã, ao entrar na central eléctrica, um mineiro dizer:

—Aquele tem calos nas mãos, como nós.

* * *

Adoeceu a mulher do Silva. Uma dor que costumava dar-lhe e que

quinas e homens como se a mina fosse um bocado do meu próprio corpo. Praguejo, insulto, vomito as maiores obscenidades quando há uma avaria; acordo noite alta a pensar na solução de uma sobrecarga, maldigo esta vida de forçados mas no dia seguinte corro ao toque das sereias com esperanças redobradas. Movimento, tonelagem de minério, «quilowats» gastos... Mas chego a esquecer a vida dos homens. O outro chamou a isto «taylorismo sentimental». Àparte o snobismo vejo agora que tinha razão.

Ao Sousa morriam, um após outro, os sonhos. Mas continuava a martelar-nos os ouvidos:

—E' preciso fazer alguma coisa.

As minhas aspirações eram satisfeitas em parte. Com a nova central elevara ao triplo a força motriz, entregaria aos trituradores trezentas toneladas de minério em vinte e quatro horas.

E o Sousa perguntava:

—E que benefício vem daí para os mineiros?

Metia as mãos nas algibeiras, encolhia os ombros e voltava-lhe as costas. Não queria trair-me. Era ele a unica pessoa com quem não descarregava o azedume em que me consumia.

Para viver, o Sousa, precisava entregar-se, entregar-se totalmente. Eu desde novo habituei-me a viver fechado, fechado em mim próprio.

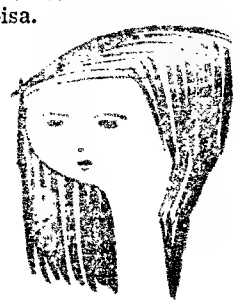
Não, o Sousa não desertou. A vida corria-lhe nas veias e na mina, para ele, a vida era a morte lenta. Partiu. E os mineiros não compreenderam, e a Janette não compreendeu, e o director também não compreendeu. Os mineiros afirmam que as mulheres podem embruxar os homens a Janette revoltou-se contra a filha do Pinto e o director gastou mais de meia-hora a falar-me das fraquezas humanas.

O Sousa partiu, a filha do Pinto partiu. Há ocasiões, na vida de um homem, em que é preciso fazer seja o que for, que não seja a vida monótona de todos os dias: esbofetear alguém, bater com a cabeça nas paredes, atascar-se de lodo até ao pescoço, ser heroi, ser ridículo, ser cobarde, ser diferente de si mesmo, fugir á sombra dos seus próprios passos.

A filha do Pinto não foi mais do que um grão de poeira a forçar uma mola tensa e desgastada num ponto já fraco, uma válvula de escape de mil anseios a que não conseguiu dar a forma palpável de realizações. O Sousa tinha de levar alguma coisa da mina e ela estava cansada, cansada de vender copos de vinho aos mineiros, cansada de não encontrar olhos que a vissem.

Ela voltará e o Sousa, depois de refeito de uma pausa necessária, continuará a trabalhar, a espalhar o seu amor á vida e aos homens e gritar:

—E' preciso fazer alguma coisa.



A VIDA DOS QUE TRABALHAM

(Continuação da 1.ª página)

reconcilia. Porque se o trabalho é lei da vida, não é fácil a vida dos que trabalham Na rotina dos destinos que se repetem, todos os dias iguais e todos os dias diferentes, o trabalho mecaniza o homem e transforma-o numa peça automática da grande máquina que ele desconhece, que ele não sente. Trabalha para sobreviver: eis tudo e eis o que sabe.

Quem espera desespera

Mas se o trabalho é para muitos rotina e monotonia, há aqueles para quem o trabalho é uma surpresa diária: o das esperanças que se frustram e o das certezas que já não chegam. E' o trabalho instável e precário dos que esperam sempre, dos que, tendo hoje trabalho, podem ficar dias, semanas e meses sem que nada surja. «*Quem será amanhã o escolhido?*» — eis a pergunta que anda na mente nos lábios e na inquietação desses que na «Casa do Conto» esperam a sua vez numa interminável e oscilante «bicha» de dias, certos de que o seu também há-de chegar, também *tem* que chegar.

A Casa do Conto

Afogada entre oficinas e estações de serviço, apitos de sirenes e estrondos de fábricas, grandes letras anunciando grandes e anónimas empresas, fomos descobrir ao fundo da R. de D. Luís, entre o Conde Barão e o Cais do Sodré, a «Casa do Conto», como é conhecida entre os que ali procuram ser contratados para os trabalhos de estiva e tráfego do porto de Lisboa, desde o Poço do Bispo a Alcantara. Perguntámos onde era. «*Ali adiante*» — informou-nos alguém.

De braços cruzados, ao sol, alguns homens esperavam. «*O que esperam?*» — desejaríamos perguntar. Mas os rostos impassíveis não nos franqueiam a primeira janela de aproximação. Estamos sempre longe dos que nos estão perto; e pensámos, neste primeiro instante, que a nossa reportagem falhara. Era preciso, para quebrar o gelo, aproximarmo-nos e fazer perguntas. Como e porque vivem estes homens de trabalho incerto, de incerto presente e incerto futuro, oscilando entre a instabilidade do dia que passa, muitas vezes em branco, e do outro que nunca se sabe se chega e como chega? Com a voz encortiçada pelo hábito do silêncio, a gravata, a camisa branca e o sobretudo do repórter destoavam ali e dificultavam-lhe o primeiro passo. Sentiamo-nos espiados por aqueles que eram os primeiros, mudamente, com os olhos, a fazer-nos perguntas, os primeiros a entrevistar-nos... Sim, quem poderia ser para eles aquele intruso? E lembrámo-nos do caçador que foi á caça e veio caçado.

O gelo quebra-se

Abeirámo-nos de um deles e quisemos ouvir a primeira opinião. Angelo Ferreira, de Ovar, onde nasceu e foi criado, e que está em Lisboa com mulher e filhos, explicou: — «*Trabalha-se quando há: quando não há, não se trabalha*». Angelo Ferreira dava-nos assim, nesta tautologia, toda a vida e história da «Casa do Conto».

Ás sete e meia da manhã começam a reunir-se nos três pisos da Casa, vasta espécie de assembleia onde têm assento, rigorosamente distribuídas pelos respectivos andares, as três classes em que estão compreendidos. Do litoral ao interior, todas as províncias portuguesas ali se encontram representadas, e até se contam elementos galegos, sobre os quais ouvimos comentários pouco lisonjeiros. Quando os capatazes chegam para estabelecer os contratos de serviço, há sempre a preferência pelos que podem mais e pelos do escalão da estiva que ficam no rés-do-chão. São estes os primeiros a entrar e só chega a vez dos outros, os do segundo e terceiro andares, quando houver trabalho de sobra, o que raramente acontece. «*Lá quando o rei faz anos*» — como ouvimos dizer a um. «*Os que não vão nos navios ficam*» como diz com humor melancólico o Angelo Ferreira, «*ficam a ver navios*».

Para colher mais informações, resolvemos entrar. «*A esta hora já lá deve haver dentro pouca gente*» — informou ainda o Angelo Ferreira. «*O que é bom sinal*» — acrescentámos — «*porque se lá não estão é porque foram aproveitados*». A porta, numa chapa de metal amarelo, pudemos ler: *União dos Sindicatos de Trabalhadores do Porto de Lisboa*». Foi o porteiro, já no segundo andar, quem nos prestou as primeiras informações. Depois começaram a abeirar-se da nossa conversa os que estavam no seu posto de espera, com certa desconfiança e curiosidade, lendo-se-lhes nos rostos a interrogação mas também a simpatia. Alguém se interessava por eles e pelos seus problemas. Um jornal queria falar deles. O gelo quebrara-se.

O principal problema

«Há 14 anos que isto funciona» — dizia-nos o Manuel António, porteiro desde o princípio, e que conhece a «Casa do Conto» por dentro e por fora. De que recursos dispõe?—perguntámos. «As quotas dos sócios. Porque há duas categorias: os sócios e os suplentes. Os sócios é que estão sempre em primeiro lugar para ser chamados. Como no futebol, só vão buscar suplentes quando não há efectivos... Os sócios pagam de quota 5$00, que lhes é descontada na jorna. Esta recebem-na (os que tiverem sorte de conseguir serviço) no fim de cada dia». «A reforma é que é muito pouco» — ouvimos um deles lamentar-se. «Dão-nos 250$00 e com esse dinheiro ninguém se reforma. Se a reforma fosse melhor, já os velhos iam dando lugar aos novos que chegam. E a vida corria mais fácil para uns e para outros». «E' o principal problema, o da reforma» — confirma outro. E outro rectifica: — «O principal problema é o do ordenado: 50$00 por dia, com um trabalho violento como o nosso, não compensa. Todos os dias há sinistrados. Arruinamos a saude e não compensa». Quem estava agora ao pé de nós, interessado em prestar todos os esclarecimentos, era o Domingos Henriques Ruela, natural de Aveiro. Foi ele que se queixou: — «Ando há três anos aqui e vou ficando no «pau da roupa» para meterem outros á minha frente, como efectivos, outros com menos experiência do que eu. Como essas coisas acontecem, não sei eu». Nós também não sabiamos...

«Tempo é o que nós temos mais»

O tempo corre, vasto e enervante, para os que esperam. «Tempo temos nós muito» — ouvimos dizer a Domingos Ruela. Fora do horário de trabalho, que não pode ir além das oito horas regulamentares, apenas devem continuar em serviço os que tenham sido chamados antes das oito horas. Usa-se ali uma expressão típica, o «biscate», que significa a vitória daquele que, acabando o serviço cedo, ainda pode aproveitar outro que lhe surja. Isto que representa até certo ponto uma injustiça para com os menos favorecidos e apesar de ser proibido pelo regulamento, continua a suceder diariamente. E' legítimo que os lesados exijam o rigoroso cumprimento do que está estabelecido, já que é justo o que está estabelecido. Muitos, na ansia natural de ganhar mais, infringem-no e provocam os vibrantes protestos dos que se sentem defraudados, daqueles que não conseguem, durante dias e dias, «embarcar». «Embarcar» chamam eles a tomar conta do serviço. É ir embarcar em seco, na doca.

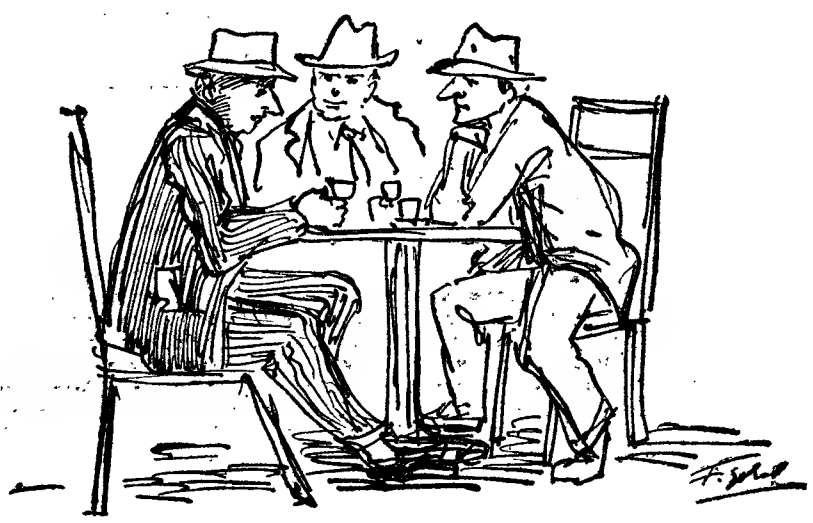
«Para não ser tudo para uns nada para outros, o melhor era uma escala de turnos» — opina um, opinião que registamos e nos parece aceitável, razoável, sensata. Porque os que ali estão como suplentes chegam a levar dias, semanas e até meses «á boa vida», boa vida esta que se traduz, em termos práticos, numa vida má, difícil. Ouvindo falar em sócios e suplentes e sabendo já que os suplentes podem ser de estiva e tráfego, quisemos saber quantos havia ao todo. «Uns mil quinhentos» — disseram-nos. Foi que nos deu a ideia exacta do problema principal dos que aqui trabalham: distribuir justamente o trabalho, de modo a que todos possam ter a sua parte.

AFONSO CAUTELA

Prepare-se
para uma grande novidade
literária

Edição de
LIVROS DO BRASIL
leia
(não pode deixar de ler)

«O PODER E A GLÓRIA»
romance de
Graham Green



VIII

NADA deve custar a um escritor o mascarar de qualquer pessoa com as roupagens de personagem de romance. Mudar um nome, por um nariz comprido em quem o tiver curto, evitar os dissabores de um mal entendido antecedendo o que se escreve de uma nota prévia em que se afirme qualquer semelhança como pura coincidência, não é para mim. Primeiro porque não sou romancista; segundo porque não sei trair-me.

Na mina só vejo deformação no endurecimento das realidades e de duas uma: ou temos a morte na frente dos olhos ou uma vida precária que pouco custaria a perder. Somos homens endurecidos e a um homem endurecido o que pode custar são as meias tintas.

Sinto-me diferente. Meia duzia de meses chegaram para me transformar. Não ironizo ao dizer que sou um ser brutal que encolhe os ombros á maior das catástrofes, mas que pragueja e insulta, muitas vezes, para que as lágrimas não lhe rebentem dos olhos.

A Janette mostra-se desorientada com esta mudança, fala-me em frieza. Se conservo este ar gelado não é para afastá-la. Preciso que não se aproximem de mim. Tenho a impressão de que, em certas alturas, me faria amolecer; depois viriam as queixas, os desanimos e um mineiro não pode deixar de ser forte. Viver aqui, é um duro ofício.

Tudo isto a-propósito de quê? Uma fotografia que tenho no alto de uma estante fez com que me agarrasse ás recordações.

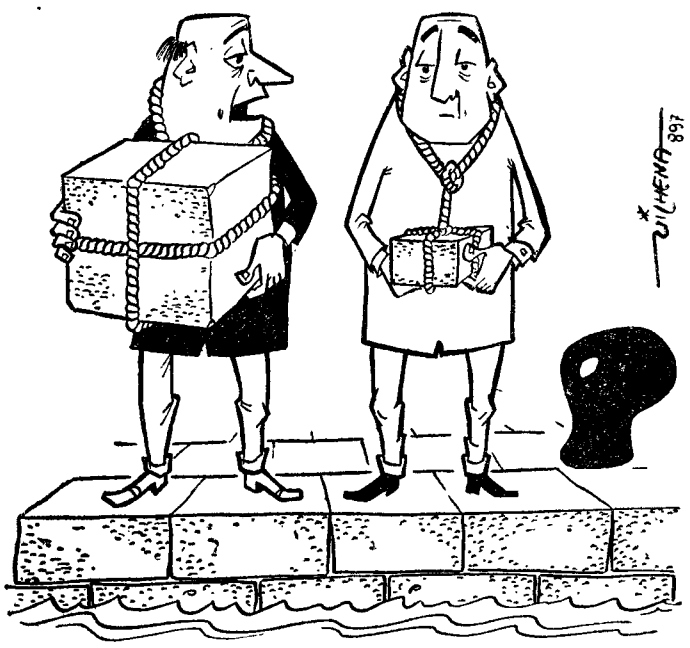
Um companheiro que partiu... Mas que deve estar, agora, na Austrália. Um Inglês. Podia chamar-lhe Smith, tratá-lo por qualquer apelido dos mais vulgares que existem em Inglaterra, mas não sou capaz. Isso era despersonalizar um homem. Esteve aqui dois meses. E não era frio; e não era alto, nem magro. Baixo, gordo, um brilho interessado nos olhos. Parecia latino.

Tinha qualquer coisa de atleta de circo mesmo abstraindo a forma de vestir. Usava um casaco de «bombazina» cor de mel e camisas das cores mais vivas que podem conceber-se: vermelhas, azuis, amarelas. O Sousa,

SEM PALAVRAS

SEM PALAVRAS

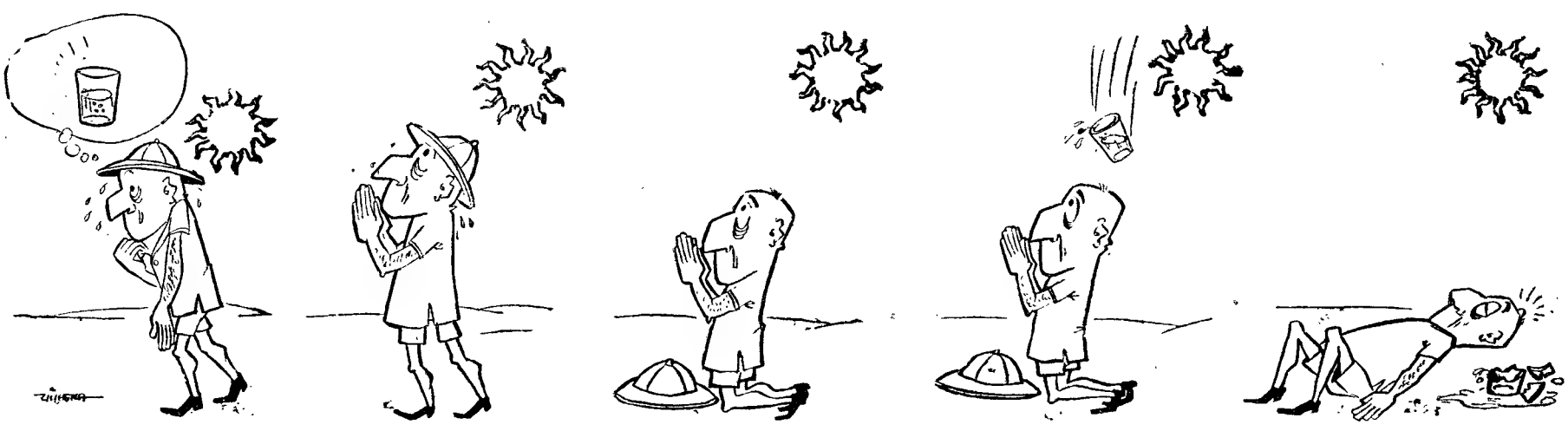
humorística



A MANIA DAS GRANDEZAS

—O meu desgosto é muito maior do que o teu.

—O quê!! Aqui ainda há canibais?!!
—Não senhor. Só havia um, mas comemo-lo ontem.



CADERNO DE UM REPORTER

O mundo incomensurável das forças anímicas do espiritismo mediúnico

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Aqui e nos Brasis

Na metrópole, nas províncias do Ultramar e, sem duvida alguma, no imenso império dos Estados Unidos do Brasil, têm tratamento e categoria de excelência o mundo e a potência incomensurável do espiritismo. Trata-se, sem duvida alguma, de um poder que a todos excede e abraçam as várias classes e credos em que se divide, ainda hoje, esse povo excepcional, criado contra as regras habituais e com «o sabor de experiência feito» — não já com o rigor das frases do poeta comum das duas nacionalidades — Camões — e, neste caso particular, além da família do benemérito Marques Ratão, também fundador de algumas outras que o seu apadrinhamento precisam e invocam. No caso das imensas províncias, vastas como Impérios do Brasil, serão sempre, na evocação saudosíssima e doce o Portugal de além-mar, o terno e bom desabrochar pleno e bravio deste jardim da Europa á beira-mar plantado. Já aqui carecemos de conhecimentos próprios e, tão-pouco, nesta hora indecisa do mundo de crentes que, através de tudo, constituímos, com sinalética bem específica, gente submissa, fundamentalmente doce e boa de amar.

Novos horizontes

Há muitos anos já, ainda eu era simples menino, concorria muito a qualquer coisa que me arrancasse á sensaboria dos lugares comuns de momento triunfantes: havia, por exemplo, um movimento espirita coordenado. Podia então ser-se tudo mediante uma simples autorização da polícia: — «Os Novos Horizontes», chamava-se esse quinzenário espirita bem escovado que, indo ao fundo da forte corrente popular, a estimulava e socorria. Nesse denso movimento de pequenas colectividades — autêntica explosão do que surgia e natural limite a certas expressões ou desvios mais filiados na ingenuidade das forças despertadas do que no conhecimento próprio do poder de que dispunham — mais havia que aparecesse publicamente, corajosamente, sem a falsa pudicícia de certas solteironas condenadas, por si próprias, á castidade e ao celibato e que, neste livre expandir de certas energias, buscavam a maneira honesta de pôr a sua escrita em dia.

Havia, ainda, não estando o seu director nem deslocado nem preso por certas conveniências, um órgão anarquista «A Terra Livre», de Pinto Quartim, apesar de tudo ainda muito brasileiro e muito jovem, mal chegando, anos e anos a totalizar dois alqueires. Também era bastante bem feito, mas com várias singularidades. Entre elas, a de o título ser quase sempre desenhado e algumas vezes tipografado.

Sincronia desses movimentos

Mas, apesar de tudo, havia certa sincronia nesses movimentos, melhor, mais explicitamente dizendo, certo sincronismo. Quanto mais livre é um movimento, a mais obriga e mais espontaneamente obriga, ninguém se libertando do abraço que tanto liberta como estrangula.

Nunca foi tão incompleto o meu saber como durante esses tempos em que os nervos se entregavam livremente ao prazer de exercer o que só por compulsão podia ser seu. Era a época em que «apaches» do tipo de Ravachol tinham acabado de assombrar o Mundo, obrigando o Governo de Paris a mobilizar toda a guarnição da cidade contra um velho moinho onde resistiram até ao fim, entregando tudo contra todos esses elementos de Ordem e sua Repressão.

Neses momentos supremos, nem mesmo o czar, apesar de senhor de todas as Russias, ia ao ponto de querer deportar para a Sibéria o matagal confuso e, apesar de tudo perigoso, dos que se opunham a esse poder imenso, em nome dos ideais e das liberdades já outrora concedidos. Nem mesmo nessas plagas gélidas das «tundras», nem mesmo ao sabor dos vizinhos do Polo, se havia ainda conseguido de forma tão completa o domínio da forma e da cor sobre a extensão e a multidão, o que agora a cada passo se vê.

As limitações de cada um

Se estes eram os elementos que decidiam, na base, da sorte do jogo, não era assim o que, estando em mesa, podia ajudar o preopinante a escolher ainda entre o que fosse seu e a sua estranha sorte, madrasta apesar de tudo alheia e, em muitos casos, sempre arrogante e indigesta. Era assim que se aprendia a livre noção da liberdade e da crença nos desígnios próprios. Era assim que se mantinha a noção da responsabilidade própria e nunca se enjeitavam responsabilidades, desde que não hostilizassem espontaneamente o desejo de cada qual.

Tudo parece muito simples e, no entanto, esta espontanea aquisição de responsabilidades, a livre noção da própria responsabilidade, era e é, ainda hoje, o supremo Norte que conduz as sociedades e evita o regresso das turbas para a inconsciência quantas vezes milenária e indesejável das trevas cavernárias.

VIAGENS PARA A ESPANHA OU ALÉM

Leva-se ao conhecimento do Publico o que a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhois (RENFE) comunica:

Aos Srs. Passageiros que nas viagens de Portugal para Espanha ou mais além utilizem comboios ou carruagens directos sem serem portadores de bilhetes directos, da procedência a destino, nos percursos para os quais está prevista a sua venda, e se apresentem com bilhete válido unicamente até á estação fronteiriça portuguesa ou espanhola, para comprarem depois um novo bilhete até destino, não serão vendidos, em transito, bilhetes a preço simples (salvo se se tratar de passageiros portadores de título especiais de transporte para percursos espanhois ou portugueses), pelo que serão aplicadas as disposições vigentes cobrando-se o duplo dos preços.

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

LEITURA DE SÁBADO LEITURA DE SÁBADO LEITURA DE SÁBADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SÁBADO LEITURA DE SÁBADO LEITURA DE SÁBADO

Três homens acharam uma caixa cheia de dinheiro

Texto integral da narrativa de

Paul Jones

IAM três homens pela estrada fora, envoltos numa nuvem de poeira sufoc[illegible] exaustos, as faces e[illegible]adas e emagrecidas escorrendo suor, pois, apesar da hora matutina, o calor apertava.

A guerra acabara e os três ex-combatentes, que tinham cumprido o seu dever, marchavam a caminho do mar, de regresso a casa, com os uniformes esfarrapados. Um deles, chamado Carter, baixo e espadaúdo, de grande cabeça e olhos esbugalhados, disse, a certa altura:

— Seria uma sorte, se houvesse algum barco de pesca que nos levasse para a outra costa!...

— Certamente! — acudiu o segundo, Lockett, que tinha expressão franca e bem humorada.

— Era mais que sorte!... Um verdadeiro milagre!...

Por ultimo, falou Hill, o mais pessimista dos três:

— Sim! um milagre... Principalmente por não termos com que pagar a travessia, pois creio que não nos levaria de graça. Por mim, não disponho sequer de um centimo...

— Tudo se há-de arranjar! — replicou Carter. — E só a ideia no regresso me faz esquecer dificuldades e tudo o mais. Ah! o regresso: Paris, Nova York, voltar á mesma vida dos tempos de paz!... A propósito, Hill: que fazia você antes da guerra?

— Era professor de História, numa pequena escola preparatória!

— Eu era advogado! — declarou Carter. — E você, Lockett?

— Motorista de pesados, o mesmo que fiz durante a guerra, com a diferença de que não havia a ameaça das balas...

Assim caminhando, a conversar, chegaram ao topo de uma colina sobranceira a uma pequena aldeia, para a qual se dirigiram e onde, na primeira casa, um velhote lhes ofereceu um copo de vinho, ao mesmo tempo que lhes ia dizendo, com desalentadora tristeza:

— Fiquei só, aqui na povoação... Só restam mulheres e crianças e não sei como se poderá arranjar de comer... Os nossos homens morreram quase todos, e alguns que escaparam ficaram feridos... Eram os soldados do 301.º Batalhão. Talvez tivessem ouvido falar neles?!...

Nenhum dos três lhe respondeu e o ancião continuou:

— Morreu quase tudo... Os combates foram além, naquela planície, em defesa da nossa terra, da nossa própria aldeia!...

Os três retomaram a caminhada, seguindo agora a estrada por entre colinas que lhes ocultava o mar. De subito, depararam, numa curva, com um camião voltado na berma. No assento dianteiro, dois homens enrodilhados sobre o volante, imóveis, com os braços pendentes... Espreitando pelos vidros estilhaçados, viram um oficial e um motorista — que, evidentemente, tinham sucumbido no seu posto.

Lockett, encolhendo os ombros, comentou:

— Não há nada a fazer-lhes. Mas podemos ver se têm alguma coisa que nos sirva...

Havia duas pistolas e uma pequena caixa rectangular, de aço. Estoiraram a fechadura e viram que estava cheia de dinheiro.

— Era um pagador! — esclareceu Hill, ao mesmo tempo que desdobrava um papel com a indicação: «301.º Batalhão».

— Coitado! — exclamou Lockett. — Ficou pelo caminho quando ia levar o «metal» á rapaziada... Já foi pouca sorte para quem havia de recebê-la...

Carter fechou a caixa e observou, a sorrir:

—Bem!, o caso agora muda de figura! Com esta maquia já nos livramos de apuros. Chega e sobra para a viagem!

Houve um momento de silêncio, até que Hill, esfregando o queixo mascarrado pela barba áspera, falou:

— Estou cá a magicar nisto... Teremos nós, realmente, o direito de ficar com este dinheiro?

— Um momento! — interveio Carter, em tom de protesto. — Eu sou advogado e, como tal, pergunto a quem pertence este dinheiro senão a nós que o encontrámos? Ao Governo? Não pode ser, pois o Governo já não existe! Tenho ou não tenho razão?

Hill ouviu o homem de leis, e o seu comentário foi um trejeito dos lábios, em sinal de critica.

— A não ser — tornou Carter, irónicamente — que o entreguemos ao inimigo, para o fundo de socorro ás vitimas da guerra!... Que diz a isto o professor de História?

— Digo que não, está claro! — replicou Hill. — Não há qualquer precedente a justificar tal atitude. Eu pensava era nos homens do 301.º Batalhão...

— Pois é! Mas o dinheiro não chegou a ser-lhes entregue — argumentou Carter. — Se as famílias têm o direito de requerer o pagamento dos soldos em divida, isso é outro caso! Quanto ao dinheiro contido nesta caixa, não se pode dizer que lhes pertence, uma vez que não chegou a entrar na sua posse. É assim ou não é?

— Será... não sei!... — exclamou Hill, hesitante.

— A quem pertence, então? — explodiu Carter, irritado. — A realidade é esta: a caixa estava abandonada; nós chegámos, encontrámo-la e não se pode provar quem seja o verdadeiro dono. Assim, é claro que nos pertence!

— Afinal de contas, parece-me que você tem razão!... — concluiu Hill. — O caso foi claramente esclarecido, Carter. Você deve ser, de facto, um bom advogado!

— E sou! — respondeu Carter, orgulhoso. — Agora, que chegámos a acordo, vamos mas é dividir o peculio...

Ao acabar, porém, de falar, teve um gesto de espanto, pois a caixa desaparecera e Lockett também.

— Olhe! — gritou Hill, apontando para a encosta da colina — ali vai ele a correr!

Depois por entre gargalhadas, comentou:

— Isto é mesmo á moderna: enquanto os intelectuais discutem todas as minucias da lei, o homem de acção põe-se a andar com o «bolo»!

Carter resmungou, a ranger os dentes:

— Eu é que lhe vou mostrar quem é o homem de acção! Venha daí: vamos agarrá-la!...

E desataram ambos a correr pela estrada, mas, passada meia hora, estavam bem estafados. Carter, ofegante, confessou o seu desalento:

— Não conseguiremos apanhá-lo. Cansamo-nos mais, inutilmente, pois perderemos a corrida. Com toda aquela gana e a embalagem que leva, o tipo, a esta hora, já alcançou a costa. E, com o dinheiro que leva não faltará quem lhe facilite o embarque. É melhor desistirmos!

Hill concordou e combinaram voltar para trás, a fim de pernoitarem na aldeia, pois, sem dinheiro, poucas possibilidades tinham de empreender a viagem.

Era já escuro quando tornaram a passar pelo camião tombado. Mais adiante, lucilavam, timidamente, algumas luzes na aldeola.

— Talvez o velhote não faça questão de nos albergar...

Encaminharam-se, pois, para a casa do aldeão que, naquela mesma manhã, lhes oferecera um copo de vinho. A janela do rés-do-chão estava aberta, vendo-se o interior iluminado. A meio da casa, humilde, sentados a uma mesa, dois homens bebiam. Um deles era o velhote e o outro... Lockett. Irónicamente, Carter observou:

— Lá está ele, todo inteirinho! O palerma deitou-se a perder por um copo de vinho... Não pôde resistir á tentação... O que ele nunca pensou foi que nós voltássemos! Siga-me, Hill!

Entraram de roldão, empunhando Carter a sua pistola. Lockett logo os reconheceu, mas nem sequer pestanejou. Estava um pouco embriagado.

— Fique aí quietinho e não se mexa, Lockett! — impôs Carter. — Queremos a «massa»!

— Aí a têm... Governem-se! — respondeu Lickett, empurrando a caixa, que estava sobre a mesa. Hill adiantou-se e pegou nela, metendo-a debaixo do braço. Então, o velho camponês saltou, indignado, e falou-lhes assim:

— Que raio de soldados são vocês que vêm aqui ameaçar um honrado pagador, tranquilamente abrigado debaixo do meu tecto?!

— Honrado pagador? Ah! Ah! Bonito, não há duvida! Ele não passa mas é de um ladrão! — replicou Carter, enfurecido.

— Um ladrão?! — fez o velhote, rubro de cólera. — Como pode chamar uma coisa dessas a um homem que chegou aqui esta tarde, quando ninguém o esperava, para pagar ás viuvas e aos orfãos a soldada dos homens do 301.º Batalhão?!

Houve um breve espaço de silêncio, enquanto Hill abria a caixa...

— Realmente, está vazia! — exclamou Carter.

E, baixando a pistola, voltou-se para Lockett:

— Você é doido, por mais que me digam!...

— Eu sei... — murmurou Lockett, meneando a cabeça, a sorrir. — Desculpem por ter fugido tão depressa, mas tive medo...

— Medo de quê e de quem, Lockett — inquiriu Carter, sempre furioso.

— Tive medo que os vossos bonitos discursos de homens inteligentes e sabedores acabassem por convencer um pobre-diabo como eu!

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

COMENTÁRIOS...

«ROCKS» E «HULAS»...

A ultima sílaba de Poesia, sabendo a madrugada espiritual e a serenidade claríssima, perdeu-se no rumor da agitação que invade o Mundo.

A Vida fez uma esquina...

Para lá, ficaram o intelectualismo, o sonho elevado, a eloquência, a linguagem do espírito, o culto da inteligência. Para cá, o positivismo sem escola, o materialismo arrogante, o desdém pelas ideias elevadas, a indiferença comodista por tudo quanto é digno de ser pensado, estudado ou admirado, a desordem espiritual, a pobreza de ideias ou conceitos, a ausência de convicções produtivas.

As raparigas e rapazes de hoje (salvo algumas excepções) não se prendem em lucubrações de pensamento nem se adaptam a ideias convencionais. Descrêem de fórmulas e regras, não se subordinam a doutrinas e lançam ao Mundo — num ímpeto irreverente por tudo o que é sensato, lógico e normal— a desfaçatez das suas atitudes, julgando criar uma nova e definitiva escola, contra a organização da vida e os seus inevitáveis deveres de moral, de senso, de coordenação de pensamentos, sem reconhecerem que a sociedade não pode submeter-se a ideias arbitrárias e que o absurdo tem, forçosamente, o seu limite!

Antigamente os portugueses e, sobretudo, as mocidades portuguesas, não conheciam medida no sonhar e no imaginar!

Vivia-se e palpitava-se através da poesia, do romantismo, das epopeias, das crónicas, das meditações, das saudades e do humor!

Existia, nas almas, uma sêde constante de espiritualidade, que, por vezes, descambava em atitude lamecha...

Nem o culto exagerado do Sebastianismo, nem o desapego cruel e cínico de todos os devaneios de alma.

O Mundo reforma-se, renova-se, em evolução constante.

E' interessante assistir á formação das novas mocidades, encorajando-as a ser desempoeiradas e sinceras mas sempre comedidas e equilibradas na arte de comunicar os seus pensamentos.

O existencialismo — que as mocidades de hoje proclamam, com as suas farpelas excêntricas, os seus gostos estranhos e as suas poses pouco sinceras — mais não é do que uma fuga ao esforço, ao trabalho, ao sacrifício, ás responsabilidades e uma declarada manifestação de incompetência perante os altos corucheus de cultura, perante os problemas intelectuais, perante as barreiras morais e cívicas, que reclamam esforços, sacrifícios, renuncias!

As suas naturais energias, embotam-se em distracções pagãs e o caminhar dos tempos que, com tão elevado nível científico tem rasgado novos horizontes á vida da Humanidade — encontra, nas actuais mocidades, uma posição retrógrada, uma feição decadente, que muito se aproxima das atitudes mentecaptas dos povos selvagens, das tribos africanas...

Já repararam nas expressões idiotas dos rapazinhos e raparigas, contorcendo-se nos saltos do «Rock and Roll», — enquanto mastigam pastilha elástica — ou fazendo rolar, na «Hula-Hoop», os arcos de plástico, subindo e descendo dos corpos bamboleados?!...

Nas grandes cidades cosmopolitas existem agora os cafés existencialistas e ouvi dizer que, também na nossa bela Lisboa, abriu um, há pouco tempo. Em Paris, esses locais inspiram uma forte impressão, mista de curiosidade e certa opressão... Igualmente em Madrid — pelo menos em dois que visitei — é difícil definir o choque e a sensação causada...

As raparigas, geralmente de camisolas amplas, saias justíssimas, os cabelos, ou cortados como os rapazes ou escorridos, em longas e lisas melenas, ao longo das faces e dos ombros... Sorrisos, poucos e esses raros são estigmatizados por uma mórbida expressão de descrença, indiferença, fastidio ou cepticismo. Alguns deles usam longas barbas, falam pouco, bebem e têm um ar de desdém fatalista, onde não existe o mínimo vislumbre de uma esperança nascente ou um débil raio de luz, escapado de qualquer clarão interior de mocidade.

As atitudes são doentias — corpos estendidos sobre os espaldares das cadeiras, braços apoiados ás mesas...

São velhos — em plena madrugada da vida! Dizem eles que basta apenas «existir» e que o «ser» não interessa...

A vida intelectual deixa-os pasmados! Os problemas da vida quotidiana encontram-os perplexos ou indiferentes!

Não sabem o que é Poesia e todo o panorama espiritual, na sua mais nobre e elevada essência, não passa, para eles, de um mundo distante e desconhecido, vazio de qualquer interesse real...

Ora esta triste pleiade de raparigas e rapazes (incapazes, em qualquer emergência, de se tornarem uteis á Humanidade) deve-se, em grande parte, á falta de orientação moral dos pais!

Sobretudo na adolescência, a atenção dos pais não deve conhecer tréguas!

A adolescência é o período da grande crise, de uma série de experiências contraditórias, de espantos, de surpresas, de desesperos, de extases, passando do sonho melancólico á exaltação tumultuosa, tenebrosa, nostálgica...

A procura, a busca da personalidade integral, é o problema predominante dos adolescentes. A educação, em tal época da vida, exige muito tacto e conhecimento psicológico. E' a passagem da dependência á autonomia, da inconsciência á consciência, do egocentrismo ao senso social.

O adolescente faz um ensaio constante de todas as suas forças vitais e esse ensaio — novo para ele — é caracterizado por uma crise anárquica, por atitudes extravagantes, por ideias descontroladas.

Ele passa da existência do «eu», á consciência do «eu» e, geralmente, sem a orientação constante e disvelada dos pais ou educadores, não consegue encontrar o verdadeiro caminho!

A mesma indecisão se encontra no jogo das faculdades intelectuais e morais, uma imprecisão de ideias, de gostos, de atitudes, de opiniões, subordinados, na aparência, a um dogmatismo intransigente.

Isto revela, no adolescente, uma perturbação interior, por carência de motivos determinantes. Daí, uma hesitação secreta em seguir determinado caminho e uma timidez profunda, dissimulada pelo orgulho juvenil, pela arrogancia de atitudes, que torna imensamente perigoso o abandono.

O adolescente, em busca da verdade e na procura da sua personalidade real, tenta constantemente adaptar-se a si próprio. Os seus desencorajamentos subitos e secretos, são a consequência de desejos nascentes, para além das suas possibilidades actuais.

Toda a atenção dos pais, deve pois convergir para os filhos, neste período agudo da vida. Más tendências, secundadas por más companhias, podem arrastar os jovens a abismos inevitáveis. Deve criar-se-lhes o hábito do trabalho, a obediência a leis sociais estabelecidas e o respeito pelo próximo e por si mesmos. O homem é um animal social. Nasceu para viver em sociedade, pois é impossível bastar-se a si próprio. O egoísmo, o desprezo de leis e deveres a extravagancia absurda de hábitos e atitudes, formarão seres indesejáveis, sem qualquer utilidade e simpatia.

Não quer isto dizer que os adolescentes se amarrem a cadeias de convencionalismos cediços, destruindo-lhes a força criadora, a liberdade de pensamento e uma certa rajada de atmosfera nova, que sabe bem, de quando em quando, respirar...

Os novos têm o direito de renovar, de sacudir as poeiras antagónicas ao progresso e até de implantar ideias originais, forjadas em modernas visões. Devem respeitar-se, desde que as suas sugestões sejam honestas, as suas aspirações inteligentes, projectando, para além do caminho, um clarão luminoso, aclarando as sombras...

Para isso, porém, talvez não seja necessário requebrar o corpo naquela estranha dança do arquinho, nem deixar crescer a barba, nem espinotear no «Rock», nem ter aquele aspecto «negligé», aquela «non-chalance» irritante e aquele ar de falsa superioridade, pela mania que se lhes meteu na cabeça de que são seres superiores, acima de todos os idiotas e botas-de-elástico que se matam a estudar e a trabalhar...

Os pais devem abrir os olhos a tempo, não confiar os filhos adolescentes á companhia de desconhecidos nem consentir que as filhas andem por aí, sózinhas...

Entregues a si próprios e ás suas pobres quimeras, julgar-se-ão livres...

Porém, em breve reconhecerão que são desgraçados, vulneráveis e lunáticos!

Que brotem ideias novas, que os cérebros se desenferrugem, mas — em suma — que haja mais brilho e elegancia na maneira de se revelarem.

Não será razoável esta opinião?

GRACIETTE BRANCO

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Na DAMAIA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por Alvaro da Silva.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXX — Sousa Martins

Este médico ilustre, recordado em um monumento no Campo dos Mártires da Pátria, não foi apenas um sábio. Foi também uma pessoa de muito espírito. Os limites desta pequena antologia obrigam a condensar os inumeros ditos espirituosos que durante toda a vida espalhou a rodos.

Sousa Martins tinha o prazer da mesa e nos constantes jantares com colegas e amigos, era sempre a «vedetta» da «verve» e do bom humor.

* * *

Um dia, o dr. Bento de Sousa, falando da civilizações extintas e desligadas, asseverou que os Portugueses têm muitas vezes andado para trás, não acompanhando as conquistas da época.

—Isso prova que a lei do progresso é verdadeira — responde Sousa Martins.

—Como assim? interrogou espantado o dr. Bento de Sousa.

—Parece impossível que V. não saiba que o progresso das leis é não se cumprirem.

Então, o grande médico, seu contendor replicou:

—Sim, o que é o mesmo que dizer: In medio consistit virtus.

Ao que o nosso biografado respondeu:

—Se V. pensa que me rendo com o seu latim, engana-se. A virtus nunca está no meio. Está no fim, como pode estar no princípio. Também pode estar ao lado. Ao meio, é que ela nunca está!

* * *

Um dia discutia com um velho colega que o contrariava obstinadamente, repetindo várias vezes:

—Não é nada disso. Se o senhor tivesse prática, não tinha essa opinião.

Sousa Martins, já irritado fechou a discussão, dizendo:

—Diga-me uma coisa. O meu caro colega antes de ter prática, era só tolo?

Terminou a discussão.

* * *

O grande médico era uma boa pessoa com um excelente coração. Uma tarde, um alcoólico pediu-lhe esmola e ele deu-lha. O amigo que o acompanhava censurou-o ao que ele respondeu:

—Deixá-lo! Antes enganar-me dando uma esmola que vá alimentar o vício, do que negá-la a quem dela precisar para matar a fome.

* * *

Uma vez notou em um dos seus doentes — que eram numerosos — uma larga cicatriz, proveniente de uma grande queimadura.

—O que foi isto? perguntou o médico.

—Quando era criança, entornei chá a ferver e fiquei assim.

—Chá? — disse Sousa Martins. Aí está uma cicatriz que faria honra a muitos fidalgos.

* * *

Um estudante de Medicina ministrava clorofórmio a um doente que ia ser operado. Vigiado pelo professor, mostrava-se trémulo e inquieto.

Sousa Martins percebeu o nervosismo do rapaz e, quando o doente já estava meio anestesiado, bateu no ombro do aluno e disse-lhe:

—Oh! homem, não se atrapalhe. Olhe que na pior das hipóteses não é nunca você que morre».

* * *

Em uma das suas enfermarias, um doente chamou estupido a outro e provocou conflito. Interveio Sousa Martins que termina a questão, dizendo:

—Oh! senhor da cama 36, fique sabendo para seu governo, que aqui na enfermaria quem faz prognósticos sou eu!

* * *

A respeito de um médico muito distinto mas que embaralhava bastante as ideias, ele dizia:

—Aquele meu colega sabe muito mas tem a cabeça como a gaveta de um sapateiro de escada. Lá dentro há tudo. Mas quando mete a mão para buscar o serol, tira a sovela e quando precisa da sovela, encontra a turquês».

* * *

Sousa Martins foi ao palacete de certa viscondessa, senhora bastante pretensiosa e que estava cheia de febre. O visconde, ao analisar a receita, observou:

—A senhora viscondessa está bastante febril. Não percebo porque é que o senhor doutor não lhe receita quínino.

—Olhe, sr. visconde, acredite que visconde toda a gente pode ser, agora médico é só o que estuda para isso.

* * *

Numa das suas enfermarias, apareceu um dia um provinciano com um grande abcesso no pescoço. O homem vinha desolado:

—Isto será uma «nascida», sr. doutor?

—Não, não. Isto é uma «crescida».

O homem ficou na mesma...

* * *

Para terminar este pequeno feixe de ditos graciosos, ouçamos este conceito do mestre:

«Muitos médicos só querem começar a tratar de condes para cima. O grande Pasteur, sábio mundial, contentou-se em ter, como seu primeiro doente, um bicho de seda. Aí fez as suas primeiras experiências».

disco da semana

CANÇÕES POPULARES PORTUGUESAS

Coro da Academia dos Amadores de Música (Secção Folclore) dirigido por Fernando Lopes Graça

O publico que se habituou a não perder os belos espectáculos de canto do Coro da Academia dos Amadores de Musica, dirigido pelo ilustre compositor e folclorista, Fernando Lopes Graça, vai agora ter a possibilidade de os repetir nesta excelente gravação «His Master's Voice». Os que ainda não conheciam o Coro, encontram agora ensejo de o fazer. Trata-se de um agrupamento unico no seu género — a um tempo educativo, artístico e missionário — constituido por pessoas que não possuem qualquer preparação musical ou vocal. Quis desta forma Fernando Lopes Graça conservar a frescura e a espontaneidade primitivas do cancioneiro popular português, e conseguiu um êxito brilhante.

Esta gravação é composta por 16 canções:

Canção da Vindima (Beira-Baixa)
Não segueis o trigo verde (Trás-os-Montes)
Na aldeia de Amareleja (Alentejo)
Na estrada de Braga (Minho)
Senhora Santa Catrina (Beira-Baixa)
Os homens que vão p'ra guerra (Douro Litoral)
Quando teu pai me trocou (Minho)
O meu amor de polido (Beira-Baixa)
Oh, que janela tão alta! (Trás-os-Montes)
Encomendação das almas (Minho)
Oh ladrão, que te vais embora (Beira-Alta)
Aproveitai a azeitona (Beira-Baixa)
O' meu amorzinho (Minho)
Agora no São João (Minho)
O ladrão do negro melro (Alentejo)
A Senhora d'Aires (Alentejo)

Estão de parabens o publico português e a «His Master's Voice» por tão aliciante disco. E claro que o Coro da Academia dos Amadores de Musica e o seu director — grande figura da nossa musica contemporanea.

Disco publicado por Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova de Almada, 95.

Um estudante português em Israel — (4)

Três dias no deserto do Neguev

Ainda maravilhado pela visita á lendária Jerusalém, iniciei a viagem á parte meridional de Israel, onde se situa o imenso deserto do Neguev. Tanto eu como os meus amigos estrangeiros, não tivéramos ainda portunidade de conhecer um deserto e a nossa curiosidade inicial, ia assim, sendo progressivamente substituida por uma sensação de deslumbramento, á medida que a paisagem verdejante da região de Jerusalém cedia lugar ás areias do deserto.

Beersheba, onde passámos pouco depois, a capital do deserto e a cidade mais meridional do país, é um dos mais expressivos índices do crescimento demográfico de Israel. Com 1.500 habitantes em 1950, após a celebração do armistício com os Árabes, abriga hoje 20.000 almas. A sua urbanização bem delineada e as modernas construções que nela se erguem, são testemunhos relevantes do progresso do país. E' em Beersheba que fica a verdadeira porta do deserto, ponto de contacto entre o Norte e o Sul. Aqui termina o caminho de ferro que estabelece a ligação com as cidades ao Norte e aqui entroncam as estradas que servem os centros agrícolas e industriais do deserto. A' cidade vêm os beduinos do Neguev vender os seus camelos no mercado semanal e da cidade emana para o Sul a civilização.

Do Mar Morto ao Mar Vermelho

E' depois de atravessar Beersheba, outrora frondoso oásis, como o seu nome revela (Beer — poço; sheba — sete), que nos surge verdadeiramente o deserto em toda a sua majestade fria e desolada. Agora, altas escarpas abruptas e ameaçadoras, que a erosão desértica trabalhou através dos séculos em formas as mais inesperadas, alternam com regiões planas a perder de vista numa angustiante monotonia. A magia do deserto domina-nos por completo e acaba por perder-se a noção do real. Para isso contribui, para além do exotismo próprio da paisagem, o mundo de recordações que ela sugere. Foi aqui, em pleno deserto da Judeia, o lugar escolhido por Deus para revelar a lei aos homens. Foi nesta região agora deserta, que se sucederam inumeras civilizações, que os estudos arqueológicos hoje nos dão a conhecer. Mais modernamente foi ainda o Neguev teatro de acontecimentos fundamentais para a história de Israel, que os meus amigos israelitas recordam com sentida emoção. Aqui se desenvolveram as principais fases da guerra da independência, na qual a valentia dos habitantes das pequenas colónias agrícolas do Neguev manteve a salvo os centros vitais do Estado durante os primeiros meses. E é ainda hoje neste deserto que se depositam muitas das esperanças de Israel. Para tanto existem bem fundadas razões.

Mais adiante, tomamos a estrada que nos conduz a Sedom, nas margens do Mar Morto. Gradualmente, a paisagem sofre nova transformação. As areias amarelas ou avermelhadas de pouco antes cedem agora lugar ao branco frio das formações salinas. Junto á berma da estrada, uma placa de sinalização indica ter-se atingido a cota zero; em poucos quilómetros, passamos de 600 metros acima do nivel do mar, a quase 400 abaixo. Chegamos ao ponto mais baixo do Mundo.

O sal dá á paisagem um cunho de irrealidade que fascina. No entanto, essas enormes montanhas brancas, longe de criarem a sensação estimulante que produz a contemplação das paisagens nevadas, pelo contrário deprimem e subjugam. É dificil descrever o que vimos. Talvez ás imagens doutros planetas, que nos dão as revistas e filmes de ficção, sejam as que mais se identificam com o que nos é dado contemplar. Rodeado por esta paisagem de morte, o próprio mar, pela sua elevada salinidade, não permite qualquer espécie de vida. A unica nota viva é dada pelo homem, que, sempre pronto a explorar os recursos da natureza, aí instalou uma industria produtora de potassa.

Agora, todos ansiamos pela clássica experiência do banho no Mar Morto, onde, por mais paradoxal que isso possa parecer, é impossivel morrer-se afogado, pois a elevada densidade das águas nos obriga a flutuar. Este banho é uma experiência inolvidável que, no entanto, está longe de ser agradável e não se deseja repetir. A elevada densidade da água impede-nos de nadar, pois não é possível manter simultaneamente braços e pernas mergulhados. A temperatura é escaldante e mesmo dentro de água sua-se abundantemente. O sal forma sobre o corpo espessa camada e o próprio duche «frio» que nos é anunciado, por utilizar água de um depósito colocado ao sol, é de tal modo quente que se torna insuportável.

Se, no entanto, o turista não pode encontrar neste tão celebrado banho o lenitivo reconfortante que esperava, para atenuar os efeitos dos imensos calores do deserto, ele será com certeza largamente recompensado neste aspecto se se dirigir para o Sul, para as margens do Mar Vermelho. Com efeito, foi com inigualável prazer que, depois de uma viagem esgotante sob uma temperatura de mais de 45 graus á sombra, nadei durante horas nas frescas águas do Golfo de Akaba, com uma máscara de mergulhador, para assim poder contemplar as deslumbrantes paisagens submarinas, a que as formações coralíferas de cores variadas imprimem um atractivo que nos prende e deslumbra. Aquele que não queira ou não possa nadar, não ficará contudo de todo privado deste prazer, pois, pode alugar um barco com fundo de vidro que o transportará por sobre os mais belos bancos de coral, permitindo-lhe assim apreciar em óptimas condições, o próprio local em que se filmaram algumas das cenas da película do comandante Cousteau, «O mundo do silêncio».

Uma noite na praia de Elath

Elath é o nome da povoação mais meridional do país, na costa do Mar Vermelho. Em 1950 tinha apenas uma casa e hoje conta 3.000 habitantes. O Governo israelita pretende converter Elath num importante centro turístico de Inverno, aproveitando a grande amenidade do seu clima nessa época. Existe já um luxuoso hotel com preços fabulosos, onde se alojam os turistas endinheirados. Os menos abastados dormem muito simplesmente na praia ao relento, aliando assim uma interessante economia ao prazer de adormecer com as estrelas sobre a cabeça e ser despertado pelos primeiros raios do Sol. Nós, estudantes, evidentemente optámos por este ultimo tipo de «alojamento».

Além do seu interesse turístico, Elath desempenha ainda um papel importante na economia de Israel. Com efeito, através de Elath se canaliza o comércio que se dirige ás costas do Índico, permitindo assim aos navios israelitas dispensar a utilização do Suez. Para obstar ás dificuldades levantadas pelos Egípcios, á travessia do Suez pela Marinha de Israel, construiu-se recentemente um «pipe-line» que, atravessando todo o deserto, vai de Elath ao centro industrial de Haifa, onde se situam as refinarias.

Israel tem apenas 12 quilómetros de costa com o Mar Vermelho. Fronteiramente a Elath fica situada a cidade de Akaba, tão perto que podia ver distintamente as unidades navais britanicas fundeadas no porto, para apoio ás tropas pára-quedistas que se encontravam na Jordania desde a crise do Iraque. Muito perto também, avistam-se com grande nitidez o Egipto e a Arábia Saudita. Poucas vezes será possível acontecer que se aviste de um país simultaneamente o mar e três outros países a tão curta distancia.

Os beduinos

De regresso ao Norte do país, foi-me dado travar conhecimento mais directo com os beduinos, os verdadeiros habitantes do Neguev, que até aí apenas avistara de longe.

Constituem uma das numerosas minorias de Israel. Sendo inicialmente nómadas e vivendo da criação de ovelhas e camelos e da pilhagem de caravanas, estes beduinos viram as bases da sua economia tradicional abalada, com o aparecimento da locomoção automóvel introduzida na Palestina durante o mandato inglês. O camelo que era até aí a «barca do deserto» perdeu o seu prestígio, desvalorizando-se. Por outro lado, as caravanas rareavam e assim desapareciam as outras fontes de receita. Os beduinos foram então forçados a modificar os seus hábitos de vida. Passaram a semi-nómadas, tentando dedicar-se á agricultura sem contudo abandonarem os seus rebanhos. No entanto, a falta de uma tradição e preparação agrícolas vota-os ao insucesso e começam então a procurar refúgio nas cidades e vilas, onde exercem actividades diversas. Em 1948, durante o êxodo árabe, muitos deixaram o país. Actualmente existem cerca de 16.000 beduinos em Israel, a maioria deles de hábitos sedentários. Alguns, porém, com persistência tenaz, continuam vagueando pelo deserto, transportando-se em camelos com os seus bens e até as tendas, tecidos de pelo de cabra, que lhes servem de morada ambulante, munto resistente tanto ao frio como ao calor.

Um beduino do deserto do Neguev

O Governo de Israel tem procurado, de certo modo, resolver o problema destas pequenas minorias, cuja existência num Estado democrático como Israel, por muito pitoresca que possa parecer aos olhos do turista, não poderá deixar de entender-se como anacrónica. Em certos aspectos, a evolução foi possível. Em muitos outros, porém, os beduinos mantêm bem enraizada a sua tradição. O cheique, embora não disfrutando de direitos sobre a propriedade material, é ainda como que um patriarca e um árbitro em matéria legal. E' ele quem melhor conhece as leis e as tradições dos tribos, e por isso quem melhor as pode fazer cumprir. E' ele quem julga os litígios, conhece os poços a utilizar e o estado dos caminhos. E' o cheique que mantém vivo o imenso espírito de solidariedade entre os clans, tão forte que ainda hoje qualquer delito cometido contra um dos seus membros, será vingado por toda a tribo.

A mais numerosa tribo de beduinos do Neguev conta 5.000 almas. o seu cheique, Suleiman Ibn Huzyil, é personalidade muito popular, devido á propaganda que tem desenvolvido em torno da sua pessoa. Ainda recentemente adquiriu um espampanante «Buick», para uso pessoal, que estaciona perto da tenda, lado a lado com os seus camelos. Deu igualmente grande publicidade ao seu desejo de contrair novo matrimónio com uma cidadã americana. Tem actualmente 2.000 carneiros, 300 camedos, 300 burros, 200 vacas, 100 cavalos, 90 filhos e 39 mulheres, o que, mesmo para um cheique, não pode deixar de se considerar um magnífico património.

O futuro de Neguev

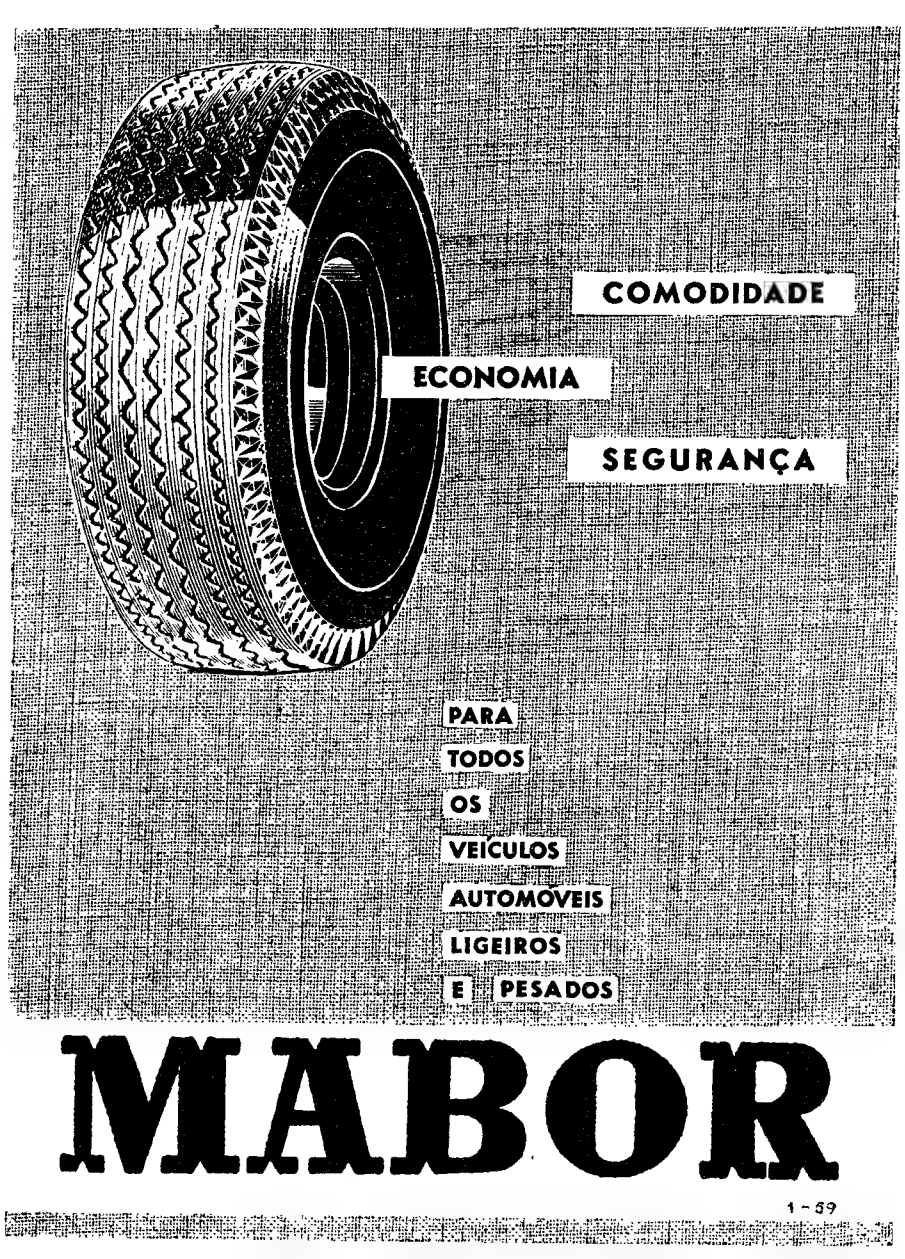
Para além de todo o pitoresco e conjunto de sensações novas que o Neguev nos possa proporcionar, está o verdadeiro significado e o interesse primordial deste território para o novo Estado. As escavações feitas pelos arqueólogos revelaram a existência no Neguev de uma antiquíssima civilização agrícola de grande prosperidade, 2.000 anos antes da era dos Patriarcas. Mais tarde, no tempo dos próprios Patriarcas continua a haver indícios da fertilidade das terras do Neguev, pois foi então que, como se refere no Genesis que «lançando Isaac a semente naquela terra colheu cem por um». Sucessivamente outras civilizações se desenvolvem na Palestina e o Neguev atinge o máximo da sua prosperidade com os Romanos e Bizantinos. Com a queda destes ultimos, as terras invadidas pelos Árabes e por eles abandonadas perdem então a sua fertilidade e estéreis se conservam até aos nossos dias. Sabedores, assim, de que o Neguev foi outrora fértil e animados da firme esperança de que voltará a sê-lo um dia, os Israelitas trabalham animosamente nesse sentido.

A criação de pequenas colónias agrícolas, de estrutura colectivista muito interessantes, que noutra altura referirei, os «Kiboutz» e os «Mochav», foi o primeiro passo nesse sentido. Existe um audacioso plano para a recuperação do deserto. Dele constam o estabelecimento de novos nucleos de colonos em localidades já fixadas, o estabelecimento de estradas nesta região e o desenvolvimento de industrias no próprio seio do deserto, aproveitando as suas riquezas minerais.

Actualmente explora-se cobre para exportação ao Sul do Neguev, bem próximo do local onde o rei Salomão teve as suas minas e utilizam-se os sais potássicos nas instalações industriais das margens do Mar Morto. Numerosas outras explorações mineiras neste território admitem possibilidade de aproveitamento industrial. O petróleo também, embora ainda não encontrado, continua a ser procurado e o êxito das pesquisas poderia significar a resolução de muitos dos problemas de Israel e por certo também o aparecimento de novas preocupações.

Finalmente, do referido plano de recuperação do Neguev, consta uma vasta obra de irrigação, já parcialmente executada pelo aproveitamento das águas do rio Yarcon, ao Norte de Tel-Aviv, e a sua condução ao deserto por centenas de quilómetros de condutas de 2 metros de diametro, quais gigantescas «veias» onde circula o «sangue» que vai irrigar os centros vitais, impulsionado pelo coração generoso de todos os Israelitas.

LUÍS EUGÉNIO VEIGA DA CUNHA



Problemas dos jovens

Caro Carlos Alberto:

Gosto imenso de discutir problemas com pessoas que apoiem os seus argumentos em alicerces fortes, ou que pelo menos tenham convicção naquilo que afirmam. Por isso mesmo gostei das suas opiniões, pois elas podem vir a esclarecer mais objectivamente, o assunto em causa.

Acusa-me você, de eu usar de uma certa liberdade de expressão, e os seus reparos incidem primeiramente na palavra «exportar». Usei desta palavra como poderia empregar «transmitir, propagar, etc.», que genéricamente encerram a mesma ideia — a de cópia. Esses países precursores, ainda têm um mérito, aliás inglório, o da originalidade de movimento. Nós limita-mo-nos a decalcar, depois de sabermos os «contras» que dessas ideias podem advir. Portanto, como é lógico concluir, nós somos piores, porque agimos conscientes do perigo do movimento.

Referi-me ao «jovem português», pela simples razão, de ser meu objectivo primordial, tratar da repercussão do movimento em Portugal.

Mais adiante você fica admirado com a palavra «superhomem». Absolutamente de acordo, se você não tivesse deturpado o sentido que eu pretendia dar a esta palavra! Leia novamente o período quelhe faz referência, e verá que ela foi dita com o propósito de ridicularizar os «teddy-boys». Se eu empregasse essa palavra no sentido que você lhe deu, eu não seria cocrente com o que afirmava, pois mais adiante me referia aos «teddy-boys», em termos que indicavam que eles não eram de modo algum, pessoas excepcionais. Pelo contrário. Logo, a palavra «superhomem» devia entender-se, no sentido depreciativo.

Não concorda com o facto de os «teddy-boys», serem «regra geral» tímidos!? Pois eu concordo em absoluto! Você já ouviu falar em tendências recalcadas? Pois bem, eu vou tentar explicar-lhe: certos indivíduos possuem tendências moral e socialmente condenáveis, que são recalcadas pela consciência, que depois as transmite para o subconsciente ou inconsciente. No entanto estas tendências recalcadas ficam sempre á espera do momento oportuno de se expandirem, quer directa quer indirectamente. E' isto tudo o que origina os complexos. Assim os «teddy-boys» são indivíduos que «regra geral» são tímidos, devido aos «montes de complexos que possuem. Procuram refugio neste movimento, para satisfazer livremente as suas tendências naturais. E repare que em todas as suas atitudes, se reflecte o que acabo de expor.

Quanto ao aparecimento dos «teddy-boys» e sua aceitação em outros países, persisto em atribuir á sociedade a maior soma de culpa, quer pelo ambiente propício que concede a indivíduos fácilmente penetráveis pelas ideias imorais», como muito bem você diz, quer pela deficiência de organismos de assistência e vigilancia social eficazes, que escasseiam.

Distribuir também, uma pequena parcela de responsabilidade pelos pais, concedo, mas atribuir a maior parte da responsabilidade, a indivíduos de espírito doentio, não encontro acertado, já que — você próprio o afirma — «as ideias imorais vão avassalando os países de um extremo ao outro...».

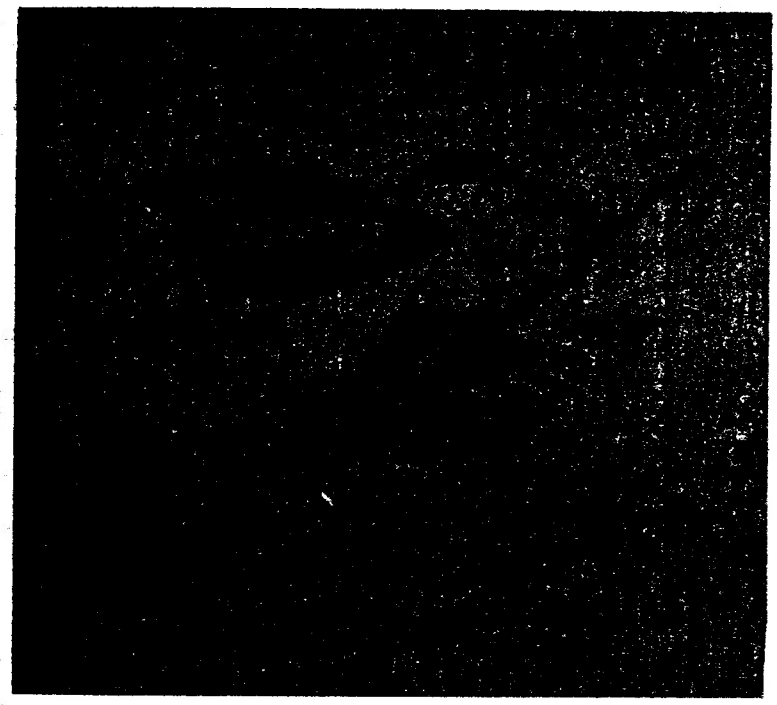
Com semelhante panorama social, não admira que os maus exemplos vão frutificando. Não é verdade?...

AMIGO N.º 941

CARTA AO AMIGO 1.286 SOBRE OS TEDDY-BOYS

Li com bastante atenção a sua crítica, e não concordei com muitos pontos na sua argumentação, pelas razões que passo a expor.

por VÍTOR MANUEL VELOSO DA SILVA



FLASH

HÁ SEMPRE UMA FLOR

Eu que estou entre pessoas amigas. Quase posso dizer: entre família. E' tão bom estar entre amigos... Para eles, não necessitamos de usar máscara. Somos a nossa própria água da fonte, sem misturas. E isso dá uma sensação de força, de confiança... Ainda não repararam?

Bem, entre amigos. Bom dia
Estou triste, hoje.

Uma melancolia...
E porquê?

Aí é que está, não sei dizer. Se eu contasse isto a certas pessoas elas diziam que eu estava maluquinho. É o contas! Conto a vocês porque me entendem, porque me respondem: sim, 6 isso, ás vezes, sem sabermos porquê... Fabricam-se lágrimas dentro dos nossos olhos sem chegarmos á conclusão de que materiais são elas feitas. Não tarda que comecem a abrir caminho para a luz como passarinhos tontos...

E' assim ou não é?

Pois eu estou nesse ponto.

Chego á janela para espairecer. Afasto a cortina. Nem uma folhinha bole. A árvore da esquina parece caída em transe, aguardando a chegada da Primavera. O dia vestiu-se de cinzento, cerimonioso. Pff... Um dia como os outros, afinal de contas...

Isso me dói, ir viver um dia igual aos outros. Um dia onde jugamos que nada acontece... Não tenho nada que fazer. Bem procuro. Nada. Nem sequer aprendi o «hula-hoop».

Eis que se abre a janela da varanda na casa em frente. Assoma uma senhora de idade. Vens apanhar sol, companheira. E' o que te resta.

Também não tens nada que fazer, heim? Aposto que te sentes triste. Sem saber porquê, 6 isso? Está aí a explicação: sentimo-nos tristes sem razão quando as nossas mãos não sabem que fazer...

Mas espera... A velhinha traz um regador. Vai lá dentro, deita pela cabeça a camisolinha do neto por causa do sol, regressa. Espairece os olhos dois minutos pela rua a ver se passa alguém. Rega o vaso que tem a flor mimosa encostada ás grades. Espera que a terra absorva, pacientemente, torna a deitar...

... ...

Aprende, amigo. Aprende que há sempre que fazer. Sempre, quem tem mãos. Há sempre uma flor que precisa de nós...

Percebo.

Percebo e por isso vou escrever este «flash».

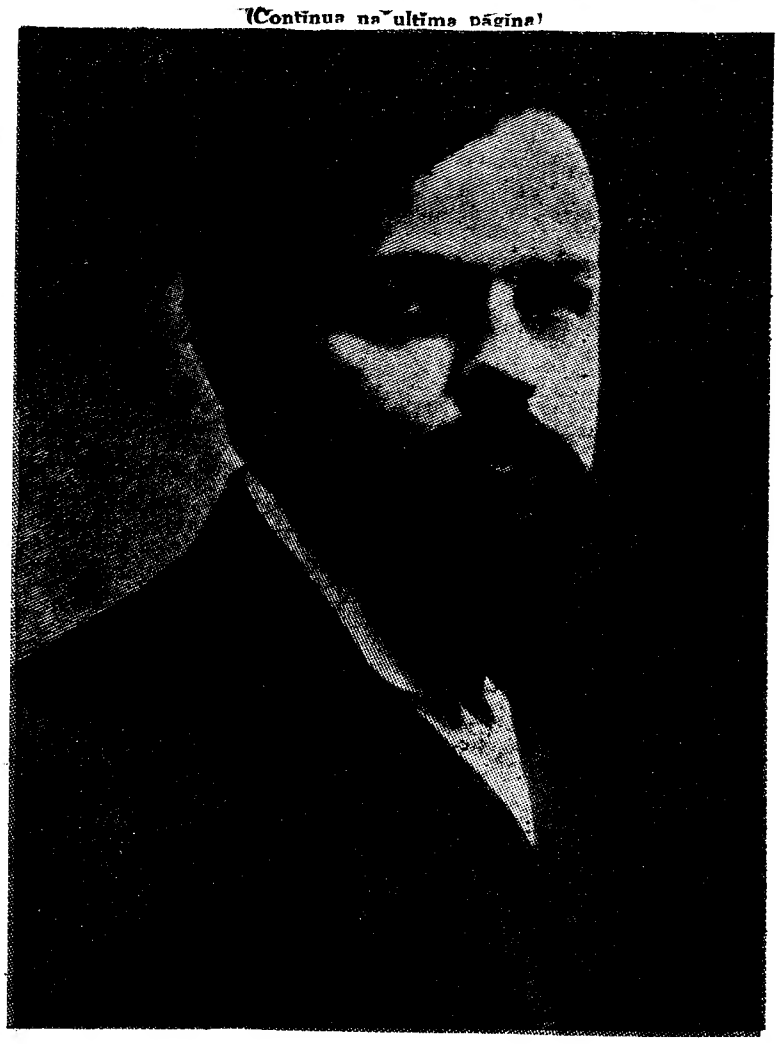
POR
MANUEL AGRA

vistos pelos jovens

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Este grande compositor francês nasceu em Saint-Germain-en-Laye, em 1862, e morreu em Paris, em 1918. Aos 10 anos entrou para o Conservatório. Aos 22 anos obteve o Prémio de Roma com a sua cantata «L'Enfant Prodigue». Graças á protectora de Tchaikowski, a baronesa de Meck, viajou pela Suíça, a Alemanha, onde encontrou Wagner, a Itália e a Russia. Em 1885 volta a Roma. De regresso, e salvo raras excepções, fixara residência em Paris. Numa viagem a Beyruth conhece o «Tristão e Isolda» de Wagner, que lhe causa profunda im-

(Continua na ultima página)



O VOLUNTÁRIO DO ESPAÇO

ULTIMO EPISÓDIO ● REGRESSO À TERRA

E' pena que eu fosse atacado pelo desejo de regressar á Terra, pois estava a ganhar muito dinheiro, como cantor de «rock» em Lyn. Mas a saudade do meu velho planeta, conquistou-me e tive de preparar tudo para o regresso.

O Lynense extremamente comovido abraçou-me. Eu ia deixar um grande amigo noutro planeta. Estávamos á porta do meu foguetão. Era uma autentica fuga. Não tinha dito a ninguém, a não ser ao meu amigo que ia regressar á Terra. Ao meu planeta! Sempre tive o condão de criar amigos, onde quer que vá. Até ali eu fiquei com um amigo. Aliás, todos os Lynenses, pelo menos aqueles que conheci, eram bastante simpáticos. E havia Lynenses (sexo feminino) que eram bastante mais simpáticas que... bem... que muita gente que por aí anda. Podem ficar, com a certeza, de que se por acaso a «gente» da Terra quisesse conquistar, qualquer planeta que ande a rodar aí pelo espaço, seria muito mais eficaz, se em vez de enviarmos homens armados até aos dentes, com as ultimas armas atómicas, mandássemos gentis «conquistadoras», que tenho a certeza, conquistaria um Planeta Marte com facilidade, mesmo que os Marcianos, tivessem cinco braços e fossem louros de cabelo comprido.

Carreguei na alavanca de arranque e o foguetão, dando um enorme solavanco, deixou Lyn. No imenso deserto da superfície do planeta julguei ainda ver um pequeno ponto agitando um lenço. Um lenço como os da Terra, agitado por um homem, vestido da mesma maneira que os da Terra... como isto era curioso...

(Continua na ultima página)

PALAVRAS CRUZADAS EM FRANCES E INGLES
VEJAM EM «DOIS MINUTOS DE INTERVALO»

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O NINHO DAS VESPAS

Basílio não teve grande pressa em tomar o jornal que o detective lhe estendia. Só depois de saborear o bife até ao ultimo pedacinho, segurou o jornal e leu o anuncio sublinhado a encarnado:

«BENGALA DE BAMBU»

Em virtude ultimos acontecimentos impossível efectuar reunião aqui. Esperamos-te «Flor de Lótus» sair hoje mesmo.

—Percebeste? — perguntou o detective.

—Claríssimo!

—A que conclusão chegaste? — insistiu Pararraios.

—A duas — respondeu o ajudante calmamente —. A primeira é que o meu amo vai, porque não pode, ficar inactivo...

Pararraios serriu.

—E a segunda?

—A segunda é consequência dessa: Lá se foi uma soneca que eu tinha por garantida...

—Mas ainda agora acordaste!

—Isso que tem? Uma soneca em cima de um bife como este julgo-a tão indispensável como uma casaca em festa de cerimónia!

—Pois, amigo, ainda desta vez adiarás tua soneca. Levantam-se problemas mais sérios...

Foi dali telefonar á Companhia de Navegação. Soube que o «Flor de Lótus» largava para os portos do Mediterraneo ás onze horas e quarenta.

—Rápido, Basílio! — exclamou o detective — temos apenas dez minutos para o apanhar!

Lançaram-se em corrida pelas ruas de Havana onde ainda o povo, com descantes e bailaricos, dava largas á sua alegria. Mas quando chegaram ao cais—maldição!—o «Flor de Lótus, calmamente, encaminhara-se para o mar alto... Encostado á muralha, Sum Wi, jocosamente, dizia adeus acenando, ao mesmo tempo, o sorriso e a misteriosa *bengala de bambu* de que depende a sorte do Mundo...

—Perdemos a partida—exclamou Basílio.

Pararraios abanou a cabeça:

—Enganas-te. Perdemos apenas um lance... *Simplesmente* eles não contam comigo — e o seu mal começa aí... Deixa-me concentrar um minuto e verás como resolvo o problema...

Existe, no Mundo, um mistério, até hoje inexplicável: sempre que alguém pretende *a sério* resolver um problema, tudo se conjuga para lhe facilitar a tarefa. Até se diz que o acaso serve a ciência. Mentira. A ciência é que se serve do acaso!

Quando o governador do presidio onde os dois amigos estiveram encerrados passou por eles, entregue aos seus pensamentos, qualquer outro o deixaria passar, com indiferença. Outro que não fosse Eusébio Pararraios, o maior detective do Mundo!

—Senhor — e o detective correu atrás dele — E' a Providência que o manda!

—Porquê, meu amigo?

—Perdemos o navio e isso faz-nos um enorme transtorno.

—Qual é o navio?

—O que ali vai, o «Flor de Lótus».

—Aguardem aqui um instante. Mandarei pôr um helicóptero á vossa disposição.

Disse e cumpriu. Passados instantes os dois amigos entravam a bordo de um helicóptero que se elevou, quase verticalmente. Rumaram para o alto-mar e não lhes foi impossível alcançar o «Flor de Lótus». Este, na presença dos sinais que lhe fazia o piloto, abrandou a marcha até parar. Então, Pararraios e Basílio foram descidos para o tombadilho onde chegaram sem novidade. Um homem baixo, corpulento, com a pele á bicho de seda e olhos de amêndoa, aproximou-se:

—O capitão? — perguntou amavelmente Pararraios.

—Eu próprio. Que deseja?

—Seguir viagem, naturalmente.

Identificou-se e a sua qualidade de polícia amador, internacionalmente reconhecida, abriu-lhe todas as portas.

—Seja benvindo. — disse o capitão, com uma mesura.

Atrás dele, nesse mesmo instante, surgiu Sum Wi. Abriu os pequeninos olhos de espanto:

—Vocês... aqui...

—Em todo o lado, senhor — retorquiu Pararraios — Hei-de perseguir o crime nem que, para isso, tenha de descer ao inferno.

—Pois parece que foi onde nós descemos, meu amo! sussurrou Basílio com voz trémula. De facto, num abrir e fechar de olhos, viram-se rodeados de gente miuda, de expressão enigmática, que fechava o círculo, lentamente...

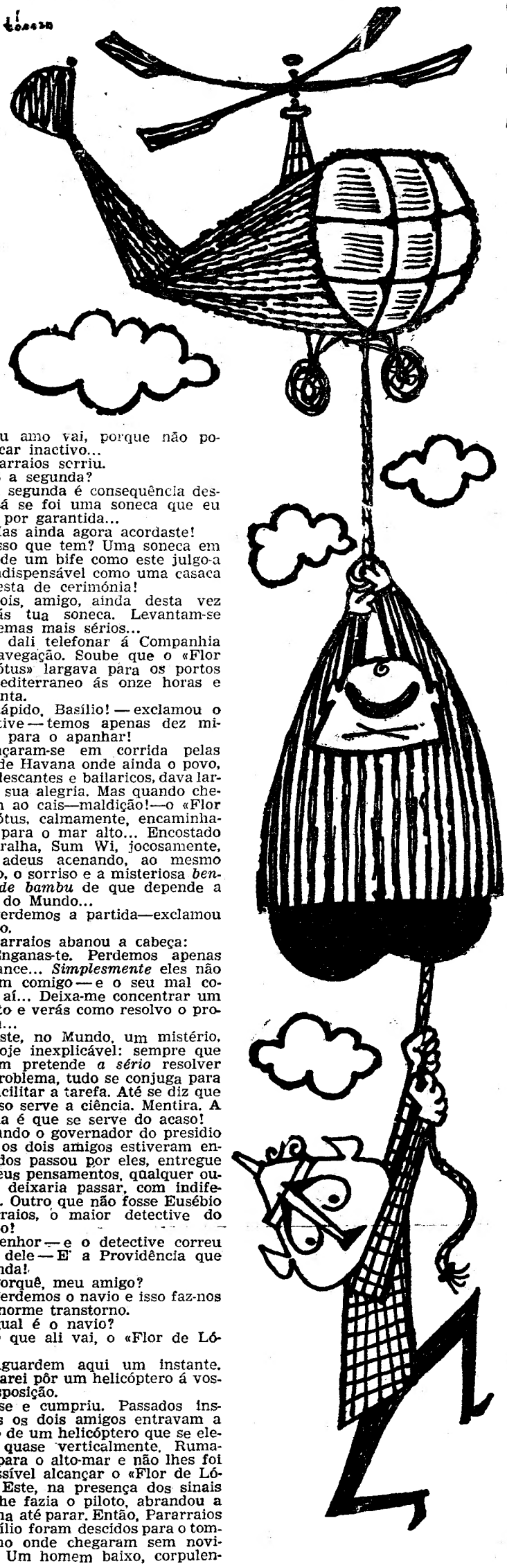
—Não mostres que tens medo, meu amigo — aconselhou o detective — ou muito me engano ou é agora que nos vamos apoderar da *bengala de bambu* e salvar a Humanidade!

—Já me dava por satisfeito — retorquiu o ajudante — se me pudesse salvar a mim deste ninho de vespas!

A uma ordem do comandante, os marinheiros saltaram sobre os dois amigos que foram algemados e atirados ao porão.

—Desejam fazer o testamento?— perguntou Sum Wi com uma larga vénia.

(Continua)



O MISTÉRIO DA BENGALA DE BAMBÚ (XIII)

Por Manuel Salgueiro

A vida nos outros mundos

Com uma obra subordinada a este título acaba a Editora Arcádia da lançar uma nova colecção a «Colecção ARCÁDIA» — na qual se publicarão livros sobre ciência, técnicas, filosofia e biografias.

Trata-se, pois, de obras de divulgação, o que nos leva a aplaudir tão util empreendimento.

«A VIDA NOS OUTROS MUNDOS», do grande divulgador inglês Herbert Spencer Jones, é uma obra excelente, cheia de oportunidade, que vem responder a muitas das perguntas que a juventude do nosso tempo faz: Há vida em outros mundos? Quais são as condições para existir vida? Como é o Universo? Em que planetas existe àlmosfera?

Eis um livro de grande interesse.

Concurso da semana

GENTE NOSSA

Na madrugada
pelo imenso charco
lá vai o barco
num quase nada...

Nas ondas dança
do escarcéu
— Pobre criança
que almeja o céu...—

Grita o arrais
ao remador
«Agora! Mais!
Com mais valor...»

Passa e lá vai...
Rápido, corre...
Como um breve ai
o dia morre...

A tarde cede.
Em fila e à mão
puxa-se a rede
ganha-se o pão...

Cor e Beleza.
A tarde fica
como a princesa
de capa rica...

Na mata, ali,
o melro lança
sua ironia
sua esperança...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, a seguinte pergunta:

Qual a praia portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 7 de Março.

Soluções dos Concursos da semana anterior: I — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: ERASMO. II — GENTE NOSSA: PENICHE.

Vencedores

1. — Amigo n.º 1.528 — Julio Maggiolly Novais (Lisboa).

2. — Amigo n.º 367 — Armando Delfim Hasse Ferreira (Lisboa).

3. — Amigo n.º 505 — António Carvalho e Branco (Dafundo).

4. — Amigo n.º 1.277 — António Tavares e Castro (Coimbra).

5. — Amigo n.º 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Monchique).

6. — Amigo n.º 702 — Maria de Fátima Oliveira Lourenço (Lisboa).

7. — Amigo n.º 742 — Maria da Graça Rocha Lourenço (Setubal).

8. — Amigo n.º 1.506 — Maria Teresa Oliveira Azevedo (Coimbra).

9. — Amigo n.º 1.495 — Jorge da Silva Santana (Loulé).

10. — Amigo n.º 1.437 — Mário Martins de Carvalho (Lisboa).

11. — Amigo n.º 1.538 — Lino José Fernandes Coelho (Coimbra).

12. — Amigo n.º 1.539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).

13. — Amigo n.º 1.522 — Maria Teresa Proença (Queluz).

14. — Amigo n.º 1.536 — Clotilde Bacelar Reis (Lisboa).

15. — Amigo n.º 67 — Maria Margarida Losa (Porto).

Prémios

1 — «O MUNDO DOS ULTRA-SONS», por Koudriavtsev (Publicações Europa-América) Colecção «SABER».

2 a 4 — «AS MAOS NA PSICOLOGIA e NA MEDICINA», por Joseph Ranald (Publicações Europa-América) Colecção «SABER».

5 a 7 — «HISTÓRIA DA VELOCIDADE», por Pierre Rousseau (Publicações Europa-América) Colecção «SABER».

8 a 10 — «LUTAS SOCIAIS NA ROMA ANTIGA», por Leon Bloch (Publicações Europa-América) Colecção «SABER».

11 a 14 — «ANTES DO AMANHECER», por Somerset Maugham (Livros do Brasil, Ld.ª) Colecção «MINIATURA».

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE ERASMO

16. — Amigo n.º 1.472 — Maria Margarida Mello.

16 — «A CONDIÇAO HUMANA», por André Malraux (livros do Brasil, Ld.ª) — «FANGA», por Alves Redol (Publicações Europa-América).

ERICO VERÍSSIMO

Está entre nós o grande romancista brasileiro Erico Veríssimo. O que este escritor representa para a cultura de língua portuguesa já por várias vezes se tem feito a obrigatória menção. Hoje queríamos apenas aproveitar o pretexto da sua visita para lembrarmos aos nossos leitores a sua obra publicada em Portugal, por Livros do Brasil, Lda. e que temos oferecido aos vencedores dos concursos de «Diário de Lisboa Juvenil».

Romances: «Olhai os Lírios do Campo», «Saga», «Caminhos Cruzados», «Um Lugar ao Sol», «Clarissa», «Musica ao longe», «O Resto é Silêncio», «O Tempo e o Vento», «O Retrato».

Contos: «Fantoches e Outros Contos», «Noite».

Livros de Viagem: «A Volta do Gato Preto», «Gato Preto em Fundo de Neve» e «México».

Livros de Divulgação: «Viagem á Aurora do Mundo».

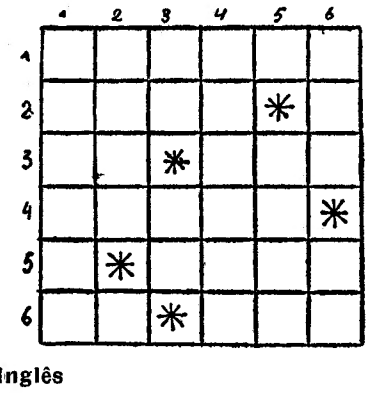
Todas estas obras pertencem á Colecção LIVROS DO BRASIL.

PALAVRAS CRUZADAS

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Barco. 2 — Agora. 3 — Duas letras de ruminar. Dobra, prega. 4 — Aquele. 5 — Quatro letras de «nunca». 6 — Preposição. Alho.

VERTICAIS: 1 — Boca. 2 — Arma. 3 — Pronome pessoal complemento. Acolá. 4 — letras de casámos». 5 — Liguei. 6 — Unido. Pronome pessoal.

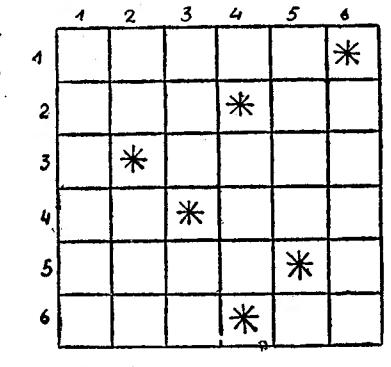


Inglês

HORIZONTAIS: 1 — País da Ásia. 2 — Carvalho. Tanto. 3 — Quatro letras de ginja. 4 — Contracção de «eu sou». Bacalhau. 5 — Nenhum. 6 — Espingarda, arma. Abreviatura de senhor.

VERTICAIS: 1 — Particípio de vir. 2 — Interjeição. As três primeiras letras de «montanha». 3 — Tratamento familiar do chefe de uma nação americana. Consoantes iguais. 4 — Gelo. 5 — As quatro primeiras letras de admiração, espanto. 6 — Encomendar, ordenar.

Soluções:



SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1 — Bateau. 2 — Ores. 3 — Um. Pli. 4 — Celui. 5 — Amai. 6 — Em. Ail.

VERTICAIS: 1 — Bouche. 2 — Arme. 3 — Te. La. 4 — Espuma. 5 — Lial. 6 — Uni. Il.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — China. 2 — Oak. So. 3 — Eitr. 4 — I'm. Cod. 5 — None. 6 — Gun. Mr.

VERTICAIS: 1 — Coming. 2 — Ha. Mou. 3 — Ice. NN. 4 — Ice. 5 — Ask. 6 — Order.

Resultado garantido

Um colega de escritório queixava-se ao sr. Periquitão do reumatismo que o não largava.

— Dá uma fricção de azeite — aconselha este.

— Isso dá resultado? — pergunta o colega.

— Se dá! Há mais de dez anos que o uso e não quero outra coisa!

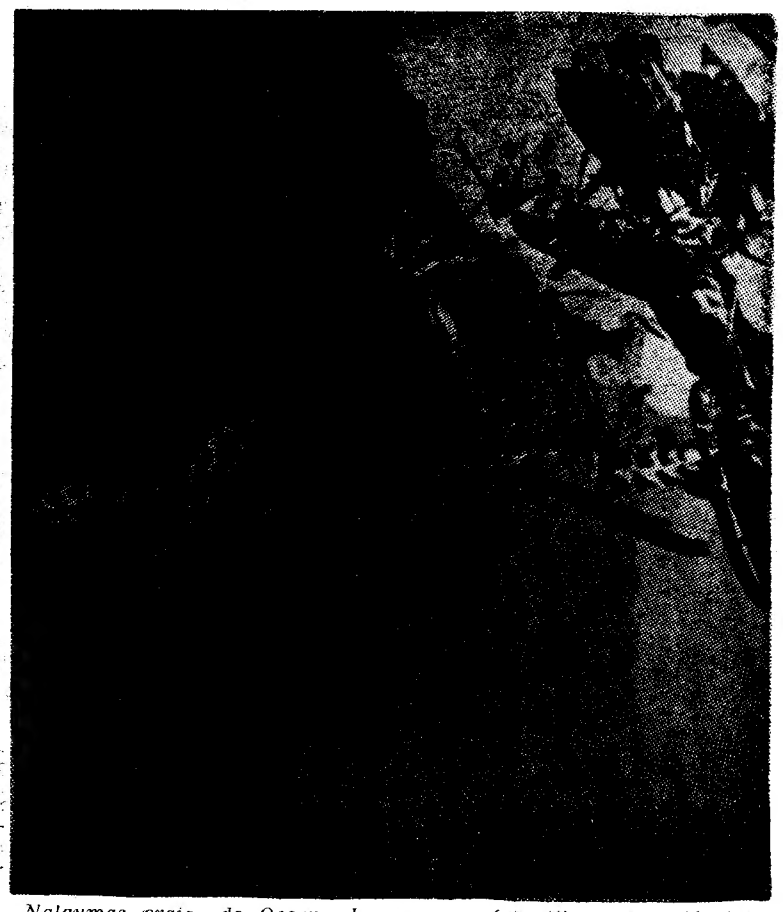
O Diário de Lisboa Juvenil publica-se aos sábados

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

ANIMAIS, ESSES DES CONHECIDOS

A previdência pode muito

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS



Nalgumas praias do Oceano Indico, nos bancos duros de coral, nas dunas áridas e nos recifes de areia, grandes, enormes aranhas tropicais tecem as suas teias e passeiam a sua solidão. São enormes e venenosas, capazes de vencer um coelho.

Pois bem, essa solidão é compartilhada. Na solidão das falésias desertas, contínuamente batidas pelas ondas e visitadas por aves marinhas que vão e vêm em perpétuo silêncio, não é só a aranha que constroi a sua vida. Também a vespa das areias, do tipo Pompílio, sobrevoa por ali. E' o pior inimigo da aranha gigante.

Quando esta, descuidada, se aventura até á areia branca das praias, mal sabe o que a espreita. Mas depressa um ruido de motor a amedronta e se aproxima. E' o Pompílio, em voo picado direito a ela. A aranha, já a viu e, assustada, tenta voltar ao buraco das rochas onde vive. Mas a vespa vigia, pica direito a ela e a luta começa.

E' numa luta renhida, de morte, tanto mais encarniçada quanto a vespa é muito mais pequena e quase sempre sai vencedora. Mas na sua pequenez tem um instinto que lhe ensina o ponto fraco do inimigo, o local preciso onde deve cravar o aguilhão. A aranha debate-se, encolhe-se, prepara o veneno, mas é inutil; a vespa já picou, rápida como a luz, lança-se sobre o torax da aranha que se debate convulsivamente, depois mais lenta, até ficar de ventre para o sol, inanimada. Não está morta, não, que a vespa a quer viva; está apenas paralisada, porque os centros motores ficaram tocados pela ferroada.

A vespa, convencida de que venceu, arrasta o inimigo por uma pata, com um esforço que só se calculará, comparando-o ao que um homem despenderia se arrastasse uma tonelada durante um percurso de trinta quilómetros. Mas vai frenética e energética, para o esconderijo préviamente escolhido. Ali, durante vinte dias, começa uma agonia atroz. Nascerão os pequenos Pompílios, cujos ovos foram depositados sobre o ventre gigante da aranha; e mal nascidos, trinta pequenos seres esfomeados, começarão uma refeição de carne fresca e... viva. Incapaz de se mexer, sentirá a morte lenta a que foi votada, numa zona tropical onde a comida se deteriora com extrema facilidade. Mas a vespa, com uma previdência que a luta pela vida lhe ensinou, descobriu como se guarda carne fresquinha, sem camara frigorífica — apenas usando o próprio corpo da vítima paralisada...

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

O Vitor palmilha em volta da mesa e, escusado dizê-lo, a mãe palmilha atrás dele em pé de guerra...

O Vitor considera-se o ser mais infeliz á face da Terra; pensa, e com razão, que uma minhoca tem mais sorte do que ele.

Para mal dos seus pecados, Vitor tem duas negativas a pesarem-lhe na consciência. (Bem, ele não tinha a consciência disso, mas a mãe, as tias, aliás toda a familia, disseram-lhe tanta coisa acerca do assunto, que ele agora sente bem quanto é volumoso o peso que transporta na consciência).

Sai do liceu e demora-se três quartos de hora em conversa com os amigos num banco do S. Pedro de Alcantara. Automáticamente pensa no fim da jornada e reza uma ou mais avé-Marias para que seja a criada velha a abrir-lhe a porta. E repete-se sempre a mesma cena: a mãe mostra-lhe uma corrreia, espécie de bomba atómica a usar contra o inimigo, neste caso eu, quando, segundo os seus dizeres «...as palavras não bastam e foi necessário recorrer ás acções».

Até hoje as palavras têm dado pouco resultado comigo.

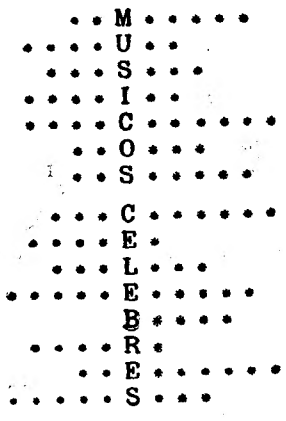
Quando eu «troco impressões» com a minha mãe em tom mais ou menos amistoso, depende da ocasião, quisquer palavras que eu pronuncie em minha defesa, são tomadas como nos tribunais por desrespeito á autoridade... e reviradas em meu desproveito.

Se a anomalia se passa á hora da refeição e os vocábulos empregados (segundo o critério de minha mãe) fazem estremecer a autoridade materna, a conversa é sempre cortada pelo conselho sacramental: «Não me deites fel na comida!»

Está claro que eu sempre me julguei incapaz de fazer uma tal barbaridade...

VITOR RODRIGUES

MÚSICOS CÉLEBRES



Substituir os pontos por letras de maneira a determinar os nomes de quinze musicos célebres.

Não vai ser difícil. Experimente.

Os CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

VIII - O desafio do cavaleiro verde

Estivessem onde estivessem, ao primeiro acenar das folhas amarelas do Outono, os cavaleiros da Távola Redonda, derramados por todos os cantos do Mundo, diziam de si para si:

— E' tempo de regressar a Chamalote, á Corte do nosso bom rei Artur!

Na lembrança acordava-lhes a funda saudade da camaradagem de todos os cavaleiros em redor da sua Távola ou da lareira. Que belas histórias, que novas aventuras não contariam!...

Despedindo-se dos seus hóspedes — ricos castelãos ou humildes camponeses — de novo eles partiam e os caminhos desertos e calados resmungavam sob os cascos dos seus cavalos. O vento invernio, tiritante e roncão, punha-se a arrepiar a carne indefesa dos pobres; os meninos, de narizinho e pézinhos roxos, enroscavam-se junto do borralho morto á procura mesmo do calor pouquinho duma brasa. Então os bons cavaleiros desciam das montadas e cortavam nas florestas braçados de lenha com que acendiam o amor na lareira dos pobres. Recebidos com alegria nos olhos camponeses, eles comungavam com eles, em redor do fogo, onde as chamas bailadeiras bailavam a bom bailar. No fim, para que a alegria fosse mais funda, depois de comida a broa e o humilde conduto, os cavaleiros recontavam seus feitos e aventuras. Nos momentos em que o perigo era maior — os meninos levantavam-se e, com os olhos pesados de lágrimas, aguardavam que o bom paladino não fosse morto pelos sujos traidores. A's vezes alguns não se continham e, erguendo as vozinhas, perguntavam:

— O' senhor cavaleiro, senhor cavaleiro, dizei que não morreste...

O cavaleiro sorria:

— Tinhas pena? Porque tinhas pena?

— O' meu senhor — respondia a família inteira, em coro — Que pergunta! Sempre vós tendes lenha e amor para nos dar...

E assim, de terra em terra, já enregelados pelas neves que anunciavam o Natal — os bons cavaleiros seguiam e seguiam pelos caminhos que vão dar a Chamalote.

Lá os esperava de braços abertos rei Artur e a rainha Genebra. E então começavam as belas conversas em torno da mesa e em torno da lareira. Contava um dia Galaaz — o jovem que se sentara na «Cadeira Perigosa» — uma formosa aventura que lhe sucedera nas florestas da Bretanha, povoadas de salteadores e de feras, quando um escudeiro anunciou a chegada de um desconhecido. Como em Chamalote a hospitalidade era uma das virtudes mais estimadas, logo se deu ordem de entrada ao desconhecido.

Ah! mas que estranho homem!

por TROTE

Não apenas por que fosse monstruosamente grande; nem porque, apesar de parecer um cavaleiro, de armas só empunhasse um terrível machado; nem ainda porque deixasse de envergar elmo ou qualquer couraça de ferro: mais estranho que tudo isto, e mais extraordinário do que tudo isto, era a sua cor — dos olhos, da pele, dos cabelos, da barba, das sobrancelhas, das pestanas e até do fato. Era todo verde!

Ao fitá-lo não houve ninguém que não tivesse um brado de espanto. E o cavaleiro, depondo o machado com estrondo, no lagedo, sacudiu os grossos ombros a rir. Seu riso reboou-se, medonho, pelas abóbadas do castelo. Depois o desconhecido ficou subitamente sério e observando os cavaleiros um a um, gritou:

— Quem é o dono deste castelo?

Artur levantou-se:

— Sou eu, Artur, rei de Inglaterra. Dizei quem sois e ao que vindes...

— Eu vim para te fazer uma pergunta. E's homem que me deixes lançar aqui um repto ?

Todos os cavaleiros se ergueram de repente, levando a mão aos punhos das espadas. As cadeiras foram arrastadas com estrondo.

Nessa altura o Cavaleiro Verde estendeu o longo braço e gritou com modos escarninhos:

— Deixai dormir descansadas as vossas espadas! Meu repto é outro. Posso lançar meu repto, Artur?

— Já tardais com ele. Quem quer que sejais, sabei que na Corte do Chamalote nenhum repto ficará sem resposta.

— Pois eu desafio quem me queira ferir com esta acha! — e estendeu para a mesa o seu enorme machado. Os cavaleiros entreolharam-se com espanto; voltaram a fitar o Cavaleiro Verde: e nenhuma palavra foram capazes de proferir. Seguiu-se um profundo silêncio que o desconhecido veio interromper com os seus insultos:

— Afinal enganei-me! A Corte de Chamalote transformou-se num covil de poltrões. Já bebem leite de cabra em vez de cerveja ou hidromel. Que fizeste dos teus famosos cavaleiros da Távola Redonda, Artur? Transformaste-os numa vara de rosados leitões? Foi isso?

Branco de morte, Artur, ergueu-se. Seus lábios sem sangue balbuciavam sons que ninguém entendia. Finalmente conseguiu murmurar, e a voz foi-se-lhe tornando pouco a pouco mais forte:

— Todas as ofensas te perdoaria, desconhecido, menos a mentira. Por muito louco que seja o teu repto, vou aceitá-lo.

— Não, senhor! Deixai que eu o aceite! — Quem assim falava era Galvão, sobrinho de Artur. E logo se dirigiu para o desconhecido: — Fala claro o que pretendes, mas não demores!

— Ah! não demoro, não, está descansado. Quero que me firas com esta acha e que daqui a um ano mais um dia me deixes ferir a ti no mesmo sítio que agora vais escolher. Aceitas? Ou serás um poltrão?

O jovem tirou-lhe com um arremesso o machado das mãos e gritou:

— Vá prepara-te, miserável! Prepara-te! E cala essa boca...

— Daqui a um ano e um dia! — lembrou o Cavaleiro Verde enquanto deitava suavemente a cabeça em cima dum escabelo...

(Próximo episódio: DAQUI A UM ANO E UM DIA)

SE QUISERES...

Se quiseres colorir fotografias ou fazer pintura com tintas de aguarela, nós aconselhamos-te

CORES «OLCAR»

Pedidos a

OLIVEIRA CARMO

Av. Rovisco Pais, 32, 3.º, Dto.
LISBOA

O saber não ocupa lugar

Este é, como os nosso leitores sabem, o distintivo da Colecção SABER editada por Publicações Europa-América.

São de excepcional interesse os ultimos livros publicados: referimo-nos, antes de mais, a «As Mãos na Medicina e na Psicologia» de Joseph Ranald. Além de nos fornecer muitos conhecimentos, a sua leitura é, na verdade, empolgante. Qual será o leitor que, linha a linha, página a página, não estará sempre a abrir a mão, a fim de comparar com o que acabou de ler?

Outro livro é «A Matemática dos jogos» de Maurice Kraitchik. Eis um belo guia para distracções!

Finalmente, temos «Os Problemas da Vida Mística», por Roger Bastide — livro para os leitores mais velhos, maiores de 17 anos.

Mas muitas outras obras convém sempre lembrar nesta colecção. Por exemplo: «Fernão Mendes Pinto», «A Inquisição Portuguesa» e «Fernão Lopes», de António José Saraiva; «O Embrião e a Evolução dos Vertebrados», por G. F. Sacarrão; «O Mundo dos Ultra-sons», por V. Koudriavtsev»; «O Voo no Espaço Cósmico», por A. Sternfeld, etc.

A Colecção SABER tem já 47 volumes (incluindo a Série Especial).

Como se chamam os individuos que nascem em Portugal? Portugueses. Mas é frequente ouvir chamar-lhes *Lusitanos*. Porque Portugal derivou de Lusitania. E Lusitania de onde deriva?

A maioria de nós ignora este ponto, o que não está muito certo. As opiniões não estão muito de acordo, valha a verdade, quanto á origem da palavra. Portugueses — Lusos, e porquê.

Diz Camões:

«Esta foi Lusitania derivada
de Luso ou Lisa...»

Quem era este Luso? Nada mais, nada menos do que filho de Baco, o Deus do vinho — que para a nossa terra foi tão pródigo.

Torna-se, no entanto, difícil de compreender as relações que na vida quotidiana existiam entre os homens e o filho de Baco (Luso) e o companheiro do mesmo Deus (Lisa).

Outra explicação para o facto é esta:

Lusitania correspondia á tribo celtibérica denominada Lusones em latim ou Lusões em português.

A este respeito escreve o professor Vasco Botelho do Amaral:

«Qual a raiz do nome Lusones ninguém sabe, mas dada a origem certa do nome da Lusitania, só por embriaguez mental se poderá ver o borrachão do Baco ou de seu filho na origem da Lusitania...»

E já agora aproveitando os ensinamentos do prof. Vasco Botelho do Amaral é interessante ver o que significam algumas palavras relacionadas com a nossa história. Comecemos por *Viriato*.

E' crença geral que este era um nome próprio que podia dar-se a qualquer pessoa independentemente do significado que ele contivesse (Eu, por, exemplo, sou Maria, e no entanto não sou nada *rebelde*...)

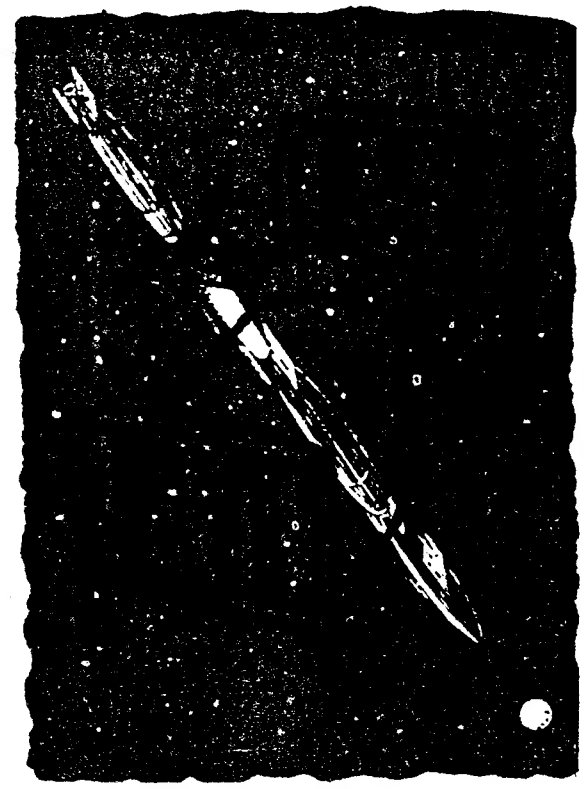
Pois tal não acontecia. Chamava-se *Viriato* aquele que em recompensa de altos feitos em combate recebia *viral*, isto é, braceletes. Estas braceletes eram um distintivo que atraía para o seu possuidor, o *Viriato*, o maior respeito e admiração pois significavam que ele lutara bravamente em defesa da tribo. Luís de Camões ao referir-se áquele que nós conhecemos pelo nome de «Viriato» (e é de crer que tenha havido não um mas vários) diz que era «pastor de gado destro na lança mais que no cajado».

Os Romanos que o digam.

Os marcos que os descobridores portugueses deixavam em cada nova terra que inscreviam no mapa chamam-se, como todos sabem, *padrões*. Porquê? Porque serviam de modelo, ou *padrão* de alguma coisa? Não senhor. Padrão deriva de *pedra*, é uma pedra grande, um *padrão* daqui a *padrão* a distancia já não é muito grande, não lhes parece?

O voluntário do espaço

por AGOSTINHO BRITO MACEDO — 16 anos



(Continuação da 1.ª página)

Olhei o quadro de deslocação do foguetão e verifiquei que ia na direcção certa. Parece que os «sábios» desta vez acertaram com as maquinetas. Já não era sem tempo...

... Há um mês que aquilo durava, e eu tinha a impressão que seguia com mais velocidade do que quando tinha voado em direcção de Lyn. De subito o botão de vermelho acendeu-se. Era a altura de carregar no botão-vermelho que ligaria um espécie de travões, para que eu não me aleijasse ao entrar na atmosfera da Terra. Comecei a sentir uma pressão enorme e desmaiei ao mesmo tempo que ouvi um grande estrondo...

... Depois o silêncio...

— Estou morto — pensei e abri os olhos.

Na minha frente uma parede branca e á minha volta tudo indicava, que aquilo era um quarto de um hospital. A porta abriu-se e entrou uma sorridente enfermeira... Estava na Terra... só não consigo perceber porque é que toda a gente e até os jornais dizem que eu tive um desastre de automóvel. Quando falo em Lyn, não parecem perceber. E' pena que não tivessem encontrado a minha mala. Como raio é que eu teria entrado para o automóvel, que vinha na fotografia que me mostraram?... E' um mistério. Talvez os sábios não quisessem divulgar nada... nem sequer, ainda entraram em contacto comigo... amigos da onça...

NOTAS DE LEITURA

Os livros de viagens na formação da cultura

Vocês, caros amigos, sabem tão bem como eu o prazer que nos oferece um livro de viagens. Um livro de viagens é sempre a reveiação de qualquer coisa que desconhecíamos, torna-nos descobridores, viajeiros, homens dos sete caminhos.

Isto mesmo — sustento eu — quando o livro nos fala de terras que já visitámos, que, dentro de certa medida, conhecemos.

— Mesmo nesse caso? — perguntam.

— Mesmo nesse caso.

— Só se for porque, dessa forma, reviveremos coisas, paisagens, gentes que nos deram motivos de alegria...

— Isso é talvez o menos importante, embora também tenha interesse. Porque lhes digo eu isto? Porque penso que os livros de viagens ou de impressões de viagens devem representar, na cultura da gente nova, como vós, um lugar muito especial. Muito especial, em dois sentidos.

O primeiro diz respeito ao seguinte: vocês visitam um país pela primeira vez, guardam dele uma determinada imagem; se lerem, depois, uma obra sobre esse mesmo país terão uma oportunidade (e de alto interesse) de comparar as vossas ideias e impressões com as do autor da referida obra. Isto tem importancia?

Estou certo de que todos vós dirão que tem. Antes de mais, porque (hipótese mais plausível) sendo o autor do livro, um adulto, nele encontrareis uma reserva de experiência e de cultura que vos proporcionará visões, impressões, descrições e ideias diferentes das vossas. Ainda no caso de o autor ser um jovem, pode dar-se (e quase sempre dá) o caso de a sua sensibilidade, a sua formação mental, serem diferentes da nossa. Então mais uma vez encontraremos uma visão do mundo diferente da nossa.

Sendo uma visão do mundo diferente da nossa — nós teremos um belíssimo ensejo de comparar as nossas opiniões com as de outrem, de verificar se as nossas são justas (quando é possível esta conclusão) e de enriquecer a nossa cultura, a nossa experiência, a nossa vida espiritual.

Mas eu disse em dois sentidos. Qual é então o segundo?

O segundo está em que tem muita importancia na nossa vida o sabermos que outras pessoas pensam de maneira diferente da nossa sobre os mesmos problemas, sobre os mesmos motivos. Ora não existe verdadeira cultura sem esta condição: a de que há muitos panoramas da realidade e que a verdade, a beleza, e saber só se atinge quando respeitamos as ideias dos outros e as sabemos discutir com tolerancia.

Todas estas rápidas considerações me foram suscitadas pelo livro de Urbano Tavares Rodrigues — «JORNADAS NA EUROPA». Ao falar nele, alguma coisa terei de vos acrescentar ao que fica escrito. Num livro não é apenas o assunto que conta. Quem escreve pode não ser apenas «quem escreve»: pode ser um artista; pode ser uma profunda sensibilidade; pode ser um espírito amplo, generoso — e Urbano Tavares Rodrigues é tudo isto. Para além do que nos descreve, está a maneira, como no-lo descreve — esse estilo (não prosa) de autêntico artista que nos faz simultaneamente ver, sentir e viver e que nos apresenta.

Eis um livro cujo encanto espiritual perdura muito para lá do voltar da ultima página!

«JORNADAS NA EUROPA», por Urbano Tavares Rodrigues — Publicações Europa-América, Lisboa, 1958.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 67: Margarida Losa (Porto): Muito obrigado pela tua segunda carta. Bem sabes que tens aqui verdadeiros amigos e nós só estranhávamos o teu mortalíssimo silêncio. Espero que agora apareças todas as semanas. Quanto ás respostas aos concursos, podes dizer apenas o nome do Gigante. Quando tiveres tempo para escrever um trabalho especial — ficas, claro, habilitada ao prémio especial.

Parabens por teres ganho um livro de Erico Veríssimo. Manda colaboração tua para publicarmos.

Amigo n.º 1469 — Pedro Foyos (Lisboa): Diz que numeros do «JUVENIL» desejas. Sobre o teu trabalho, falaremos na próxima semana.

Amigo n.º 1036 — Jaime Teixeira da Silva (Porto): Manda o teu trabalho e pode ser ilustrado com desenhos. Tendo interesse, publicá-lo-emos, como sucede com todos os nossos amigos.

Quanto a tamanho: não excedas as 700 palavras, não?

Registo o teu pedido de correspondente mas diz por que assuntos te interessas.

Amigo n.º 1492: António Manuel Simões Coutinho (Porto): Está desfeito o engano do teu numero, não é verdade? 1492 e no 1532.

O prémio seguirá dentro em breve. Registamos o teu pedido de correspondência, mas toma nota do que acima escrevemos.

Amigo n.º 1138: Maria José da Conceição Filipe (Sintra). Tomamos nota do erro de morada.

Amigo n.º 1428 — António Augusto Maurício (Sintra): Tens a tua ficha completa. Podes concorrer a todos os concursos e mandar os teus trabalhos para publicarmos.

Registamos o teu pedido de correspondente.

Bela da Conceição Silva Santana (Loulé): Dizes que nasceste em 8 de Dezembro de 1959. Não será engano? Eu suponho que deverias ter escrito: vou nascer no dia 8 de Dezembro de 1959. Por enquanto ainda não nasceste...

Manda a tua data de nascimento certa, claro.

Amigo n.º 1068: Ana Maria Lory (Lisboa): Vamos escrever-te um postal, para ver se ainda podes concorrer.

ATENÇÃO!

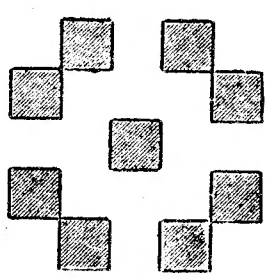
Não se esqueçam de enviar a data de nascimento e de responder aos concursos dentro dos prazos estabelecidos, isto é, até ao sábado seguinte em que são publicados.

SALTO DE CAVALO

Um passatempo que se orgulha de contar com imensa popularidade entre os leitores habituais de magazines e almanaques é o do «Salto do cavalo».

Se alguns leitores lhe resistem ainda é porque desconhecem o movimento do salto do cavalo,

Para resolver fàcilmente os passatempos "Salto de Cavalo„



familiar aos jogadores de xadrez.

Para esses aqui damos um esquema das casas que o «cavalo» pode ocupar ou atingir a partir de uma casa determinada (neste caso, a do meio).

E agora já podem adivinhar os versos que principiam na casa marcada com (X) e terminam na casa com (XX), formando um simétrico desenho...

NOTICIÁRIO DOS CONCURSOS

Termina hoje, conforme estava estabelecido, o prazo para a entrega dos trabalhos do Concurso

PORTUGAL E A JUVENTUDE

Infelizmente ainda agora nos chegam pedidos de informações sobre o Concurso. Digo infelizmente, porque já não vamos adiar mais nenhuma vez o respectivo prazo de entrega. Porque é que certos amigos só se lembraram de fazer perguntas á ultima hora?

Vamos começar a publicar os nomes dos concorrentes cujos trabalhos nos chegaram em primeiro lugar:

Margarida Losa (Porto): trabalho com o nome de «Suzana».

J. João G. Ventura (Coimbra): «Serra Negra».

José Augusto de Moura Pimenta (Queluz): «O Convento de Mafra» e «Notas de Reportagem: Queluz».

Francisco José Ferreira Fernandes (Torres Vedras): «Uma Semana de Férias».

J. Viçoso: «Um pequeno Passeio».

Maria do Céu Bilé Alves (Coimbra): «Um casamento numa aldeia alentejana».

Maria Celina de Lemos Godinho (Lisboa) «Manhouce».

Luís Manuel Fernandes Antunes da Silva (Damaia»: «Recordações de Férias» e «Barco Perdido».

José Alfredo Chambel Gomes (Lisboa): «Vida Alentejana».

António Degois: «Monumentos de Portugal».

João Jorge Antunes de Matos (Moimenta da Beira): «Aqui Douro—Vindimas!».

Marília Mendes da Silva (Lisboa): «Alentejo».

Dunia Rosale Entrudo Viegas (Faro): «Alguns atractivos de Tavira».

Maria Helena e Maria da Graça Duarte Tavares (Lisboa): «Alcobaça».

Desejamos (hoje, 3.ª-feira, dia 24 de Fevereiro, data em que se está a redigir esta notícia) que os nossos amigos que ainda nos não enviaram os seus trabalhos não se demorem.

No próximo numero continuaremos a publicar os nomes dos concorrentes.

Daremos também os resultados dos concursos especiais anteriores.

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

(Continuação da 1.ª página)

pressão. Em casa de Chausson conhece outra grande obra musical que o entusiasma: é o «Boris Gudunoven», de Mussorgski.

A sua obra é imensa; os nossos leitores conhecerão, porém, melhor as obras seguintes: «Prélude après-midi d'un Faune», «La Mer», «Iberia», «Pelléas et Melisande», etc.

Dele escreveu Paul Ducas, seu camarada de juventude:

«Depois das grandiosas arquitecturas musicais da época clássica e do fogo do romantismo, a musica francesa, por intermédio deste Mestre, vê-se coroada por uma inesperada floração de frescura, cujo aparecimento constituiu a encantadora surpresa da nossa juventude, e cujo desenvolvimento, tornado uma glória universal, não pode ser saudado com mais alegria do que por um daqueles que, desde o seu inicio, respiraram o seu primeiro perfume».

A sua musica, rotulada de impressionista, é misteriosa, subtil.

As respostas devem estar em «Juvenil» até ao próximo dia 7 de Março, acompanhadas das habituais informações: nome, data de nascimento, morada, numero de ficheiro (caso o tenham) e a indicação dos três artigos que mais apreciaram no Suplemento desta semana.

Além dos prémios costumados, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o compositor que homenageamos.